



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado em Ensino 1º e 2º CEB
- Português e História e Geografia de Portugal

Questões de Género antes e depois do 25 de abril de 1974:
estudo com turma do 6º ano de escolaridade

Liliana Filipa Couto Fernandes



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Liliana Filipa Couto Fernandes

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA
DE ENSINO SUPERVISIONADA**
Mestrado em Ensino 1.º e 2.º CEB
- Português e História e Geografia de Portugal

Questões de Género antes e depois do 25 de abril de 1974:
estudo com turma do 6.º ano de escolaridade

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Professor Doutor Gonçalo Nuno Ramos Maia Marques

Novembro de 2022

“Façamos o nosso futuro agora, e façamos dos nossos sonhos a realidade de amanhã.”

Malala Yousafzai

Agradecimentos

Com o fim deste percurso marcante da minha vida académica, é de salientar quem foi um pilar principal para que estes últimos cinco anos se tornassem possíveis e que tornaram esta caminhada mais fácil.

Começo por agradecer ao Professor Doutor Gonçalo Marques, pela orientação, disponibilidade, carinho, apoio e pela paixão e entusiasmo que transmite ao lecionar, é por causa desta paixão que sempre transmitiu que me fez querer ser como o professor no futuro.

Um agradecimento também a todos os professores que me orientaram foram essenciais neste percurso.

À minha família, em particular aos meus pais e à minha irmã que foram sem dúvida um pilar importante, sem o apoio incondicional deles não estaria aqui, foram eles que me apoiaram nesta aventura e sempre estiveram lá para nos momentos mais difíceis, compreenderam sempre as ausências e a falta de tempo e ajudaram-me a conseguir percorrer este caminho que por vezes não é fácil.

Aos meus amigos, pelos momentos vividos, pela partilha de conhecimentos e experiências, pelas palavras de coragem e apoio, sem dúvida eles foram importantes para tornarem esta caminhada mais leve.

Um grande obrigado também às minhas parceiras de estudo.

E por fim, aos professores cooperantes que me receberam de braços abertos e transmitiram-me tantos conhecimentos fundamentais para o meu futuro como professora.

Acabo por referir que nunca me vou esquecer dos momentos vividos na ESE-IPVC, foi uma experiência única e gratificante. E agradeço a todos os que estiveram inseridos neste processo e que de uma maneira ou de outra contribuíram para o meu crescimento enquanto futura docente.

A todos, um enorme, obrigada!

Resumo

O presente relatório final da PES retrata o percurso académico vivido no decorrer do ano letivo de 2021/2022, no âmbito do Mestrado em Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º ciclo do Ensino Básico.

Este relatório inclui o enquadramento das duas intervenções educativas realizadas: uma no primeiro ciclo do ensino básico e a seguinte no segundo ciclo do ensino básico, integrando, do mesmo modo, a caracterização de cada contexto, como atividades pertinentes realizadas, assim como recursos didáticos utilizados nas intervenções.

Apesar do enquadramento, é apresentada a proposta pedagógica numa turma de 6.º ano do 2.º CEB. Estas propostas destacam-se pela temática da Educação para a Cidadania Global cruzada com as questões de género e a condição feminina em Portugal antes do 25 de Abril de 1974 e durante o período democrático. Para realizar a investigação, foram utilizados diversos instrumentos de recolha de dados, nomeadamente o questionário, a entrevista, a observação direta, bem como trabalhos de sala de aula e jogos. O estudo realizou-se numa turma de vinte alunos do 6.º ano de escolaridade e com os seus respetivos encarregados de educação. Só foi possível este trabalho devido à cooperação da professora cooperante da unidade curricular de História e Geografia de Portugal. O presente estudo parte de uma metodologia de investigação qualitativa que tem como objetivo entender as conceções e opiniões dos discentes em torno das questões de género e, sobretudo, da condição feminina na História do Portugal Contemporâneo.

Sobressaem desta intervenção pedagógica algumas surpresas/novos conhecimentos dos discentes face à temática central, visto que não imaginavam que a caminhada das mulheres na luta por mais e melhores direitos cívicos e sociais tivesse sido tão dura e atribulada, bem como o desnivelamento existente entre funções de género no decurso do século XX. Este relatório é concluído com uma reflexão global sobre este percurso académico, assim como a nossa perspetiva e pontos de vista destes anos da realização da licenciatura e do mestrado.

Palavras-chave: História e Geografia de Portugal; Educação para a Cidadania Global; Papéis de Género; Condição Feminina no Portugal Contemporâneo.

Abstract

This final PES report portrays the academic path lived during the 2021/2022 school year, in the context of the Master's degree in Teaching of the Elementary Education, 1st stage - from the 1st grade to the 4th grade: and Portuguese and History and Geography of Portugal, in the 2nd stage- 5th and 6th grades.

The implementation of this report was based on the structure of other reports of the same kind and thus this began by including the framework of the two educational interventions carried out throughout the school year. One in the first stage of basic education and the following in the second stage of basic education, integrating in the same way the characterization of each context, as relevant activities performed, as well as the didactic resources used in the interventions.

Despite the framework, the pedagogical proposal is presented in a 6th grade class of the 2nd stage. These proposals stand out for the theme of Education for Global Citizenship, gender equality in Portugal before April 25, 1974, and during the democratic period.

To perform the research, data collection was used, using the questionnaire, interview, classroom work and games.

Data collection was carried out for a class of twenty 6th graders and their parents/tutors. This work was only possible due to the cooperation of the cooperating professor of the Curricular Unit of History and Geography of Portugal.

This study is based on a qualitative methodology that aims to understand the conceptions and opinions of students on the theme of gender equality.

This report concludes with a comprehensive reflection on this academic path, as well as our perspective and views of these years of the bachelor's degree and master's degree

Keywords: History and geography of Portugal; Education for Global Citizenship; Gender Roles; Feminine Condition in Contemporary Portugal.

Índice Geral

Introdução	1
Parte I - Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada	3
Capítulo I - Intervenção em Contexto Educativo no 1º Ciclo do Ensino Básico	3
1.1. Caracterização do contexto educativo no 1º CEB	3
1.1.1 O meio Local	3
1.1.2. O agrupamento e a Escola	4
Figura 2 - Horário da turma de 3.º e 4.º ano (Elaborado pela Professora Cooperante) 7	
1.1.3. A Turma	7
1.2. Percurso da Intervenção educativa: 3.º e 4.º ano de escolaridade	8
1.2.1. Áreas de Intervenção	8
1.2.2. Português	9
1.2.3. Matemática	11
1.2.4. Estudo do Meio Físico e Social	14
1.2.5. Expressões Artísticas e Educação Físico Motoras	16
1.2.6. Em síntese	17
Capítulo II – Intervenção em contexto educativo: O 2.º Ciclo do Ensino Básico	18
2.1. Caraterização do contexto Educativo	18
2.1.1. O meio local	18
2.1.2. O Agrupamento	20
2.1.3. A Escola	20
2.1.4. A Turma	23
2.2. Percurso da Intervenção Educativa: 6.º ano de escolaridade	24
2.2.1. Português	25
2.2.2. História e Geografia de Portugal	29

2.2.3. Envolvimento na Comunidade Educativa	32
2.2.4. Em Síntese	34
Parte II-Trabalho de Investigação.....	36
Capítulo I - Introdução.....	37
1.1. Caraterização do estudo	37
1.1.1. Identificação da pertinência do problema de investigação.....	38
1.1.2. Questões de Investigação	39
Capítulo II - Fundamentação Teórica	41
2.1. A importância da Educação Histórica e da Geográfica.....	41
2.2. A “longa marcha” da mulher na História	45
2.3. Em Portugal.....	48
2.4. Papéis de género na atualidade nacional	51
2.5. Questões de Género	55
2.6. Papel das mulheres nos manuais escolares.....	57
Capítulo III- Metodologia de investigação.....	66
3.1. Opções metodológicas.....	66
3.2. Descrição do estudo.....	68
3.3. Caraterização dos participantes	70
3.4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados	70
3.5. Procedimento de análise de dados.....	71
Capítulo IV-Apresentação e discussão dos resultados.....	74
4.1. Descrição da proposta pedagógica.....	74
Atividade 1- Questionário inicial	75
Atividade 2- Trabalho Biográfico sobre Carolina Beatriz Ângelo.....	77
Atividade 3- Jogo “Quem é Quem”	78

Atividade 4- “Saco das curiosidades”	80
Atividade 6 -Desenhos sobre as sessões	83
Atividade 7- Questionário final	84
Atividade 9- Entrevistas realizadas aos discentes.....	87
4.2. Análise e interpretação da proposta pedagógica	88
Atividade 1- Questionário inicial	88
Atividade 2- Trabalho Biográfico em torno de Carolina Beatriz Ângelo	92
Atividade 3- Jogo “Quem é Quem”	93
Estes testemunhos atestam bem a importância das aprendizagens e reflexões que a atividade proporcionou.....	94
Atividade 4- “Saco das curiosidades”	94
Atividade 5- Trabalho biográfico sobre uma personalidade feminina importante na história.....	95
Atividade 6 -Desenhos sobre as sessões.....	98
Atividade 7- Questionário final	99
Atividade 8-Questionário realizado aos Encarregados de Educação.....	105
Atividade 9- Entrevistas realizadas aos discentes.....	109
Capítulo V- Conclusões	115
5.1- Conclusões do estudo	115
5.2- Limitações do estudo	118
5.3- Considerações finais	119
5.4- Sugestões de investigação futura	120
Parte III- Reflexão Global da PES	121
Reflexão global.....	121
Referencias bibliográficas.....	125

ANEXOS..... 130

Índice de Quadros

Quadro 1: Representações femininas e masculinas nos manuais (seres humanos) (Elaboração Própria).....	61
Quadro 2: Representações femininas e masculinas nos manuais (animais) (Elaboração Própria).....	61
Quadro 3: Nível de escolaridade da população do sexo feminino em Portugal – Fonte: PORDATA (2020).....	62
Quadro 4: Nível de escolaridade da população do sexo masculino em Portugal – Fonte: PORDATA (2020).....	62
Quadro 5 - Aferição de competências de Literacia Histórica e Geográfica no 2.º Ciclo do Ensino Básico (Elaboração Própria)	73
Quadro 6: Respostas obtidas ao questionário inicial <i>pelos discentes</i>	89
Quadro 7: Respostas à questão três do questionário inicial pelos discentes	90
Quadro 8: Respostas referentes à questão número quatro pelos discentes.	91
Quadro 9: Respostas ao questionário final pelos discentes	101
Quadro 10: Resposta à questão número três “Antes do 25 de Abril” do questionário final	102
Quadro 11: Resposta à questão número três “Depois do 25 de Abril” do questionário final	102
Quadro 12: Comparação de respostas entre o questionário inicial e final pelos discentes	104
Quadro 13: Comparação das respostas dadas à questão número quatro entre o questionário inicial e o final pelos discentes.....	104
Quadro 14: Comparação da questão sobre o “Antes do 25 de Abril” entre o questionário inicial e o final.....	105
Quadro 15: Respostas obtidas ao questionário inicial pelos encarregados de educação	106
Quadro 16: Continuação das respostas obtidas na questão número quatro pelos encarregados de educação.....	107
Quadro 17: Respostas obtidas á questão número três referente ao “Antes do 25 de Abril” pelos encarregados de educação	107

Quadro 18: Respostas obtidas à questão número três referente ao “Depois do 25 de Abril”
pelos encarregados de educação 108

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Representação feminina e masculina nos manuais escolares	60
--	----

Índice de figuras

Figura 1 - Planta da sala de aula da turma do 3.º e 4.º ano de escolaridade (Elaboração Própria).....	6
Figura 2 - Horário da turma de 3.º e 4.º ano (Elaborado pela Professora Cooperante).....	7
Figura 3-Planta da sala de aula da turma do 6.º ano de escolaridade (Elaboração Própria)	22
Figura 4-Horário da turma de 6.º ano de escolaridade (Elaboração Própria).....	23
Figura 5-Alunos do 6.º ano de escolaridade na aula de Português dada pela P.E. (Fotografia da Autora).....	28
Figura 6- Imagens das aulas de História e Geografia de Portugal da turma. (Fotografias da Autora).....	30
Figura 7- Atividade "Contornos da palavra" com os alunos do 6.º ano. (Fotografias da Autora).....	33
Figura 8: Matriz disciplinar da Ciência Histórica. Fonte: Rüsen, 2001, p. 35	43
Figura 9-Elementos da Cruzada das Mulheres Portuguesas fotografadas junto do seu estandarte (1916).Fonte: Museu Bernardino Machado.	49
Figura 10-Questionário inicial (Elaboração Própria)	75
Figura 11- Alguns questionários preenchidos pelos discentes. (Fotografias da Autora)....	76
Figura 12-Guião Orientador (Elaboração Própria)	77
Figura 13- Imagens dos trabalhos realizados no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal. (Fotografias da autora)	77
Figura 14 - Jogo "Quem é Quem" (Elaboração Própria).....	79
Figura 15 - Imagens da realização do jogo " Quem é Quem". (Fotografias da autora)	80
Figura 16- Atividade "Saco das curiosidades". (Fotografias da Autora).....	80
Figura 17-Atividade "Saco das curiosidades" (Elaboração Própria).....	81
Figura 18-Guião Orientador (Elaboração Própria)	82
Figura 19- Desenhos realizados pelos discentes sobre as sessões de História e Geografia de Portugal dadas pela P.E. (Fotografias da Autora).....	83
Figura 20-Questionário final. (Elaboração própria).....	84
Figura 21-Questionários finais preenchidos por alguns discentes. (Fotografias da Autora)85	

Figura 22-Questionários preenchidos por alguns Encarregados de Educação. (Fotografias da Autora).....	87
Figura 23 – Ana de Castro Osório e Carolina Beatriz Ângelo no momento em que votaram. Fotografia de Joshua Benoliel. Fonte: Ilustração Portuguesa, N.º 276 (05/06/1911), p. 714.	92
<i>Figura 24: Isabel Rilvas</i>	96
<i>Figura 25: Maria de Lourdes</i>	96
Figura 26: Trabalhos sobre uma personalidade feminina importante na história realizados pelos discentes. (Fotografias da Autora).....	97
Figura 27: Texto e ilustração de um discente sobre a Revolução de 25 de Abril de 1974. (Fotografia da Autora)	98
Figura 28: Texto e ilustração de um discente sobre as temáticas lecionadas. (Fotografia da Autora).....	99
Figura 29: Ilustração de um discente sobre a Revolução de 25 de Abril de 1974. (Fotografia da Autora).....	99

Lista de siglas e acrónimos

AEC – Atividades de Enriquecimento Curricular;

CEB – Ciclo do Ensino Básico;

EL – Educação Literária;

G – Gramática;

HGP – História e Geografia de Portugal;

IPP – Iniciação à Prática Profissional;

LE – Leitura e Escrita;

O – Oralidade;

ONU- Organização das Nações Unidas;

P.E – Professor(a) Estagiária;

PES – Prática de Ensino Supervisionada;

Introdução

Este relatório foi elaborado no âmbito da unidade curricular da Prática de Ensino Supervisionada, do Mestrado em Ensino do 1.º ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Esta unidade curricular teve duas componentes de intervenção pedagógica: a primeira diz respeito ao 1.º ciclo do ensino básico, no qual eu e o meu par de estágio integramos uma turma de 3.º e 4.º ano de escolaridade com 10 alunos na sua totalidade, com idades compreendidas entre os 8 e os 10 anos. Numa segunda parte, fomos acolhidos numa turma de 6.º ano de escolaridade onde lecionamos as unidades curriculares de Português e História e Geografia de Portugal. Ambos os contextos de estágios pertencem ao concelho de Viana do Castelo.

Observamos que, com o passar dos anos, a Escola vai assumindo um papel cada vez importante na vida dos alunos, fornecendo as ferramentas necessárias para a formação de cidadãos, tendo por base a formação intelectual, a formação cívica e moral bem presente. Nesta medida, a Escola é potenciadora da construção de aprendizagens sociais e comunitárias fundamentais para uma vida democrática mais harmoniosa.

Nos tempos que correm, ainda existe a dúvida sobre quem é responsável pela transmissão de valores às crianças. Refere-se que estamos inseridos numa sociedade, onde as crianças passam mais tempo na escola do que em casa, sendo fundamental entender onde e como estão a ser transmitidos valores aos futuros cidadãos. Assim, é importante ter em conta os valores da convivência, da cidadania e da cooperação, rumo a uma maior igualdade entre géneros.

Partindo de todos estes pressupostos, foi essencial investigar as concepções das crianças e dos seus progenitores sobre o papel da mulher e do homem na sociedade, se as mulheres sempre detiveram dos mesmos direitos que o homem e se, em pleno século XXI, a mulher continua a ser vista com um papel secundário e proibida de realizar algumas atividades.

Para que se pudessem apurar estas ideias tácitas, foi desenvolvido estudo pedagógico-didático numa turma mista de 6.º ano de escolaridade, onde se recolheram e trataram as conceções que os alunos tinham sobre o papel de género antes e depois do 25 de Abril e nos dias de hoje. Foi realizada também uma pequena investigação sobre as conceções dos encarregados de educação dos discentes, para percebermos de onde surgem muitas das ideias e informações que os alunos trazem para a sala de aula sobre a temática em questão.

Esta investigação, no contexto de 2.º ciclo do ensino básico, mais concretamente na unidade curricular de História e Geografia de Portugal (mas também com o contributo da de Cidadania e Desenvolvimento, tendo em conta o apoio da Professora Orientadora Cooperante, também Diretora de Turma) teve como objetivo geral entender os diferentes pontos de vista e opiniões dos intervenientes neste estudo.

Desta forma, o estudo realizado retrata as conceções dos alunos e dos respetivos encarregados de educação sobre o papel da mulher e do homem antes do 25 de Abril de 1974 e durante o período democrático. Para recolher estas informações foram realizados questionários, entrevistas, trabalhos e realizadas observações durante o período de aulas. É possível verificar que o estudo contribuiu para esclarecer e alterar conceções.

No que se refere à organização deste relatório de prática de ensino supervisionada, está dividido em três partes distintas. A primeira parte, destina-se à caracterização dos contextos educativos, das áreas de intervenção e do envolvimento em projetos da escola. A segunda parte, é apresentada a proposta pedagógica de intervenção, onde se engloba a fundamentação teórica, as metodologias utilizadas e a conclusão. Na terceira e última parte, temos a reflexão global da prática de ensino supervisionada, que visa a análise completa de todas as etapas realizadas ao longo deste percurso delineado e o seu contributo para o desenvolvimento pessoal e profissional da discente.

Parte I - Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada

Capítulo I - Intervenção em Contexto Educativo no 1º Ciclo do Ensino Básico

Neste primeiro capítulo será descrita a intervenção no contexto educativo de 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, assim como a sua posterior caracterização. Assim sendo, serão referidas as características do contexto, do meio local, do agrupamento e as características da própria turma.

1.1. Caracterização do contexto educativo no 1º CEB

Desta forma será apresentada a caracterização do Contexto Educativo referente à primeira, etapa da PES no 1.º ciclo do Ensino Básico, descrevendo e especificando o percurso realizado.

1.1.1 O meio Local

No seguimento do 1.º semestre do ano letivo 2021/2022, da Prática de Ensino Supervisionada (PES), esta decorreu no 1.º ciclo do ensino básico e este insere-se numa das freguesias do concelho e distrito de Viana do Castelo.

Viana do Castelo é sede de concelho e capital de distrito localiza-se na região norte, no Minho Lima. Situa-se no extremo Noroeste de Portugal, limitada a Norte e Leste com Espanha, a sul com o distrito de Braga e a Oeste com o Oceano Atlântico. Fica na margem direita do rio Lima, junto à foz.

A cidade de Viana do Castelo apresenta cerca de 85784 habitantes. (INE,2021) Apresenta uma área de 319 km², e é constituída por vinte e sete freguesias. O contexto educativo em que decorreu a PES pertence a uma dessas freguesias.

Esta união de freguesias apresenta mais de 1000 habitantes e insere-se num contexto rural com fortes ligações à agricultura, às tradições e às festividades.

Para finalizar, é uma freguesia onde as pessoas são muito marcadas pelas tradições, costumes e gastronomia passada de geração em geração, sendo o que a torna mais autêntica e genuína onde as pessoas são acolhedoras e recetivas as novas gerações.

1.1.2. O agrupamento e a Escola

A Escola Básica onde se desenvolveu a PES pertence a um agrupamento escolar com 7 escolas, com capacidade de apoio educativo destinado ao 1.º ciclo do ensino básico. Seis destas escolas apresentam ensino desde o pré-escolar até ao 1.º ciclo do ensino básico.

Relativamente à Escola Básica do 1.º CEB/ jardim de Infância onde decorreu a PES, esta tratava-se de uma escola com boas condições e com recursos para o ensino-aprendizagem, assim como espaços para momentos mais lúdicos.

Apesar de a escola ser relativamente pequena, apresentava no seu interior três salas, duas salas destinadas aos alunos do 1.º ciclo e outra sala, posterior, destinada ao do pré-escolar. Existia também uma biblioteca onde os alunos tinham acesso a atividades lúdicas, livros e a computadores. Neste centro educativo havia também uma pequena arrecadação com material destinado às aulas de Educação Físico-Motora. Apesar deste contexto não ter um Pavilhão/Ginásio, os docentes usavam o recreio quando as condições climáticas assim o permitiam, para as aulas Educação Físico-Motora. Quando tal não era possível, a Biblioteca funcionava como recurso.

No que diz respeito às casas de banho, existia uma para docentes e auxiliares e outra para os alunos, separadamente por sexo. Já no que compete ao funcionamento da cantina, a comida era confeccionada pela cozinheira da escola e a ementa era igual para todas as escolas do agrupamento e, claro, esta era previamente aprovada por uma nutricionista.

Quanto aos recursos humanos, o corpo docente era composto por duas docentes de 1.º ciclo do ensino básico, uma docente de apoio educativo que se deslocava à escola quatro vezes por semana para apoiar as duas turmas de 1.º ciclo existentes, duas Educadoras de Infância, um professor de música e dois professores de inglês. Por outro lado, existam três assistentes operacionais e uma cozinheira.

Relativamente ao horário de funcionamento da escola, este iniciava às 9:00 horas, porém abria mais cedo para o acolhimento aos alunos. Das 9 horas ao meio-dia e meia os alunos do 1.º ciclo permaneciam nas atividades letivas destinadas, sendo que neste período tinham um intervalo das 10 e meia às 11 horas onde eram recebidas pelas assistentes operacionais durante esse tempo. Ao meio-dia os docentes do pré-escolar dirigiam-se à cantina onde permaneciam 30 minutos para almoçar, depois deste tempo dirigiam-se os alunos do 1.º ciclo do ensino básico.

No fim de todos almoçarem, as crianças com autorização podiam ir para o recreio brincar, sempre com o auxílio de uma assistente operacional. As atividades letivas iniciavam às 14 horas e 30 minutos e terminavam às 15 horas ou às 15 horas e 30 minutos ou às 16 horas, dependendo do horário estipulado. Contudo, depois destas atividades letivas os discentes eram inseridos em outras atividades de enriquecimento curricular.

No que se refere à sala da realização das práticas educativas, esta garantia ótimas condições para a aprendizagem dos alunos, apesar de ser antiga. Era uma sala grande com boa iluminação natural devido à quantidade de janelas existentes no espaço, para além de que tinha uma lareira que não era usada, dois quadros brancos, um projetor, um quadro interativo, um computador fixo e pequenos ecopontos para a realização da separação do lixo pelos discentes.

No que concerne à disposição das mesas, as mesmas foram alterando ao longo dos três meses de estágio pela docente. No entanto e apesar destas modificações, os alunos conseguiam ter uma boa visualização para o quadro e tinham espaço necessário para a realização das tarefas.

Quando iniciamos o estágio a sala não apresentava muitos trabalhos afixados, arrisco-me a dizer que as paredes estavam praticamente vazias, mas com o desenrolar da PES esta começou a ter mais trabalhos dos alunos afixados. Estes materiais enriqueciam o espírito de grupo e tornavam a sala mais familiar e acolhedora.

A planta apresentada na figura abaixo é correspondente à disposição da sala nos últimos meses de estágio.

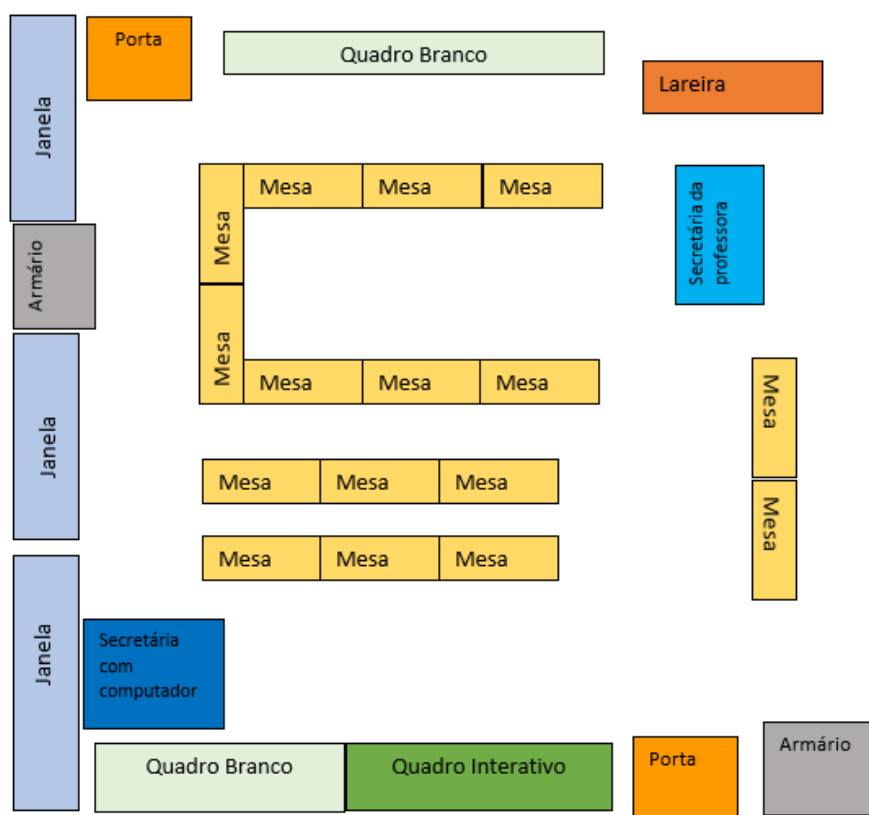


Figura 1 - Planta da sala de aula da turma do 3.º e 4.º ano de escolaridade (Elaboração Própria)

A rotina da turma era entrar desinfetar as mãos, retirarem os trabalhos de casa, e retirarem das caixas os manuais respetivos às disciplinas que iam trabalhar naquele dia. A manhã iniciava sempre com Português e só depois do primeiro intervalo é que era destinada à Matemática o mesmo só não acontecia à quinta-feira que após Português os alunos tinham Inglês. Já a parte da tarde não era destinada sempre às mesmas unidades curriculares à segunda-feira, terça-feira e sexta-feira as tardes eram destinadas ao Estudo do Meio, às quartas-feiras era destinada à Educação-Físico Motora (piscina) e Expressões. Já na quinta-feira os alunos tinham Matemática e Música, como podemos observar no horário apresentado:

Ano de escolaridade: 3.º e 4.º

	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
09:00-10:00	PORT	PORT	PORT	PORT	PORT
10:00-10:30		AE/OC			
10:30-11:00	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo
11:00-12:00	MAT	MAT	MAT	Inglês	MAT
12:00-12:30				MAT	
12:30-14:30	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
14:30-15:00	EM	EM	EXP Educação Física (Natação)	MAT	EM
15:00-15:30	Inglês		* EXP ART	EXP ART (Música)	
15:30-16:00					
16:00-16:30	Intervalo	Intervalo	Intervalo		Intervalo
16:30-17:30	Projeto	Pátio da Brincadeira	Projeto	Pátio da Brincadeira	Projeto

*Expressões Artísticas – Artes Visuais, Dramática, Teatro e Dança

OBSERVAÇÕES:

- Matriz curricular - 3.º ano e 4.º ano – 25h

Figura 2 - Horário da turma de 3.º e 4.º ano (Elaborado pela Professora Cooperante)

1.1.3. A Turma

A turma dos 3.º e 4.º ano de escolaridade era constituída por 10 alunos com idades compreendidas entre os 8 até aos 10 anos. Temos 7 alunos, 3 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, na turma do 4.º ano e 2 alunos do sexo masculino e 1 aluna do sexo feminino na turma do 3.º ano de escolaridade.

Na turma de 4.º ano tínhamos um aluno que necessitava de algum apoio extra, pois apresentava algumas dificuldades de aprendizagem devido a algumas condições de saúde.

Os alunos da turma residiam na freguesia ou nas redondezas da mesma, e deslocavam-se na sua maioria na carrinha da junta de freguesia, os restantes vinham de carro, com familiares.

Esta turma, de uma forma geral, tinha bons resultados, são alunos empenhados, curiosos e atentos. Contudo, no que se refere ao comportamento estes, por vezes, não tinham um bom comportamento acabando também por não respeitar as regras da sala de aula. Mas de uma forma geral a turma mostrava gostar das áreas trabalhadas, e participavam sempre com muito empenho e interesse nas atividades propostas.

1.2. Percurso da Intervenção educativa: 3.º e 4.º ano de escolaridade

Neste ponto irei abordar as principais áreas de intervenção, assim como os conteúdos e estratégias abordadas.

A Prática de Ensino Supervisionada realizou-se ao longo de 3 meses, onde três semanas foram de observação e onze de regência. Estas semanas de observação tinham o intuito de nos adaptarmos ao grupo, e conhecer todos os envolvidos, assim como, estratégias metodologias e dinâmicas utilizadas pela docente cooperante.

As semanas seguintes, 11, eram alternadas com o par pedagógico, ou seja, cada um ficou com 5 semanas de intervenção sendo que cada elemento do par teria duas semanas intensivas. Ou seja, o estágio era de segunda a quarta-feira tirando as quatro semanas intensivas que permanecíamos na escola de segunda a sexta-feira. Nas duas primeiras semanas intensivas permanecemos só quatro dias, pois surgiram dois feriados, já o mesmo não aconteceu nas duas semanas intensivas posteriores.

O trabalho destinado a esta Prática de Ensino Supervisionada era feito colaborativamente com o par de estágio desde as planificações até à realização dos materiais. E deste modo, sempre que realizávamos as planificações entregávamos à professora cooperante para, desta maneira, obtermos *feedback* e só depois enviávamos aos professores supervisores da ESE, correspondente à semana destinada a cada área disciplinar. Estes professores davam o seu parecer às propostas apresentadas, tendo em conta o seu conhecimento científico-pedagógico para, desta maneira, as regências correrem da melhor maneira possível. É de referir que a maioria dos conteúdos abordados durante estas semanas eram sugeridos pela professora cooperante, tendo em conta a gestão curricular da turma.

1.2.1. Áreas de Intervenção

O percurso de intervenção educativa ao nível das diversas áreas disciplinares compõem o currículo do 1.º ciclo do ensino básico, como: Português, Matemática, Estudo

do Meio (Físico e Social), Expressão Artística e Educação Físico-Motora. Estas são as áreas que vou falar neste tópico.

1.2.2. Português

No que refere à unidade curricular de Português foram trabalhados conteúdos em dois anos de escolaridade distintos o 3.º ano e o 4.º ano de escolaridade, apesar de no início trabalharmos com estes dois anos em simultâneo, nesta unidade curricular com o desenrolar das sessões e a pedido da cooperante começamos a trabalhar só com o 4.º ano de escolaridade. E os conteúdos abordados foram a Oralidade, a Leitura e Escrita, Educação Literária e Gramática.

“Ao longo do 1.º ciclo do ensino básico, a disciplina de Português permitirá aos alunos desenvolverem, em níveis progressivamente mais exigentes, competências nucleares em domínios específicos: a compreensão do oral, a expressão oral, a leitura, a educação literária, a expressão escrita e o conhecimento explícito da língua.” (Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 4.º ano, 1.º ciclo do ensino básico português, 2018)

Ao nível da oralidade “os alunos deverão estar aptos não só a compreender discursos (escutar, descobrir pelo contexto o significado de palavras ainda desconhecidas, saber reter o essencial, identificar a intenção comunicativa do interlocutor em 3 textos adequados à faixa etária), mas também a expressar-se de forma adequada (de modo claro, audível, e apropriado ao contexto), desenvolvendo capacidades discursivas como elaborar narrativas, descrições, opiniões, pedidos, num processo de desenvolvimento e consolidação da competência comunicativa.” (Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 4.º ano, 1.º ciclo do ensino básico português, 2018)

No seguimento das aulas foram trabalhadas a interação discursiva, ou seja, o princípio de cortesia e de cooperação, informação, explicação e pergunta, também trabalhamos a compreensão e a expressão, a pesquisa e registo da informação e a produção de discurso oral. Estes pontos foram trabalhados através da leitura de pequenos excertos ou mesmo de textos completos, da realização de tempos de debates e trocas de ideias do que era falado durante as sessões, através de ideias chave e opiniões. Estes registos eram sempre feitos no caderno, para levar o aluno a pensar e a entender melhor

as temáticas. Algo que também ficou assente logo desde as primeiras aulas foram as regras da sala de aula para que assim houvesse uma melhor organização e dinâmica.

Já no que compete à Leitura e à Escrita, as abordagens foram diversas.

Com estes domínios “pretende-se que os alunos tenham adquirido competência na leitura de textos escritos tornando-se leitores fluentes. No domínio da escrita, é esperado que, no final do 1.º ciclo, os alunos tenham atingido o domínio de técnicas básicas para a escrita de textos com vista a uma diversidade de objetivos comunicativos (contar histórias, fazer relatos de experiências pessoais, elaborar respostas a perguntas em contexto escolar, escrever cartas/e-mails a amigos e familiares, formular uma opinião), o que implica o desenvolvimento de competências específicas (compor um texto com uma organização discursiva adequada, diversidade vocabular; cumprir as normas, como a ortográfica, e adequar os sinais específicos de representação escrita da língua).” (Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 4.º ano, 1.º ciclo do ensino básico português, 2018)

Trabalhamos a fluência de leitura, a compreensão de texto, a pesquisa e registo de informação assim como a ortografia, pontuação e a produção de textos. Este domínio foi trabalhado muitas vezes com atividades do manual, sendo que chegamos por vezes a elaborar pequenas fichas e atividades também para os discentes trabalharem estes domínios.

No que compete à Educação Literária, “pretende-se que os alunos se familiarizem e contactem diariamente com literatura de referência, a partir da qual poderão desenvolver capacidades de apreciação. Fazer da leitura um gosto e um hábito para a vida e encontrar nos livros motivação para ler e continuar a aprender dependem de experiências gratificantes de leitura, a desenvolver a partir de recursos e estratégias diversificados, que o Plano Nacional de Leitura (PNL) disponibiliza, e de percursos orientados de análise e de interpretação. Especificamente na concretização de estratégias de leitura orientada, este domínio abre possibilidade de convergência de atividades de oralidade, de leitura, de escrita e de reflexão sobre a língua, visto que, sendo objeto o texto literário, nele se refletem procedimentos de compreensão, análise, inferência, escrita e usos específicos da língua.” (Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 4.º ano, 1.º ciclo do ensino básico português, 2018)

Deste modo, trabalhamos a leitura e audição, a compreensão de texto, a apresentação de livros e a produção expressiva (oral e escrita). Este ponto foi trabalhado, na sua maioria, com obras que chegávamos a levar para a sala de aula, era algo também que a cooperante aconselhava. E notava-se que os alunos ficavam sempre mais interessados quando levávamos a obra. Tentávamos sempre fazer com os alunos uma análise de pré-leitura, assim como colocar os discentes a ler partes do livro para assim despertar o interesse dos mesmos.

Como último domínio trabalhamos alguns tópicos de gramática, “no âmbito da gramática, o 1.º ciclo do ensino básico permitirá aos alunos desenvolverem a sua consciência linguística, consolidando gradualmente a capacidade de reflexão e de domínio das regras que estruturam a língua e que regem o seu uso.” (Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 4.º ano, 1.º ciclo do ensino básico português, 2018)

Apesar de termos trabalhado poucos conteúdos de gramática, pois a docente era mais apologista da realização de textos escritos e se os alunos sabiam escrever bem e se sabiam comunicar, logo dominavam bem as regras de ortografia e de gramática. Contudo, chegamos a trabalhar alguns temas, com a turma de 4.º ano de escolaridade, apesar de não chegamos a dar nenhum conteúdo novo. Na sua maioria, as aulas destinadas a este domínio eram aulas de revisões e que serviam para os discentes praticarem o que já foi aprendido nos anos anteriores.

As aulas destinadas a esta unidade curricular foram muito dinâmicas e tentamos sempre arranjar estratégias diferentes, como teatros, vídeos, jogos, músicas, trabalhos manuais, entre outros.

Assim foram as aulas destinadas à unidade curricular de Português, foram muito desafiantes, mas foi muito gratificante, principalmente quando no fim era notório que os alunos estavam a reter tudo o que aprenderam.

1.2.3. Matemática

No que compete à disciplina de Matemática durante o estágio foram lecionadas aulas intercaladas entre o 4.º ano e o 3.º ano de escolaridade.

“No 1.º Ciclo inicia-se o desenvolvimento sistemático das seis capacidades matemáticas transversais, com situações que simultaneamente sejam adequadas à idade dos alunos e lhes proporcionem oportunidades desafiantes de desenvolver o seu raciocínio matemático, valorizando-se neste ciclo sobretudo o raciocínio indutivo” (Educação, Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 3.º ano, 1.º ciclo do ensino básico matemática , 2018)

Deste modo trabalhamos com o 3.º ano o domínio Números e Operações, mais concretamente os Números Naturais até um milhão, Numeração Romana, a leitura por classes e por ordens e decomposição decimal de números até um milhão, Algoritmos da adição e da subtração, Tabuada do 7,8 e 9, Multiplicação de um número, Cálculo mental: produto por 10, 100 e 100 e produto de um número e de um algarismo por um número de dois algarismos.

“No 1.º Ciclo, importa que os alunos desenvolvam uma compreensão do sentido de número, em relação com a forma como os números são usados no dia a dia e usem esse conhecimento e o das operações para resolver problemas que envolvam a ideia de quantidade em contextos diversos, em especial do mundo real, onde importam as estimativas e valores aproximados. Destaca-se a importância do cálculo mental, a desenvolver desde os primeiros dias de escola e a perseguir ao longo dos anos, ampliando-se progressivamente o leque das estratégias que os alunos podem mobilizar e o universo numérico da sua aplicação. Os algoritmos das operações são abordados a partir do 3.º ano, após a construção com compreensão.” (Educação, Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 3.º ano, 1.º ciclo do ensino básico matemática , 2018)

No domínio de Geometria, falamos com os discentes sobre coordenadas em grelhas quadriculadas e figuras geométricas.

“No 1.º Ciclo, importa que os alunos iniciem o desenvolvimento do raciocínio espacial, com ênfase na visualização e na orientação espacial, essenciais para a compreensão do espaço em que se movem, tendo acesso a diversas experiências físicas (itinerários, vistas, plantas) e/ou com recurso a materiais que sustentem a construção das suas perceções espaciais, em especial com recurso a tecnologia. Os alunos contactam com um conjunto alargado de formas, relativas a figuras no espaço e no plano, com as quais produzem diversas operações, compondo e decompondo, estabelecendo relações espaciais.” (Educação, Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 3.º ano, 1.º ciclo do ensino básico matemática , 2018)

Já no que compete ao domínio de organização e tratamento de dados, abordamos a frequência absoluta, moda, mínimo, máximo, amplitude e problemas envolvendo análise e organização de dados.

“No 1.º Ciclo, investe-se no desenvolvimento da capacidade das crianças lidarem com dados, com o objetivo de melhor conhecerem o que as rodeia, fundamentar decisões, interrogar-se sobre novas questões e abordar a incerteza. Importa que as crianças tenham oportunidade de desenvolver dois tipos de trabalho distintos, mas igualmente relevantes numa perspetiva de valorização da literacia estatística.” (Educação, Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 3.º ano, 1.º ciclo do ensino básico matemática, 2018)

Na Turma de 4.º ano abordamos apenas o domínio de números e operações e as temáticas foram o bilião, a divisão, multiplicação e as frações.

Com esta temática é esperado que os discentes “...prossigam o desenvolvimento do sentido de número (iniciado informalmente no pré-escolar) e a compreensão dos números e das operações, bem como da fluência do cálculo mental e escrito. Neste ciclo, são estudados os números naturais e o sistema de numeração decimal, bem como os números racionais não negativos na sua representação decimal, sendo também introduzida a representação na forma de fração, considerada nos seus múltiplos significados.” (Educação, Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 4.º ano, 1.º ciclo do ensino básico matemática, 2018)

Esta unidade curricular foi desafiante, mas muito enriquecedora tanto para os discentes como para nós enquanto professores estagiários.

Apesar das dificuldades sentidas, conseguimos sempre passar a mensagem e fazer os alunos pensarem e conseguirem sempre perceber o que era apresentado. Muitas das vezes tentamos dinamizar estas sessões com um *PowerPoint*, jogos, desenhos, fichas, entre outros. Este tipo de abordagens fazia os alunos terem mais interesse pelas temáticas realizadas.

Deste modo, é de referir que a meu ver “Na escolaridade básica, o ensino da Matemática deve, pois, proporcionar uma formação na disciplina centrada na aprendizagem que contribua para o desenvolvimento pessoal do aluno e lhe propicie a apropriação de instrumentos conceptuais e técnicos necessários na aprendizagem de outras disciplinas ao longo do seu percurso académico, qualquer que seja a área de prosseguimento de estudos escolhida.” (Educação,

Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 4.º ano, 1.º ciclo do ensino básico matemática, 2018)

1.2.4. Estudo do Meio Físico e Social

Como a turma onde estávamos inseridos, tinha alunos dos 3.º e 4.º ano de escolaridade acabamos por poder lecionar Estudo do Meio Físico e Social.

“As Aprendizagens Essenciais (AE) de Estudo do Meio visam desenvolver um conjunto de competências de diferentes áreas do saber, nomeadamente Biologia, Física, Geografia, Geologia, História, Química e Tecnologia.” (Educação D.-G. d., Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos:4.º ano, 1.º ciclo do ensino básico estudo do meio, 2018)

Sendo a nossa área de formação central o Estudo do Meio Social e sugerido pela professora cooperante, acabamos por assegurar quase sempre as sessões de História do 4.º ano de escolaridade.

“Neste ano de escolaridade, para além de se dar continuidade a algumas das temáticas trabalhadas no 3.º ano, prioriza-se a abordagem de fenómenos naturais, factos e datas relevantes da História de Portugal e elementos relativos à sua Geografia, o património natural e cultural, diferentes tipos de uso do solo, as migrações, contributos da ciência e da tecnologia que concorrem para a qualidade de vida das populações, bem como para a sustentabilidade.” (Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos:4.º ano, 1.º ciclo do ensino básico estudo do meio, 2018)

O domínio trabalhado foi a Sociedade que se inseria no Bloco 2- À Descoberta dos outros e das instituições, mais concretamente no ponto 1. O passado do meio local e o Ponto 2. O passado Nacional. Nestas sessões destinadas à História foram lecionados os Primeiros Povos, a Reconquista Cristã, a Formação de Portugal e as 4 Dinastias. Apesar de ser uma disciplina que é pouco valorizada no 1.º ciclo, a cooperante fazia questão de esta ser lecionada e que as temáticas ficassem bem assentes nos alunos.

Deste modo, e sendo uma área em que sentíamos mais confiança tentamos sempre dinamizar estas sessões com jogos, PowerPoint, chuvas de ideias, trabalhos de pesquisa, visualização de mapas, imagens e vídeos, e a realização de sínteses sobre a temática.

Já no que compete Estudo do Meio Físico, este foi lecionado por nós estagiários poucas vezes com o 3.º ano de escolaridade. Contudo, quando lecionamos abordamos o domínio da Sociedade e da Natureza. Nestas sessões foram tratados o Bloco 1- À sua Descoberta de si mesmo, o ponto 1. A sua nacionalidade, o Bloco 2- À Descoberta dos outros e das instituições, o ponto 3- O passado do Meio Local e o Bloco 3- À Descoberta do ambiente natural, o ponto 1- Os seres vivos do ambiente próximo.

“A operacionalização das aprendizagens do Estudo do Meio implica a contextualização dos temas a tratar. Para tal, considera-se importante que os professores conheçam os contextos locais, e que identifiquem situações a partir das quais possam emergir questões-problema que sirvam de base para as aprendizagens a realizar. As AE de Estudo do Meio estão associadas a dinâmicas interdisciplinares pela natureza dos temas e conteúdos abrangidos, pelo que a articulação destes saberes com outros, de outras componentes do currículo, potencia a construção de novas aprendizagens.” (Educação, Aprendizagens Essenciais: Articulação com o perfil dos alunos: 3.º ano, 1.º ciclo do ensino básico estudo do meio, 2018)

Nestas sessões trabalhamos com os discentes desde a história da freguesia onde residem até à história nacional, costumes, tradições, gastronomia, etc. Também trabalhamos a poluição, e a temática dos primeiros socorros. A poluição foi trabalhada pelo meu parceiro de estágio com uma atividade experimental e a posterior visualização de um *PowerPoint*. Já no que compete aos primeiros socorros, este foi dado através do manual, pois a professora cooperante sugeriu para os conteúdos ficarem melhor consolidados que os alunos fizessem um esquema no manual e respondessem às questões do mesmo.

Na aula em que fui observada lecionei a Germinação do feijão, onde tinha o objetivo de realizarmos em conjunto uma atividade experimental com vários feijões expostos a diferentes condições. Esta atividade tinha o intuito dos alunos perceberem quais são os fatores necessários à germinação. A meu ver, os alunos entenderam as temáticas e demonstraram sempre muito interesse pelas mesmas.

1.2.5. Expressões Artísticas e Educação Físico Motoras

“As Aprendizagens Essenciais de Educação Física para o 1.º Ciclo do Ensino Básico pretendem garantir o desenvolvimento das capacidades psicomotoras fundamentais, exigidas pelos diferentes estádios de desenvolvimento motor, cognitivo, social e afetivo que caracterizam este nível etário.” (Educação, Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 3.º ano, 1.º ciclo do ensino básico educação física, 2018)

Na unidade curricular de Educação Físico Motora, os alunos durante os três meses tinham piscina às quartas-feiras à tarde, logo era quase impossível desenvolvermos esta unidade curricular com a turma. Apenas foi desenvolvida em contexto de observação pela professora supervisora Ana Margarida Alves.

Na aula da observação do meu parceiro de estágio foi desenvolvido o bloco de jogos, onde este realizou uma aula interdisciplinar com Matemática que tinha o objetivo de desenvolver aptidões físicas, através do conhecimento matemático. Nesta aula o meu parceiro iniciou a sessão com alguns exercícios de aquecimento e depois realizou alguns jogos onde incluía os alunos saberem a tabuada do 7, 8 e 9. A sessão terminou com os exercícios de relaxamento.

Já na sessão que lecionei, o domínio que prevaleceu foi o de percursos da natureza e jogos. Nesta sessão tentei sempre promover o trabalho em equipa entre os discentes e a concentração, e atenção. A sessão iniciou com os habituais exercícios de aquecimento, depois realizei dois jogos dinâmicos e interativos. A sessão terminou com um exercício de percursos da natureza e com os exercícios de relaxamento. Em suma, foi uma aula muito bem conseguida e onde obtive um *feedback* positivo por parte dos alunos e da professora cooperante. Com estas atividades pretendia realizar tarefas que os discentes não estavam habituados a realizar e que exigisse alguma confiança nos colegas de turma e trabalho em equipa.

Na unidade curricular de Educação Artística – Artes Visuais, esta foi trabalhada algumas vezes em outras unidades curriculares, promovendo assim a interdisciplinaridade.

“As Artes Visuais assumem-se como uma área do conhecimento fundamental para o desenvolvimento global e integrado dos alunos, em consonância com as diferentes Áreas de

Competências do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, mais especificamente dos processos de olhar e ver, de forma crítica e fundamentada, dos diferentes contextos visuais.” (Educação, Aprendizagens essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 4.º ano, 1.º ciclo do ensino básico educação artística, 2018)

O domínio em que se inseriram as atividades realizadas foi de experimentação e criação.

“Deseja-se que a experiência plástica dos alunos não seja encarada, apenas, como uma atividade ilustrativa do que vê, mas a (re)invenção de soluções para a criação de novas imagens, relacionando conceitos, materiais, meios e técnicas, imprimindo-lhe a sua intencionalidade e o desenvolvimento da sua expressividade.” (Educação, Aprendizagens essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 4.º ano, 1.º ciclo do ensino básico educação artística, 2018)

Os discentes realizaram vários trabalhos de pintura, desenho e de criação de vários objetos decorativos, principalmente para as festividades que se aproximavam na altura e também construímos o personagem de uma das obras trabalhadas (“O espantalho Enamorado” de Guido Visconti).

Em jeito de conclusão, quero referir que apesar de, por vezes, não termos o tempo necessário para abordar esta unidade curricular, e ser desvalorizada em alguns contextos, penso que é muito importante ser trabalhada, pois, os alunos desenvolvem capacidades que eles mesmos desconhecem e aprendem muito. Por último é de referir que apesar de escasso o tempo a docente compensava sempre o tempo perdido e os alunos acabavam sempre por não perderem a aprendizagem destinada a esta disciplina.

1.2.6. Em síntese

Com o desenrolar desta Prática Supervisionada, considero que as aprendizagens ficaram bem assentes nos alunos, através de estratégias diferentes visando sempre estimular a aprendizagem dos discentes envolvidos e a comunidade.

Pensamos sempre inculcar valores e dinâmicas, para desta maneira os objetivos fossem atingidos. Estes objetivos foram conseguidos com o maior rigor e sempre com o apoio dos docentes e discentes envolvidos.

É de referir que este percurso foi uma mais-valia para todos, pois a aprendizagem foi notória, principalmente para nós futuros docentes. Estivemos frente a frente com a exigência e com o trabalho de um docente e não foi fácil, mas apesar de tudo conseguimos resultados muito positivos e conseguimos também aprender muito.

Foi sem dúvida muito gratificante este estágio, principalmente observar a evolução dos discentes desde o primeiro dia. Para não falar da nossa evolução foi notória aprendemos muito e posso afirmar que este contacto direto com esta realidade foi muito gratificante no nosso percurso.

Capítulo II – Intervenção em contexto educativo: O 2.º Ciclo do Ensino Básico

Neste capítulo é apresentada a intervenção educativa realizada no contexto de 2.º Ciclo do Ensino Básico e, assim sendo, será caracterizado este contexto onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada. Como tal serão referidas as características do meio local, nomeadamente geográficas, sociais, económicas e culturais às características do Agrupamento inserida a escola, assim como as características da escola, às características da turma e para concluir será descrita a intervenção enquanto professora estagiária.

2.1. Caracterização do contexto Educativo

Desta maneira será apresentada a caracterização do contexto Educativo onde se desenvolveu a segunda, e final, etapa da PES no 2.º ciclo do ensino básico, descrevendo e especificando todo o percurso realizado.

2.1.1. O meio local

O contexto educativo onde decorreu a PES II, relativa ao 2.º ciclo do ensino básico, insere-se numa freguesia pertencente ao concelho de Viana do Castelo. Esta cidade situa-se no litoral Norte do país sendo delimitada a Norte pelo concelho de Caminha, a Sul pelos concelhos de Barcelos e Esposende, a Este pelo concelho de Ponte de Lima e a Oeste pela sua extensa orla costeira.

O concelho de Viana do Castelo é constituído por 27 freguesias e uniões de freguesia devido à recente reorganização administrativa (2013) que fez com que houvesse uma agregação de 40 freguesias que estavam na sua composição.

A freguesia em que está inserido o contexto de estágio envolvente, possui mais de 2000 habitantes, de acordo com a informação dos censos de 2021 (INE,2021).

O Rio Neiva e a orla costeira envolvente são uma componente importante para a classe predominantemente piscatória da região. Já a faina e a gastronomia tão característica desta localidade promove o turismo, sendo que ambos são importantes na economia local.

É um local muito antigo, e a prova dessa ligação ancestral está nos objetos e ruínas de alguns monumentos encontrados. Nomeadamente, foram encontradas uma Mamoa (monumento megalítico utilizado para se depositarem os mortos) também junto à capela da Senhora das Oliveiras, encontrou-se uma necrópole, e durante as obras na Igreja Paroquial descobriu-se também um Arco Votivo.

De enorme importância é o Monte do Castelo, onde no seu cimo existiu um importante castelo medieval. Com o passar do tempo este ficou apenas com os alicerces da sua torre de menagem e alguns pedaços do muro da cerca. Neste monte houve também um extenso povoado castrejo. Deste modo ainda existe vestígios deste povo no cimo do Monte e com as escavações foram descobertos também alguns copos de bronze, algumas moedas da época do Imperador Augusto, que sugerem que terá sido por volta da mudança da Era, entre o século I a.C. e o século I d.C..

O Castelo de Neiva também teve um papel importante na preparação da Batalha de S. Mamede (1128), momento determinante no processo de independência de Portugal. A reorganização administrativa dos finais do século XIV, com o facto de ter sido um dos fortes minhotos que "levantou voz" por D. Beatriz contra o Mestre de Avis, futuro rei D. João I, foram os principais responsáveis pelo progressivo declínio do castelo, até à sua total desativação, já na primeira metade do século XV. Todos os materiais arqueológicos encontrados, encontram-se expostos numa das salas do edifício da Junta de Freguesia.

Na atualidade esta freguesia, encontra-se em constante evolução, mantendo sempre as tradições e as suas raízes ligadas à pesca e à agricultura, ambas agora, mais de subsistência, contudo não são as únicas que garantem emprego à população de momento temos na construção civil, em carpintarias e outras oficinas, no comércio, na hotelaria e restauração, nos serviços e, efetivamente, no turismo, por ser uma das poucas freguesias desta região, que se orgulha do privilégio de ter: rio, mar e montanha.

Em suma encontramos um local rico de cultura, de trabalho, aprendizagem e de lazer, cheia de paisagens ricas e aliciantes para os mais curiosos.

2.1.2. O Agrupamento

O centro escolar integra-se num amplo agrupamento constituído por vários jardins-de-infância, escolas básicas de 1.º, 2.º e 3.º ciclos e secundário. Este agrupamento também engloba um programa de integração de Educação e Formação (PIEF), ou seja, é uma medida socioeducativa, de carácter temporário e excecional, a adotar após esgotadas todas as outras medidas de integração escolar.

2.1.3. A Escola

A escola em que foi realizado o estágio de 2.º ciclo do ensino básico, encontra-se integrada com um jardim-de-infância, 1.º, 2.º e 3.º ciclos, onde todos partilhavam o espaço exterior, sendo que os espaços eram devidamente controlados e geridos para assim haver uma gestão de possíveis conflitos. Esta escola apresenta um espaço exterior muito amplo, com campo de futebol, pequenos jardins e muitos lugares de lazer.

Já no que compete o espaço interior, esta apresenta alguns espaços para os dias de chuva, com espaços cobertos para os alunos usufruírem dos seus tempos livres. O espaço interior, dispõem de várias áreas destinadas a cada ciclo de ensino. Logo na entrada/ rés do chão encontramos a receção e a ala do jardim-de-infância, assim como a sala de professores o bar, cantina, papelaria e as casas de banho. Na parte superior da escola encontramos a ala destinada ao 1.º, 2.º e 3.º ciclos, biblioteca e casas de banho. Na parte

exterior perto da ala inferior encontramos os balneários e os campos de futebol que são cobertos.

A escola no seu todo tem boas condições e possibilita que as turmas permaneçam sempre na mesma sala apesar das diferentes unidades curriculares. Assim como possui alguns locais de arrumações e cacifos.

No que compete aos recursos humanos, o centro escolar dispõe de variados professores das mais variadas áreas curriculares titulares, professores de apoio e estagiários. Quanto ao pessoal não docente esta escola agrega vários assistentes operacionais distribuídas pelos variados ciclos que contribuem para um bom ambiente e gestão dos alunos nos períodos posteriores às aulas.

Já no que refere a sala esta era uma sala ampla e apresentava as condições necessárias para responder às necessidades dos 20 alunos que compõem a turma.

É uma sala bem iluminada com luz natural, devido às diversas janelas, o que acaba por favorecer também a circulação do ar. Esta encontra-se equipada com um quadro interativo, dois quadros de giz um projetor, uma secretária com computador e um armário de arrumação de material.

Quanto à organização, esta estava distribuída por quatro filas, três filas com quatro mesas, uma fila com cinco mesas e uma fila posterior no fundo da sala onde as mesas estavam juntas com três mesas. Como podemos observar na imagem abaixo a representação da sala de aula da turma do 6.º A.

Esta organização estava disposta consoante ainda as regras adquiridas pela escola sobre o Covid.19, onde alunos não podiam estar sentados lado a lado, logo todas as mesas que compõem a sala estão ocupadas com apenas um aluno.

A distribuição dos alunos pelas mesas foi composta pela professora cooperante de História e Geografia de Portugal, sendo também a diretora de turma. Durante o período de observação e posterior regência a distribuição dos discentes na sala de aula só mudou uma única vez, o motivo foi o comportamento dos discentes envolvidos.

Contudo, a meu ver, a sala de aula e a sua distribuição era a mais adequada e possível dada ser uma turma grande. Para finalizar, esta era uma sala acolhedora e disponha de todos os materiais necessários para o bom funcionamento das aulas.

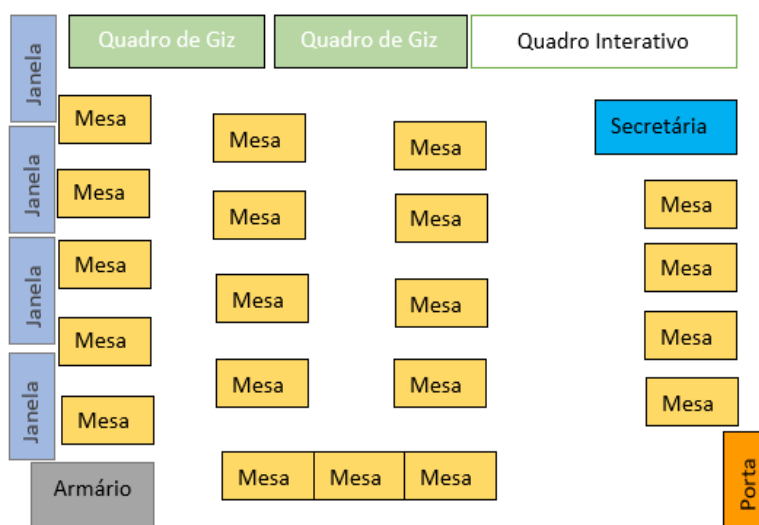


Figura 3-Planta da sala de aula da turma do 6.º ano de escolaridade (Elaboração Própria)

Já no que refere a carga horária da turma nas unidades curriculares lecionadas pelos estagiários (Português e História e Geografia de Portugal) esta era composta por dois blocos de 50 minutos na disciplina de História e Geografia de Portugal, estas aulas eram distribuídas por um bloco à segunda-feira e outro à quarta-feira antes de almoço. No que compete a disciplina de Português esta era destinado cinco blocos de 50 minutos por semana, estando estes distribuídos da seguinte maneira: um bloco à segunda-feira, um bloco à terça-feira; um bloco à quinta-feira e dois blocos à sexta-feira com um intervalo a meio destes tempos. Como podemos visualizar na imagem abaixo a distribuição da carga horária da turma do 6.º ano de escolaridade.

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
8.30/ 9.20	HGP	CN	DT	PORT	CD/TIC
9.30/10.20	PORT	PORT	EMR	EDM	CN
10.25/11.15	MAT	ING-I	MAT	EDF	ING-I
11.25/12.15	EV	EDM	MAT	EDF	PORT
12.20/13.10	EV	EDF	HGP	ING-I	PORT
13.20/14.10					
14.20/15.10				ETL	MAT-COAD
15.20/16.10				ETL	MAT-COAD
16.15/17.05				APE	
17.10/18.00					

Figura 4-Horário da turma de 6.º ano de escolaridade (Elaboração Própria)

2.1.4. A Turma

A turma em que incidiu a intervenção é composta por 20 alunos, sendo 11 do sexo masculino e 9 do sexo feminino. Este grupo possui alunos com idades compreendidas entre 11 e 12 anos.

No que toca aos alunos com necessidades educativas especiais temos três alunos com algumas dificuldades de leitura, expressão escrita, cálculo mental e escrito. Sendo que só dois destes alunos é que estão referenciados como alunos com necessidades educativas especiais. Ao nível das habilitações literárias dos pais dos alunos da turma em análise, posso referir que é uma turma onde os pais são jovens e apresentam grande maioria o 12.º ano tendo casos em que o grau académico é superior.

Ao nível do comportamento em contexto de sala de aula, geralmente os alunos eram calmos, tendo uma boa capacidade de concentração. Apesar de serem muito participativos, por vezes com estas participações causavam momentos de maior agitação. Em termos de aprendizagem, os alunos demonstravam, por vezes, serem pouco confiantes quanto às suas capacidades durante as tarefas propostas.

Fazendo um balanço da turma no que refere às áreas disciplinares dadas, esta no seu todo era uma turma, dinâmica, participativa, interativa e com capacidade para ajudar o outro. Por vezes com algum ruído e brincadeira à mistura, mas era uma turma ótima.

Na área disciplinar de Português, estes por vezes apresentavam algumas dificuldades de leitura, de interpretação e de escrita, contudo estavam sempre interessados em saber mais e em participar nas tarefas dadas.

Já no que refere a área disciplinar de História e Geografia de Portugal estes demonstravam muito interesse, mas por vezes a distração levava estes a baralharem os conteúdos dados. As principais dificuldades nesta área curricular era em realizar algumas tarefas de pesquisa histórica e geográfica e de executar tarefas de síntese e registo de dados.

Tendo em conta a caracterização no seu todo da turma durante o período que lecionei estas duas áreas curriculares posso afirmar que esta era uma turma participativa e queriam sempre saber mais e aprender mais e para ajudar a motivar e a captar mais a atenção dos discentes era essencial adotar metodologias centradas nos interesses dos alunos.

2.2. Percurso da Intervenção Educativa: 6.º ano de escolaridade

Nesta parte deste trabalho de investigação irei referir um pouco as áreas de intervenção educativa no 6.º ano de escolaridade, mais concretamente nas unidades curriculares de Português e de História e Geografia de Portugal.

Este contexto de estágio realizou-se durante 11 semanas. As primeiras três semanas destinaram-se à observação da turma e do contexto no seu todo, com o objetivo de conhecer as estratégias e metodologias utilizadas pelos professores cooperantes como as competências, dinâmicas e interesses dos alunos. As restantes semanas foram intercaladas com o par de estágio nas duas áreas de estágio diferentes, ou seja, nas primeiras quatro semanas um par de estágio ficava com uma área curricular e o outro par de estágio ficava com a outra área curricular.

Durante esta divisão é de referir que as duas áreas curriculares envolvidas estavam em termos de horas, distribuídas de diferentes maneiras. Pois, para a área curricular de

História e Geografia de Portugal era destinada apenas dois blocos de 50 minutos enquanto na área curricular de Português eram destinadas 5 blocos de 50 minutos.

Apesar de trabalharmos cooperativamente durante o estágio, sempre que era necessário, todo o trabalho de planificar, de refletir e de programar as atividades foi um trabalho individual. Para o desenrolar destas semanas foram fornecidas desde logo as planificações de referência das duas áreas disciplinares de intervenção (Português e História e Geografia de Portugal) relativamente ao agrupamento em que a escola se insere.

2.2.1. Português

Na área curricular de Português foram dados os conteúdos prévios a serem abordados logo nas semanas de observação. Deste modo foram abordados vários conteúdos integrados nos domínios que administram o programa desta disciplina: Oralidade (O), Leitura e Escrita (LE), Educação Literária (EL) e Gramática (G).

No domínio da oralidade:

“(…) os alunos deverão estar aptos não só a compreender formas complexas do oral (textos de géneros formais e públicos), por períodos prolongados, a identificar a intenção comunicativa do interlocutor (informar, persuadir, mentir, troçar, seduzir, por exemplo) e a reter a informação relevante para poderem intervir de modo adequado na interação, mas também a revelar fluência e adequação da expressão oral em contextos formais de comunicação(…)” (Educação D.-G. d., Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 6.º ano, 2.º ciclo do ensino básico português, 2018)

Deste modo e seguindo este domínio as atividades realizadas neste âmbito basearam-se sempre em ajudar o aluno a compreender vários textos oralmente, a ler textos com características narrativas e expositivas de maior complexidade, associados a finalidades várias (lúdicas, estéticas e informativas) e em suportes variados; identificar marcas formais do texto poético: estrofe, rima, esquema rimático e métrica (redondilha); utilizar sistematicamente processos de planificação, textualização e revisão de textos;

Já no domínio da Leitura e Escrita:

“(…) No domínio da Leitura pretende-se que os alunos tenham adquirido fluência e eficácia na seleção de estratégias adequadas ao motivo pelo qual leem determinado texto ou obra, tendo em

conta que estes deverão apresentar, neste nível de ensino, uma complexidade e uma dimensão que requeiram alguma persistência (...)” (Educação D.-G. d., Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 6.º ano, 2.º ciclo do ensino básico português, 2018)

Neste domínio foi realizado com os docentes leitura em voz alta, silenciosa e autónoma; explicitar o sentido global de um texto; estes fizeram inferências, justificando-as; identificaram tema(s), ideias principais e pontos de vista; reconheceram como o texto está estruturado (partes e subpartes); interpretaram adequadamente os textos conforme o género literário e leram integralmente obras literárias narrativas, poéticas e dramáticas;

Já no que compete ao “(...) domínio da escrita, é esperado que, no final do 2.º ciclo, os alunos tenham atingido o domínio de processos, estratégias, capacidades e conhecimentos para escrita de textos de diversos géneros com vista a uma diversidade de objetivos comunicativos, com organização discursiva adequada, diversidade e propriedade vocabular, correção linguística e correção ortográfica(...)” (Educação D.-G. d., Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 6.º ano, 2.º ciclo do ensino básico português, 2018)

Os alunos redigiram textos de âmbito escolar, como a exposição e o resumo; produziram textos de opinião com juízos de valor sobre situações vividas e sobre leituras feitas e explicaram os recursos expressivos utilizados na construção destes textos literários (designadamente anáfora e metáfora);

No domínio da Educação Literária:

“(...) pretende-se capacitar os alunos para a compreensão, a interpretação e a fruição de textos literários. Fazer da leitura um gosto e um hábito para a vida e encontrar nos livros motivação para ler e continuar a aprender dependem de experiências gratificantes de leitura, a desenvolver a partir de recursos e estratégias diversificados, que o Plano Nacional de Leitura (PNL) disponibiliza (...)” (Educação D.-G. d., Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 6.º ano, 2.º ciclo do ensino básico português, 2018)

Ao trabalhar o domínio da Educação Literária foram tidos em conta os seguintes pontos: interpretar adequadamente os textos conforme o género literário; ler integralmente obras literárias narrativas, poéticas e dramáticas e analisar o sentido conotativo de palavras e expressões.

Por fim no domínio da Gramática:

“(...) O conhecimento gramatical dos alunos, no final deste ciclo de ensino, deverá estar sistematizado quanto aos aspetos básicos da estrutura e do funcionamento da língua.” (Educação

D.-G. d., Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 6.º ano, 2.º ciclo do ensino básico português, 2018)

No domínio da gramática foi trabalhada a compreensão da utilização de recursos expressivos para a construção de sentido do texto; utilizados procedimentos de registo e tratamento de informação; classes de palavras e interjeições.

Deste modo todos os domínios foram trabalhados da melhor maneira possível, motivando sempre os discentes para as aprendizagens e orientando os mesmos para aprendizagens futuras.

As planificações foram todas delimitadas sobre o olhar do professor cooperante e seguidas consoante a estrutura do manual de Português de 6.º ano intitulado “Palavra puxa palavra” da Asa, como o professor pediu.

As sessões foram iniciadas aquando do início do terceiro período, e a finalidade destas sessões era introduzir o texto poético assim como, as suas características. Os textos poéticos trabalhados foram principalmente textos poéticos do posfácio de Sophia de Mello Breyner Andresen, intitulado de o “Primeiro livro de poesia”.

Deste modo foram abordados os seguintes textos: “Canção de Leonoreta” de Eugénio de Andrade; “A borboleta” de Odylo Costa, Filho; “Cantiga dos Reis” cantiga popular de Barcelos recolhida por Luísa Miranda; “Vinde, ó pobres” de Jorge de Lima; “Cão” de Alexandre O’Neill e o texto “O burro” de Mutimati Barnabé. Foi trabalhado também o texto informativo, mais concretamente um texto da Visão Júnior “A borboleta-cauda-de-andorinha” e a banda desenhada de Patrick Nordmann e Morris, “Lucky Luke”.

Estes textos eram abordados e complementados com questões de interpretação, realização de pequenos textos sobre a temática, correção e partilha dos mesmos trabalhos. Sempre que os alunos realizavam um texto, poema, caligrama ou banda-desenhada era hábito criado pela P.E apresentar estes trabalhos à turma e fazer um pequeno momento de reflexão sobre o que era apresentado, dando asas para os alunos melhorarem sempre os trabalhos seguintes e ajudando estes a desenvolverem as suas capacidades de apresentação.

Quanto aos conteúdos de gramática, foi lecionado as interjeições de um modo mais dinâmico, ou seja, esta temática foi introduzida através da avaliação dos caligramas realizados. Foi dado a cada aluno uma bandeira com duas interjeições onde depois da

apresentação de cada discente os restantes alunos tinham de avaliar o colega com uma das interjeições da bandeira.



Figura 5-Alunos do 6.º ano de escolaridade na aula de Português dada pela P.E. (Fotografia da Autora)

Desta maneira foi introduzida as interjeições e esta temática continuou com pequenas atividades de construção de frases, através de um jogo online e a posterior correção de tarefas do manual sobre o tema.

Para além deste conteúdo de gramática foi abordado também o tipo de rima; alguns recursos expressivos; provérbios e o sentido literal e sentido figurado.

Por último e para ajudar a melhorar o vocabulário dos alunos a P.E forneceu a estes um pequeno panfleto de adjetivos para melhorar o seu vocabulário na construção de textos. Algo que também foi dado aos discentes foi um pequeno livro de recursos expressivos onde estes tinham de preencher para posteriormente ajudar nas atividades futuras.

Com o final destas sessões fui percebendo que os alunos estavam motivados para as atividades propostas e que gostavam de participar e aprender mais. Apesar de por vezes, não conseguir cumprir com o que tinha delimitado na planificação sinto que cumpro com o objetivo principal de ajudar os alunos nas temáticas desenvolvidas e ajudar estes a melhorarem e a criarem estratégias de melhoria à aprendizagem.

2.2.2. História e Geografia de Portugal

Na unidade curricular de História e Geografia de Portugal, segundo a professora cooperante, foi lecionado apenas o domínio: Portugal do século XX. Que integra os seguintes subdomínios abordados: o 25 de Abril e a construção da democracia até à atualidade; Reconhecer os motivos que conduziram à Revolução do 25 de Abril, bem como algumas das mudanças operadas; Caracterizar o essencial do processo de democratização entre 1975 e 1982; Identificar/aplicar os conceitos: democracia, direito de voto, descolonização, câmara municipal e junta de freguesia.

Este conteúdo e os seus respetivos subdomínios, delineados pela Direção-Geral de Ensino para o segundo ciclo do ensino básico contemplando as Aprendizagens Essenciais desta unidade curricular.

Deste modo e seguindo as aprendizagens essenciais:

“(…) Pretende-se que o aluno compreenda o papel fundamental que a História e a Geografia desempenham no estudo do país, no que respeita às suas características físicas e humanas e à sua evolução histórico-cultural, promovendo a inclusão, o respeito pela diversidade, a cooperação, a valorização dos direitos humanos e a sensibilização para a finitude do planeta. Esta disciplina evidencia, ainda, a necessidade de saber gerir o território e os recursos de que dispomos, incluindo os patrimoniais, a diferentes escalas (...)” (Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 6.º ano, 2.º ciclo do ensino básico história e geografia de Portugal, 2018)

Assim sendo é necessário os alunos criarem momentos de empatia histórica e que desenvolvam competências necessárias para as temáticas futuras para que deste modo fiquem a conhecer um pouco sobre a História e Geografia do lugar onde vivem. É importante os alunos terem consciência da evolução histórica e compreenderem um pouco das mudanças históricas que existiram para assim compreenderem melhor a época histórica em que estão.

Com estas aprendizagens “(…) Pretende-se que o aluno compreenda o papel fundamental que a História e a Geografia desempenham no estudo do país, no que respeita às suas características físicas e humanas e à sua evolução histórico-cultural, promovendo a inclusão, o respeito pela diversidade, a cooperação, a valorização dos direitos humanos e a sensibilização para a finitude do planeta (...)” (Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 6.º ano, 2.º ciclo do ensino básico história e geografia de Portugal, 2018).

Os conteúdos abordados foram pertinentemente dados pela professora cooperante e todas as atividades e toda a liberdade para planificar foi dada pela mesma incentivando a estagiária a melhorar e a querer fazer melhor. É de referir que todas as sessões foram baseadas um pouco na minha investigação para a PES e é pertinente referenciar que não foi usado o manual em nenhuma das sessões lecionadas.

Numa primeira abordagem recolhi algumas informações pertinentes para o meu estudo através da aplicação de um questionário inicial sobre a temática da “Equidade de género antes e depois do 25 de Abril de 1974” para saber o que os discentes sabiam antes das sessões. Deste modo apliquei do mesmo modo um questionário final igual ao inicial, para perceber o que os alunos aprenderam com estas sessões. Com ajuda da professora cooperante consegui aplicar alguns questionários aos Encarregados de Educação dos alunos, assim como, consegui realizar algumas entrevistas aos alunos sobre estas aulas. Desta maneira penso que consegui recolher a informação pertinente para o meu estudo.

Já no decorrer destas sessões desenvolvi várias atividades referentes à temática trabalhada. Explorei com os alunos recursos como imagens, recortes de jornal, músicas, mapas, jogos, vídeos e fichas de trabalho, tendo sido uma constante, visto que, assim as aulas teriam uma dinâmica diferente e mais interativa.



Figura 6- Imagens das aulas de História e Geografia de Portugal da turma. (Fotografias da Autora)

Deste modo, as atividades foram as seguintes:

1. Análise de recortes de jornais sobre o 25 de Abril de 1974;
2. Análise de músicas desta época histórica, mais concretamente “ Depois do Adeus” de Paulo de Carvalho e “Grândola Vila Morena” de Zeca Afonso;
3. Exploração do percurso dos soldados até ao Golpe militar através da página online do jornal público que se intitula “As Linhas da Liberdade”;
4. Visualização de um vídeo da RTP Ensina referente ao 25 de Abril;
5. Atividade do “Saco de curiosidades”, onde cabia a cada aluno retirar uma curiosidade sobre o Estado Novo referente aos direitos das mulheres;
6. Realização de um trabalho biográfico sobre Carolina Beatriz Ângelo (este trabalho foi apresentado nas sessões seguintes);
7. Jogo “Quem é Quem” que consistia em os alunos encarnarem uma personagem que retiram de um saco e depois só podiam dar um passo em frente se durante o Estado Novo podiam realizar as tarefas que a P.E ia dizendo consoante a sua faixa etária, sexo, profissão, grau académico, etc.;
8. Análise de algumas imagens referentes aos líderes políticos que passaram pelo cargo político de presidente da república;
9. Visualização de vídeos e cartazes sobre o dia 1 de Maio, Dia do Trabalhador;
10. Realização de cartazes para o dia 1 de Maio; exploração do vídeo da RTP “Eleições para a assembleia constituinte” e posterior preenchimento de uma ficha alusiva ao vídeo;
11. Realização de um trabalho biográfico sobre uma antiga colónia à escolha (Preenchimento de um Cartão de cidadão) este trabalho foi apresentado nas sessões seguintes;
12. Identificação das antigas colónias portuguesas no mapa;
13. Visualização de um vídeo da RTP “O processo de Descolonização” e posterior preenchimento de uma ficha de trabalho alusiva ao vídeo;
14. Jogo online sobre a temática;
15. Realização de algumas questões para a visita do presidente da junta da freguesia;
16. Visita do presidente à sala de aula

Durante estas sessões nem sempre consegui cumprir com tudo o que planeei, pois, as sessões estavam distribuídas por duas unidades didáticas semanais de apenas de 50 minutos, o que não dava para realizar muitas atividades em simultâneo. Contudo e apesar do pouco tempo, fiz questão sempre de ajudar os discentes com as suas dificuldades e de ouvir os vários pontos de vista relativos às temáticas trabalhadas.

É de realçar que os discentes estiveram sempre motivados e participaram sempre em todas as atividades propostas. Esta era uma turma que gostava muito desta unidade curricular e isso era notório nas sessões dadas. Estes também faziam questão de questionar sempre e retirar eventuais dúvidas e partilhar com a docente e com os colegas curiosidades ou informações pertinentes sobre a época histórica trabalhada.

2.2.3. Envolvimento na Comunidade Educativa

Nesta área de envolvimento, e por sugestão da Biblioteca da ESE- IPVC – através do convite que lhe foi lançado pela Câmara Municipal de Viana do Castelo, organizadora e dinamizadora do evento, que tem a periodicidade anual – foi proposto realizarmos uma atividade pedagógica no âmbito do projeto *Contornos da Palavra* que consiste em divulgar e promover o acesso à cultura literária. Os alunos do 2.º ano do Mestrado de Ensino do 1.º CEB e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º CEB, da ESE-IPVC, responderam ao desafio lançado para participarem na edição deste ano, subordinada ao tema Conhecer o passado, projetar o futuro.

A partir da história o "Princípio" de Paula Carballeira, ilustrada por Sonja Danowski, apresentamos, em contexto educativo no 2.º CEB, várias atividades - vídeos, testemunhos, leitura em voz alta, músicas de intervenção, que refletem o drama humano perante cenários de guerra (coincidindo com a eclosão do conflito russo-ucraniano), ao mesmo tempo que apresentam o livro como elemento pacificador e a palavra como elemento que alimenta a alma, numa mensagem de esperança.

Esta atividade foi preparada ao longo das aulas de CTE (*Complementos de Temas de Ensino*, que tínhamos na ESSE-IPVC todas as quintas-feiras à tarde, como momento de encontro semanal com todos os núcleos de estágio e os professores supervisores de

Português e História e Geografia de Portugal), com os docentes da disciplina e tinha um caminho muito rigoroso delimitado para a realização do mesmo. Esta atividade tinha o intuito que todos os pares de estágio a realizassem nos seus locais de estágio com as várias turmas da escola envolvente.

Deste modo, esta tarefa que eu e o meu par de estágio desenvolvemos realizou-se no âmbito da disciplina de Português na Biblioteca da Escola com as turmas de 6.º ano. Esta tarefa consistiu em, inicialmente, a P.E explicar à turma a dinâmica da atividade. A seguir, os alunos visualizaram um vídeo realizado pelos alunos do 2.º ano de Mestrado de 1.º CEB e de 2.º Ciclo de Português e História e Geografia de Portugal. Este vídeo refere as duas Guerras Mundiais, assim como outras guerras, e o impacto que estas tiveram. Após esta partilha foi realizado um pequeno diálogo com os discentes sobre o que acabaram de ver.

Num segundo momento, depois de um questionamento, visualizamos um segundo vídeo sobre o 25 de Abril de 1974, com a música “Grândola Vila Morena” de Zeca Afonso em fundo. Numa fase posterior, realizou-se um momento de reflexão sobre o que visualizaram anteriormente. A P.E leu a obra “Princípio” de Paula Carballeira e, aquando desta apresentação, foram projetadas imagens alusivas à obra e à temática da sessão. De seguida, realizou-se um grito da palavra de paz entre todos os intervenientes.



Figura 7- Atividade "Contornos da palavra" com os alunos do 6.º ano. (Fotografias da Autora)

Esta atividade finaliza com os alunos a redigirem em algumas cartolinas disponibilizadas, frases sobre esta sessão. Aquando desta última tarefa os alunos ouviram uma música alusiva à sessão e à temática.

2.2.4. Em Síntese

No decorrer destas 11 semanas de intervenção e salientando todo o trabalho desenvolvido com esta turma de 6.º ano de uma Escola Básica do concelho de Viana do Castelo, retiro conclusões muito positivas.

Desta maneira, compreende-se que nem todas as atividades planeadas foram realizadas, devido ao pouco tempo das sessões, principalmente das aulas de História e Geografia de Portugal. Mas esta falha não se deveu só à falta de tempo, mas sim à minha pouca experiência e acabei por planear mais atividades do que era possível numa sessão, o que fez com que as atividades que não eram realizadas passavam para as aulas seguintes acabando, por vezes, por atrasar tudo o que era planeado. Contudo, apesar deste pequeno inconveniente, tentei sempre dar o meu melhor e passar para os discentes as aprendizagens necessárias e previstas, fazendo com que tivessem momentos de empatia pelas temáticas abordadas e ajudarem sempre os colegas com mais dificuldades. Foram criados momentos de sala de aula de muita partilha e dada liberdade criativa e de opinião aos discentes, nunca impedindo estes de aprenderem com os erros sem serem censurados ou com medo de participarem.

O trabalho desenvolvido durante este período de estágio foi desafiante, e cansativo, por vezes, mas valeu a pena, pois enquanto futura docente percebi que o que me realiza mais profissionalmente é ensinar.

Com este contexto, percebi que me sinto realmente realizada a lecionar no 2.º ciclo e percebi que o papel do professor é muito mais do que debitar matéria, é apoiar, é ajudar e é motivar os discentes sempre para a aprendizagem. Deste modo o *feedback* dado pelos alunos foi positivo e gratificante pelo trabalho desenvolvido durante estas semanas.

É de destacar a importância da boa relação de todos os intervenientes neste estágio, o que foi um fator facilitador para um bom alcance de resultados positivos deste estágio.

Como balanço geral da conclusão deste estágio, afirmo que a experiência foi muito positiva e enriquecedora que trouxe muitas aprendizagens, conhecimentos e vivências muito marcantes, como futura docente.

Parte II-Trabalho de Investigação

Uma proposta pedagógica de intervenção em História e Geografia de Portugal

A segunda parte deste relatório de investigação tem o intuito de dar a conhecer os procedimentos do estudo realizado ao longo da Prática de Ensino Supervisionada na unidade curricular de História e Geografia de Portugal. Esta parte do relatório divide-se em cinco capítulos distintos. O primeiro capítulo destina-se à introdução, onde aborda a contextualização do estudo, os objetivos e a motivação da investigação. O segundo capítulo envolve a fundamentação teórica assim como a revisão literária do estudo. O terceiro capítulo contempla a metodologia de investigação utilizada, como as opções metodológicas, a descrição do estudo, a caracterização dos participantes, as técnicas e instrumentos de recolha de dados e os procedimentos de análise de dados. No quarto capítulo está centrado na apresentação de resultados e na sua posterior discussão. Por último temos o quinto capítulo, que apresenta as conclusões do estudo e as conclusões da investigação, assim como as limitações do mesmo.

Capítulo I - Introdução

O intuito principal deste capítulo é dar a conhecer o trabalho de investigação desenvolvido ao longo deste último semestre do referente ano letivo de 2021/2022.

Deste modo é de referir que este capítulo integra cinco tópicos: Caraterização do estudo; Identificação da pertinência do problema; questões de investigação; Objetivos da investigação; Motivação;

1.1. Caraterização do estudo

Este estudo foi realizado no âmbito do estágio de habilitação profissional para docência no 1.ºCEB e 2.ºCEB de Português e História e Geografia de Portugal, foi realizado um trabalho de investigação com uma turma de 6.º ano de escolaridade, em que colaboraram 20 alunos de uma escola que pertencia ao concelho de Viana do Castelo.

O presente estudo realizou-se na área disciplinar de História e Geografia de Portugal, logo foi implementado nas aulas da mesma disciplina. Deste modo foi essencial pensar nesta temática, sensibilizando os discentes e despertando o interesse e o seu desenvolvimento intelectual e social. A temática abordada foi em torno das questões de género antes do 25 de Abril de 1974 e no período democrático. Nesta fase é pertinente abordar o conceito da Educação para o Desenvolvimento e a Cidadania Global, uma vez que esta área está interligada com a História e Geografia de Portugal.

“A Educação para o Desenvolvimento e a Sensibilização contribuem para a erradicação da pobreza e para a promoção do desenvolvimento sustentável através da sensibilização da opinião pública e de abordagens e atividades educativas baseadas nos valores dos direitos humanos, da responsabilidade social, da igualdade de género, e num sentido de pertença ao mundo;” (European Commission,2007:5)

Assim sendo, a instituição tem um papel fundamental na sensibilização, reflexão e no sentido crítico das aprendizagens dos alunos. Os alunos são os cidadãos do futuro, logo cabe ao professor disponibilizar todas as ferramentas possíveis para estes desenvolverem as suas competências sociais e pessoais da melhor maneira.

O tema da presente investigação de ensino tem como título *Questões de género antes e depois do 25 de Abril de 1974: estudo com turma do 6º ano de escolaridade* e focou-se nas conceções que os alunos e encarregados de educação apresentam sobre esta problemática, além de outros recursos e atividades pedagógicas.

Este estudo apresenta uma componente de investigação qualitativa, que tem como objetivo principal entender os diferentes pontos de vista e opiniões dos intervenientes neste estudo. É um estudo que concerne todas as realidades dos intervenientes, assim como o papel dinâmico e participativo na recolha de informação, que é essencial e determinante para obter resultados positivos.

1.1.1. Identificação da pertinência do problema de investigação

Esta problemática é de importante análise, sobretudo pelos tempos em que vivemos e onde ouvimos cada vez mais falar da desigualdade de género. Apesar dos avanços desta problemática ainda existe muito trabalho a fazer.

Ao longo da História assistimos à luta das mulheres por melhores condições e melhores direitos sociais e laborais. Podemos recordar o caso de Portugal que, mesmo durante a ditadura, teve mulheres corajosas que tentaram sempre contornar este período de censura e de grande desigualdade para marcar o papel da mulher e dar uma melhor vida a outras mulheres. Com o 25 de Abril de 1974, a mulher passou a alcançar grandes conquistas a nível dos seus direitos e, com o passar dos anos, essa luta prevalece.

Nos tempos que correm, ainda assistimos a muitas situações de desigualdade e, por vezes, são situações que nem damos conta. Contudo e através da comunicação social e das redes sociais acedemos facilmente a toda a informação sobre esta temática, o que possibilita a avaliação de alguns comportamentos a fim de sensibilizar para esta problemática. Por outro lado, nem tudo é positivo pois, por vezes, esta facilidade de acedermos a tudo através de um clique traz muita desinformação, o que consequentemente se transforma nas famosas notícias falsas. Desta forma, a meu ver é cada vez mais importante o papel do professor de filtrar toda a informação a que o discente tem acesso e fazer perceber o que é realmente uma notícia viável e o que não é.

É importante os alunos estarem informados e desenvolverem capacidades analíticas e o seu pensamento crítico, assim como desenvolverem empatia pelos factos apresentados. É importante os discentes estarem frente a frente com a problemática e criarem as suas próprias ideias sobre o assunto, sempre entendendo a época histórica que abrange e as consequências e censuras que as mulheres estavam sujeitas para obterem os mesmos direitos que o sexo oposto. Também é fulcral os discentes entenderem que apesar das mudanças de época, ainda há muito trabalho a realizar nesta área e que é necessário termos respeito e sentido de justiça para com os nossos semelhantes independentemente do género.

1.1.2. Questões de Investigação

Depois de um vasto trabalho de reflexão e pesquisa sobre a problemática: *Que conceções apresentam os elementos da turma sobre questões de género e a condição feminina, em particular, antes e depois do 25 de Abril de 1974 e de que forma, com recurso a evidências várias (re)configuram o seu pensamento histórico?* a investigadora chegou às seguintes questões de investigação:

- Que perceções manifestam os discentes e os encarregados de educação sobre o papel da mulher e do homem na sociedade antes do 25 de Abril e no período democrático?
- Qual a origem dessas perceções?
- Que estratégias pedagógicas podem ser utilizadas para o tratamento deste assunto?
- No final do estudo que conceções apresentam os alunos sobre este tema?

Objetivos da investigação

Para dar continuidade ao estudo e responder às questões de investigação delimitadas no tópico anterior, foram alcançados os seguintes objetivos de investigação:

- Analisar e compreender a equidade de género relativamente ao período antes do 25 de Abril de 1974 e no período democrático;
- Identificar as concepções dos alunos sobre esta temática;
- Desconstruir ideias prévias sobre a desigualdade de género;

Motivação

A temática da desigualdade de género é um tema muito atual e que passa de geração em geração, o que causa, por vezes, muitas dúvidas e muitas ideias adversas.

Ao longo da História, a desigualdade de género, muitas vezes, nem era questionada, nem apontada como um problema. Nos tempos que correm, a desigualdade de género é um tema falado e mais defendido tanto por homens como por mulheres.

Assistimos a várias flagrantes violações de direitos humanos basilares – ao exercício de arbitrariedades, de violência e de subjugação – de acordo com as concepções que, recorde-se, construímos com base em vivências históricas milenares, muitas delas dolorosas. As mulheres tiveram de ser extraordinariamente resilientes.

Apesar de ser um tema abordado nos mais variados meios sociais, este tema não pode ser banalizado e não poderá deixar de ser abordado sempre que a igualdade de género possa estar em causa.

Assim sendo, enquanto houver um longo caminho a percorrer para o alcance da igualdade de género, devemos chamar a atenção e sensibilizar para esta realidade, tentando sempre seguir por um caminho de mudança. Deste modo, é importante este tema ser abordado em idades mais precoces para os alunos serem confrontados com diferentes realidades, desenvolvendo alguma sensibilidade através do confronto com factos e informações pertinentes sobre esta temática. Desta maneira, posso afirmar que esta foi a motivação principal para desenvolver a referente investigação, colocar os alunos em situações de empatia e em contextos diferentes da realidade vivida pelos mesmos.

Capítulo II - Fundamentação Teórica

Neste capítulo II, destinado à fundamentação teórica, destacarei o papel da História e Geografia de Portugal e da Educação para a Cidadania Global e as suas funções sociais. Num momento posterior, apresentarei uma retrospectiva histórica sobre a longa caminhada da mulher na conquista de um estatuto social mais equilibrado e justo.

2.1. A importância da Educação Histórica e da Geográfica

Segundo Cooper (1995) a história não só é apropriada, mas é essencial, desde os primeiros anos, para alimentar a consciência do mundo social, sendo a base de um pensamento crítico e contextualizado. É também defensora que as crianças não devem limitar-se a memorizar e repetir factos ou situações históricas incoerentes, mas, pelo contrário, devem estar envolvidas na resolução de problemas históricos dentro das dinâmicas pedagógicas e didáticas próprias.

A História e Geografia devem ser vistas como saberes que transportam inúmeros conhecimentos como a seleção, análise e reflexão da informação, tornando assim o sujeito pronto “para o exercício consciente e crítico da informação, justificando, desta forma, a sua permanência no currículo escolar” (Moreira, 2004, p. 11). Esta é uma ferramenta imprescindível na descoberta da identidade local e nacional.

Para envolver os alunos na disciplina de História e Geografia de Portugal, devemos centrar-nos nas informações que os discentes trazem para a escola sobre os diferentes conteúdos programáticos abordados nesta área, compreendendo depois com o conhecimento transmitido pelo docente, como podemos ver em Cooper (2002) sobre a posição da família e a relevância das experiências que as crianças têm ao longo da vida em perspetiva ao passado “(...) seja ele mais remoto ou mais próximo, na compreensão de distintas texturas, mensagens e símbolos do tempo pretérito, emergentes nas fotografias, nos artefactos e objetos ligados de geração em geração.” Contudo, não podemos olhar só para o contexto familiar, temos de olhar também para o contexto local, sendo que se encontra presente todos os dias. Na perspetiva de Moreira & Marques (2019), a vivência no meio local:

(...) está associada à frequência/passagem diária por espaços estruturantes da identidade telúrica, como sejam o cruzeiro, a alminha, a igreja paroquial, a capela ou outro edifício público/privado que desperte a «descodificação» de uns quantos sentidos, tantas vezes misteriosos, em torno de especificidades, mudanças e permanências no tempo largo. (...)

Com as experiências e vivências históricas e geográficas que os discentes têm no decorrer da sua vida não devemos desvalorizar os conhecimentos já adquiridos levados para o contexto escolar. Por isso, em Educação Histórica e Geográfica, é tão importante valorizar os conhecimentos prévios como base da construção de novas aprendizagens.

Mais importante do que levar conhecimentos históricos e geográficos aos alunos, é beneficiar dos momentos para desenvolver capacidades que serão vantajosas para o futuro, como o pensamento reflexivo e crítico, ou aprender a viver numa sociedade justa e livre, com opiniões diversas, assim como culturas e religiões diferentes. Assim sendo, temos a função de repensar como educamos as novas gerações historicamente para serem cidadãos ativos e empáticos. Segundo Rüsen (1992):

(...) desenvolver nos alunos a Consciência Histórica é ajudá-los a compreender o presente à luz do passado. Mais do que isso, permite aos alunos, também eles cidadãos e pessoas, problematizarem, a várias escalas, garantindo-lhes competências para saber “ler” o mundo que os rodeia, procurando respostas nas relações passado, presente e futuro. (...)

O ensino de HGP deve desenvolver nos alunos consciência histórica e geográfica e a aproximação entre a educação histórico-geográfica e a educação patrimonial, contribuindo para a formação da consciência, oferecendo as ferramentas certas para desenvolver a interpretação e contextualização que conferem ao aluno capacidade de se situar. Não se pense que tal tarefa é simples e Rüsen recorda-nos essa dificuldade.

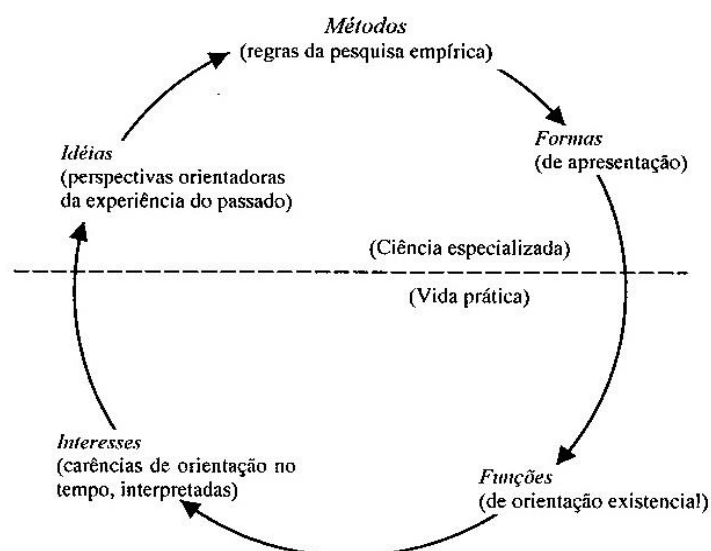


Figura 8: Matriz disciplinar da Ciência Histórica. Fonte: Rüsen, 2001, p. 35

A ideia principal e implícita neste esquema é que, enquanto seres humanos, somos seres envolvidos na narrativa histórica de maneiras diferentes. Todas acabam por estar ligadas na construção da aprendizagem. Assim sendo, a sua “formação histórica”, enquanto conhecimentos, ajuda na orientação de vários aspetos vividos. Deste modo, isto significa que construir narrativas históricas configura-se num espaço central da experiência de vida, pois este sentido temporal de orientação produz uma conexão com diferentes raciocínios do passado e com a atualidade. Quando pensamos na história, vamos construindo um sentido da nossa vida e das nossas vivências assim como o que entendemos dela.

Rüsen afirma que “a teoria da história é a teoria da história como ciência” (p. 31), contudo a sua reflexão fica mais complexa quando considera uma incompatibilidade do modelo empírico da história com o modelo das ciências. Portanto, para o autor refletir sobre a teoria da história é refletir sobre o processo de interpretação da história nas dimensões disciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar. Tendo a necessidade de interpretar o tempo e o pensamento histórico.

Se partirmos do esquema dialético de Rüsen, ensinar História e Geografia é entender experiências de mudança, temporal e espacial a partir dos acontecimentos e dar importância à aquisição de competências específicas que favorecem a mais ampla

compreensão da realidade, reconhecendo a história e a geografia como linguagens, veículos de literacia(s) e, por isso, como formas de ver o mundo. Ciência e vida prática encontram-se, assim, para dar sentido ao ser humano e às suas experiências espaciais e temporais, cernes de cultura.

Estes princípios articulam-se com as aprendizagens essenciais de HGP, em que se defende que “o aluno mobilize os saberes adquiridos no ciclo anterior e que desenvolva competências históricas e geográficas que o capacitem para os ciclos de estudo subsequentes. As AE de HGP foram elaboradas com a preocupação de esta disciplina proporcionar a todos os alunos o desenvolvimento de competências que lhes permitam conhecer Portugal de forma integrada, isto é, na sua dimensão espaço temporal, não descurando os contextos peninsular, europeu e mundial.” (Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 6.º ano, 2.º ciclo do ensino básico, 2018)

Num momento posterior, devem ser promovidas autoaprendizagens, assim como o desejo pelo autoconhecimento. Uma Educação Histórica de qualidade preocupa-se com a análise e compreensão dos dados e não com a simples exibição e transmissão de conceitos. Deste modo, pretende-se que “o aluno amplie a compreensão da realidade social em torno de si, do outro e do mundo” (Silva, 2011, p. 2010).

O professor de HGP, deste modo, deve criar momentos reflexivos sobre a Humanidade, fazendo com que os alunos se coloquem no lugar do outro e nas suas circunstâncias espaciais e temporais, além de culturais e mentais (empatia histórica e geográfica). De acordo com Howson (2009): “A História potencia o desenvolvimento de competências que são consideradas importantes no mundo atual, tais como a capacidade de refletir sobre o conhecimento, analisando a informação e respeitando as evidências, a capacidade de reconhecer e valorizar argumentos bem fundamentados, o desprezo pela mera polémica e a procura de contextualização, tentando compreender a intenção de cada discurso ou ato”.

Segundo Isabel Barca, uma maneira da História contribuir para a cidadania, é dar aos estudantes algo que os leve a raciocinar, e treiná-los a alcançar conclusões a partir da análise crítica de fontes, desenvolvendo uma visão alargada da humanidade. Para Barca, “a História pode ajudar a fornecer esta perspetiva de uma humanidade abrangente, ajudando-nos a compreender as preocupações, interesses e maneiras de pensar de outros povos” (Barca, 2004).

Ainda seguindo a linha de pensamento de Isabel Barca esta afirma que é necessário “conhecer como os jovens constroem as suas ideias históricas não só no plano substantivo, mas também e, sobretudo, no plano das ideias de segunda ordem [meta-histórias]” (Barca, 2014). É fundamental que os alunos fortaleçam o seu pensamento histórico e geográfico, as competências de orientação espacial, temporal, compreensão e interpretação de fontes e Comunicação Histórica e Geográfica. Algo que também é fundamental é colocar questões desafiantes aos alunos e que os façam pensar sobre as diversas problemáticas da vida. É essencial apresentar as várias faces da História com o objetivo de cruzarem saberes pertinentes e diferentes, para analisarem, deste modo, a veracidade de algumas informações.

Por último, é de ressaltar o uso das tecnologias na sala de aula. Devemos experimentá-las e usá-las, na medida certa, tornando a sala de aula um local de aprendizagem mais envolvente e colaborativa. Através destas novas tecnologias conseguimos visitar museus, castelos, igrejas, monumentos (virtualmente – através das plataformas 360º) assim como ver vídeos, fotografias, podemos realizar jogos sobre as temáticas envolventes e apresentações. Segundo Moreira (2013, p.26) “fazer viver a História tornando-a atrativa, chamando para si o papel de educador pedagogo” para cativar assim “gerações de alunos da era digital” (Moreira, 2013, p. 26).

2.2. A “longa marcha” da mulher na História

“Cocomme les femmes ont à récupérer leur de femmes, ils (les hommes) ont à récupérer leur identilé d’hommes après plusieurs millénaires de patriarcat violent et caricatural”

Bernart Besret

A revisão que se segue foi sustentada na leitura e análise de História das Mulheres (IV volumes), dirigida por Georges Duby e Michelle Perrot. Optamos por desenvolver uma análise diacrónica com um fio narrativo nessa análise.

Na Pré-História, mais exatamente no período paleolítico, homens e mulheres cooperam nas diversas tarefas familiares e de sobrevivência, apesar de o tempo longo evidenciar algumas tarefas se vão “especializando” e “fixando” em cada um dos géneros.

Na Antiguidade Pré-Clássica, mais concretamente na sociedade egípcia, as mulheres não detinham o acesso à escrita e, tão pouco, o direito a uma aprendizagem formal. Desta maneira, as mulheres eram discriminadas no processo de documentação e produção de conhecimento. Dependendo da sua classe social, a mulher podia participar nos assuntos relacionados com a religião e a política. Nesta sociedade, tanto homens como mulheres lideraram o povo egípcio, e a existência de divindades de ambos os sexos tinham as mesmas qualidades e poderes. O papel principal da mulher no Antigo Egito era a constituição de família, contudo, muitas vezes, eram vendidas sem direito de escolha, para casamentos arranjados entre famílias.

A vivência das mulheres na Grécia Antiga também não era muito distinta. Elas não podiam participar nos debates políticos e públicos da sociedade, não tinham acesso à educação e estavam encarregues dos trabalhos domésticos. E apesar da sua condição económica baixa, era comum na época estas serem submetidas à escravidão e prostituição.

Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) afirmava que a que a submissão da mulher ao homem decorria da autoridade e do poder masculino perante os desejos do casal. A mulher devia obedecer e dedicar-se ao papel de mãe na educação dos filhos. Subjugadas pelo homem, as mulheres não poderiam alcançar as suas ambições, nem escolher o seu relacionamento com os outros.

Durante o império Romano, as mulheres estavam sob o poder absoluto do homem. Estas não tinham direito a adquirir propriedades, assim como a participar na política ou na vida pública.

Na Idade Média, as mulheres começaram a exercer outros papéis dentro da sociedade. Para além dos trabalhos domésticos e do artesanato, muitas mulheres da nobreza administravam propriedades como senhoras feudais – veja-se o caso do nosso território, em que as Condessas Mumadona Dias e Teresa de Leão alcançaram papéis cimeiros no palco político do Condado Portucalense.

Em algumas regiões da Europa, entre 1152 e 1284, as mulheres detinham um grande número de terras e propriedades. O número pode ser significativo, contudo, na grande parte da sociedade medieval, as mulheres não podiam ter qualquer domínio de uma propriedade, cabendo somente essa função aos homens.

Contudo, e devido ao ponto de vista jurídico, as mulheres só eram detentoras de propriedades com a permissão dos homens, pois estas não tinham direitos políticos e dependiam integralmente dos homens para ter um papel ativo na sociedade.

A época medieval na Europa, ficou também assinalada pela grande influência e poder da Igreja Católica na sociedade. As mulheres sofreram muitas perseguições, tendo sido frequentemente julgadas por crimes como bruxaria e feitiçaria pelo Tribunal da Inquisição. Rituais ou atitudes realizadas por mulheres que divergiam da Igreja Católica eram definidas como bruxaria e a condenação, muitas vezes, era a morte na fogueira. Veja-se o caso paradigmático de Joana d'Arc.

Com estas leis era perceptível que os direitos das mulheres nesta época histórica eram bastante exíguos. Mais tarde, os direitos começaram a ser reivindicados, ganhando mais destaque apenas na Época Contemporânea.

Apesar da defesa da liberdade, igualdade e fraternidade, a Revolução Francesa acabou por não trazer nenhuma alteração substancial da condição da mulher.

Somente em 1893, na Nova Zelândia, as mulheres ganharam o direito ao voto. Após uma intensa luta liderada pela feminista Kate Sheppard e um pedido assinado por quase um quarto da população, o governo acabou por ceder à pressão feminina. Desta maneira as mulheres deste país foram às urnas a 19 de setembro exercer o seu direito ao voto. Este acontecimento é um marco inicial dos direitos políticos das mulheres no mundo, tendo como exemplo para os outros países.

Em 1908, cerca de 15 mil mulheres organizaram uma marcha em Nova Iorque exigindo melhores salários e direito ao voto, o que resultou na determinação do Dia Nacional da Mulher nos Estados Unidos da América. Apesar de todos estes movimentos, os direitos das mulheres só ganharam destaque na segunda metade do século XX, após as intensas guerras travadas na Europa.

Já em 1910, na Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, foi aprovado a criação do *Dia Internacional da Mulher*, celebrado no dia 19 de março.

No ano de 1975, o *Dia Internacional da Mulher* foi designado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para o dia 8 de março. Esta data é comemorada desde o início do século XX, com o objetivo de recordar as conquistas sociais, políticas e económicas das

mulheres, independentemente da sua etnia, cultura, religião, estrato social ou económico.

Podemos, assim, afirmar e concordar com Duby e Perrot quando afirmam que “as mulheres foram, durante muito tempo deixadas na sombra da história. (...) durante muito tempo a história foi a história dos homens, vistos como representantes da humanidade.” (Duby & Perrot)

2.3. Em Portugal

Já no que compete ao nosso país, as primeiras tentativas para derrubar os preconceitos tradicionais e construir uma nova condição feminina na sociedade, foram realizadas por Carolina Beatriz Ângelo que integrou, em 1907, o *Grupo Português de Estudos Feministas* que era contra a participação da Igreja na vida pública e defendia a Lei do Divórcio. Formou no mesmo ano, junto de Ana Castro Osório, Adelaide Cabete e Maria Veleda, a *Liga Republicana das Mulheres Portuguesas*. Em 1908, comandou o Movimento Feminista Português que defendia a luta pela igualdade de género (Chagas & Meireles, 2010)

Carolina Beatriz Ângelo foi a primeira mulher a votar em Portugal. Após a Revolução de 5 de Outubro de 1910, o código eleitoral atribuía algumas condições para o direito a voto: todos os portugueses, maiores de vinte e um anos, à data de 1 de maio de 1911, residentes em território nacional, que sabiam ler e escrever e eram chefes de família. Carolina Beatriz Ângelo, reunindo todas estas condições, solicitou que fosse incluída nos cadernos eleitorais. O seu pedido foi recusado tanto pela Comissão de Recenseamento como pelo Ministério do Interior. No entanto, uma decisão judicial aprovou a sua pretensão. Por ser a primeira mulher portuguesa a votar em eleições – neste caso para a Assembleia Nacional Constituinte – este acontecimento foi noticiado em toda a Europa.

Sublinhamos, igualmente, a constituição da *Cruzada das Mulheres Portuguesas* (1916-1938) como um movimento social de beneficência feminino extremamente importante no auxílio material muitas famílias que, assoladas pelo drama da participação portuguesa na I Grande Guerra, não tinham meios de sustento dignos. A organização teve o impulso de Elzira Dantas Machado, esposa do Presidente Bernardino Machado.



Figura 9-Elementos da Cruzada das Mulheres Portuguesas fotografadas junto do seu estandarte (1916).Fonte: Museu Bernardino Machado.

O núcleo fundador da Cruzada contava, em 1916, com 80 sócias e tinha sede em Lisboa. Nos seguintes anos, várias subcomissões seriam criadas em várias cidades não só do país (Leiria, Torres Novas, Ponte de Sor, Viana do Castelo, Setúbal, entre muitas outras) como nas colónias portuguesas (Amboim, em Angola) e países aliados (Brasil). É no âmbito das funções e missão da “Cruzada” que se vai desenvolver e potenciar o bordado de Viana do Castelo como instrumento de consolidação dos rendimentos familiares (alternativo à agricultura, à pecuária e à pesca).

O Estado Novo trouxe consigo uma subalternização da mulher, consagrada nos principais instrumentos legais (a começar pela Constituição de 1933). Na exploração pedagógica, trabalhamos com os alunos muitos destes obstáculos e dificuldades.

Com a queda do Estado Novo, em 1974, a mulher emancipou-se e conquistou alguns direitos, abrindo horizontes em termos profissionais, ocupando lugares que eram exclusivos aos homens, tendo sido quebradas muitas barreiras.

Ao estudarmos a vida das mulheres ao longo dos séculos, deparámo-nos com estas a serem tomadas pela guerra, pela Revolução e pela Ditadura. Contudo, durante décadas

também foram as principais responsáveis no processo de transformação entre os sexos. É pertinente afirmar que a vida mudou e que a igualdade de género progrediu, sob a pressão feminina.

Exemplo dessa mudança é a constituição da República de 1976, onde pela primeira vez se legisla sobre a igualdade de direitos das mulheres. Este documento refere os fundamentos constitucionais da igualdade de género no decorrer dos últimos 40 anos da constituição e das suas sete revisões segundo os debates parlamentares e a literatura. De acordo com Fertuzinhos “a densificação da vertente da igualdade de género no princípio da igualdade, marcada pela cada vez maior exigência de uma igualdade fáctica e não apenas formal, ilustra e acompanha o percurso dos direitos das mulheres” (Fertuzinhos, 2016).

Segundo a Constituição da República Portuguesa de 1976, mais concretamente o artigo 13.º intitulado "Princípio da Igualdade", postula-se que: “1. Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei; 2. Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual.” (CRP, 1976). São visíveis e claras as mudanças e uma preocupação com a igualdade, em harmonia com um estado de direito democrático. De referir que a promoção da igualdade entre homens e mulheres está consagrada no artigo 9.º “Tarefas fundamentais do Estado”.

A Mulher contemporânea, diferente das suas antepassadas, possuindo muito mais direitos do que as mesmas, como direito ao voto, ocupar posições de destaque no mundo laboral, tem cargos de grande importância enquanto as mulheres do passado dedicavam a sua vida aos maridos, filhos e à casa. Deste modo, com a alteração do ordenamento jurídico e social decorrente da Revolução de 25 de Abril de 1974, podemos afirmar que a mulher foi recuperando estatuto e dignidade na sociedade. Destacam-se, além da Constituição da República Portuguesa, o Código Civil, o Código do Trabalho e a Lei de Bases do Sistema Educativo como referentes legais onde esta perspectiva filosófica se vai consolidando. De facto, “apenas a partir do 25 de Abril de 1974 começa a desenvolver-se algum trabalho, embora

de forma lenta. Os anos 70 e 80 são vistos como os anos da mais significativa mudança social em Portugal, período marcado também por uma maior e mais evidente evolução feminina (...)" (Prates, 2014, p. 18).

Se, na Antiguidade, o homem era o responsável por trazer o sustento da família para casa, assumindo o papel de chefe de família, este quadro foi-se alterando e transformando com a acelerada mudança social e económica conseguida no decurso do século XX. Atualmente, a mulher foi ganhando espaço na sociedade, ocupando cargos, sendo que esta evolução resultou da troca de papéis, onde a discussão sobre quem é responsável pela transmissão de valores tornou-se um ponto central: "Toda a evolução do trabalho feminino(...) mostra claramente àqueles que não são cegos ou pretendem não o ser que nenhum outro fenómeno do mundo moderno produziu efeitos tão revolucionários" (Braun, 1901, p. 278)

2.4. Papéis de género na atualidade nacional

"O termo género é usado para descrever inferências e significações atribuídas aos indivíduos a partir do conhecimento da sua categoria sexual de pertença. Trata-se, neste caso, da construção de categorias sociais decorrentes das diferenças anatómicas e fisiológicas." (Cardona et al. 2011: 12)

Ao falarmos e discutirmos papéis de género, estamos a entrar em conceitos muito relevantes, mas distintos, como equidade e a igualdade de género. O primeiro está relacionado com a justiça e tratamento entre homens e mulheres, ou seja, relaciona-se com "as práticas políticas institucionais, de uma representação equilibrada de género nos diferentes pilares e eixos de missão, aos mais diversos níveis, nomeadamente científico, académico, de gestão e tomada de decisão" (Plano para a igualdade, equidade e diversidade - 2019-2023). O segundo conceito exige que numa sociedade, homens e mulheres usufruam das mesmas oportunidades, ou seja, resulta da "promoção de processos e condições que assegurem a igualdade de acesso e de fruição efetiva de direitos, nas diferentes áreas de atuação, com particular destaque para a investigação o ensino e a gestão de pessoas, desde o recrutamento e seleção ao desenvolvimento e progressão de carreira". (Plano para a igualdade, equidade e diversidade - 2019-2023).

À medida que as crianças vão construindo a sua identidade de género através da observação e análise da sociedade que os rodeia, adquirem comportamentos estereotipados. Ou seja, os papéis desempenhados no quotidiano e que ao seu género dizem respeito, são modelos que a sociedade estabelece a cada género, sendo “...expetativas e crenças partilhadas acerca de comportamentos apropriados e características para homens e mulheres numa dada sociedade” (Rodrigues, 2003:24).

Apesar da importância dos princípios da igualdade e equidade, existem questões muito vastas ainda a serem abordadas como: independentemente da sua identidade ou orientação sexual, da sua nacionalidade ou idade, da sua origem social, racial ou étnica, da sua religião ou crença homens e mulheres devem deter das mesmas oportunidades de participação e influência.

Em suma, estamos diante de um longo caminho a percorrer no que refere à igualdade de género, visto que a mulher ainda é sujeita a algumas discriminações, nos contextos laborais, nas interações do quotidiano, entre outros. As mulheres ainda ganham menos que os homens na realização dos mesmos trabalhos e isso é notório na diferença salarial existente. De acordo com a Comissão para a Igualdade no trabalho e no emprego: “Frequentemente, as mulheres ganham menos que os homens para fazer trabalho igual ou de valor igual. As causas para as disparidades salariais entre homens e mulheres são múltiplas, complexas e muitas vezes interligadas, podendo incluir fatores estruturais, legais, sociais, culturais e económicos, como sejam as escolhas e as qualificações escolares e profissionais, a ocupação profissional, o sector de atividade, as interrupções na carreira, a dimensão da empresa onde se trabalha, bem como o tipo de contrato de trabalho e a duração da jornada.” (CITE- Comissão para a Igualdade no Trabalho e no emprego)

No ano de 1995, na conferência de Pequim, a conceção de Igualdade de Género foi implementada. Contudo, adotar uma ideia não é o bastante e é indispensável um trabalho afirmativo para que as coisas se concretizem. Já em 2013, foi publicado em Portugal um manual que tem por título “Orçamentos sensíveis ao género: manual sobre a implementação prática de uma perspetiva de género no processo orçamental” iniciando o ponto de partida para produzir contextos governamentais onde a igualdade de género tenha impacto: “Este manual pretende contribuir para a compreensão do conceito de género, dos objetivos de uma

estratégia para a igualdade entre mulheres e homens, dos domínios nos quais a desigualdade entre mulheres e homens é manifesta, da necessidade de mudanças estruturais que permitam tomar consciência das discriminações involuntárias, e dos fundamentos do mainstreaming de género enquanto estratégia para alcançar a igualdade entre mulheres e homens.” (Quinn, 2013)

Estas representações das tarefas mantêm-se presentes, com o processo de mudança de mentalidades a ser desenvolvido de forma lenta, afirma Almeida (2018) “um enorme desconforto com tentativas de corrigir em décadas uma injustiça que cresceu durante séculos”.

Deste modo, deve ser tido em conta que o quotidiano de uma mulher nunca foi fácil no passado e continua a não o ser no presente e futuro. Principalmente enquanto, nos papéis de género, for compreendida como uma sobrevalorização do papel da mulher e inferiorização do papel do homem. Os papéis masculinos e femininos devem ser examinados numa vertente histórica e política. “Em Portugal, a inclusão rápida das mulheres no mercado de trabalho e a introdução de políticas de igualdade de género depois do 25 de Abril de 1974 foram fundamentais para promover um modelo de divisão familiar do trabalho assente no duplo emprego, mesmo em casais com filhos/as pequenos/as” (Aboim e Vasconcelos, 2012). Recentemente é que os homens foram incluídos nas políticas de igualdade de género levando a sociedade a refletir sobre os modelos tradicionais de masculinidade e abrindo assim espaço para questões importantes na forma como os homens e as mulheres vivem a sua vida.

A queda do Estado Novo fez com que ocorresse uma mudança importante no que concerne à igualdade entre os homens e as mulheres, foram reconhecidos direitos e deveres a ambos os sexos. Este passo foi de extrema importância e veio fazer estremecer o regime, que assegurava, através da própria legislação, a reprodução das desigualdades entre homens e mulheres. A publicação de “Novas Cartas Portuguesas” (1969) de Maria Velho da Costa, Maria Teresa Horta e Maria Isabel Barreno (“as três marias”) veio colocar “o dedo na ferida”.

Escrita por três mulheres fortes de uma enorme presença intelectual e política, esta obra veio marcar o declínio do Estado Novo em Portugal. A revelação de muitas situações discriminatórias e nocivas para a mulher, foi um passo crucial numa caminhada que

acontece até aos dias de hoje, naquilo que é a igualdade de género nas diversas circunstâncias sociais, laborais e económicas. Assim sendo, estes três rostos foram fundamentais na construção de um estado crescente equitativo.

“E já foi dito que não interessa tanto o objeto, apenas pretexto, mas antes a paixão; e eu acrescento que não interessa tanto a paixão, apenas pretexto, mas antes o seu exercício. Não será portado necessário perguntarmo-nos se o que nos junta é a paixão comum de exercícios diferentes, ou exercícios comuns de paixões diferentes. [...] Sim, sem dúvida que nostalgia é também uma forma de vingança, a vingança uma forma de nostalgia; em ambos os casos procuramos o que não nos faria recuar; o que não nos faria destruir. Mas não deixa a paixão de ser a força e o exercício sentido.” (Barreno; Horta; Costa, 2010,p.3-4)

Esta obra literária está muito presente nos dias de hoje, não tendo ainda sido ultrapassado os problemas enfrentados pelas mulheres portuguesas, seja na primavera Marcelista, seja após o 25 de Abril, a atualidade mantém-se. O sistema capitalista e patriarcal e a dinâmica opressora e ofensiva nas relações de género ainda imperam em Portugal. Estas autoras tentaram mostrar a situação social da mulher naquele período e deste modo, entendemos que ainda há muito a ser feito para ultrapassar as condições de inferioridade imposta à mulher contemporânea. Este livro não refere só a problematização da mulher na sociedade portuguesa. As cartas, poemas e histórias pretendem reunir uma complexa rede de determinantes culturais e sociais sobre o que é “ser” homem ou mulher no contexto histórico do país.

Apesar de tudo, é incontestável que esta conquista não se transpôs no desmantelamento de normas culturais, que persistiram inscritas nos papéis masculinos e femininos sob a forma de expectativas sociais, condicionando e definindo as atitudes e as práticas de homens e de mulheres nos diferentes contextos da sociedade portuguesa.

Neste sentido “é essencial compreender como nascem as desigualdades entre as mulheres e os homens para poder lutar contra as suas diversas manifestações. É indispensável, em primeiro lugar, compreender como se constroem as diferenças entre as mulheres e os homens e as suas relações, e como se perpetuam na sociedade e nas instituições” (Quinn, 2013)

2.5. Questões de Género

Citando Rodrigues (2003) quando esta afirma que o sexo se refere à identidade biológica do indivíduo e que o género está associado à construção social do ser masculino ou feminino, existindo uma relação entre eles. Ao aprendermos e investigarmos a problemática do género, entendemos a sociedade melhor e de forma mais complexa, visto que temos de ter em conta a cultura, o espaço, a época, a classe social, a etnia, a religião, entre outros aspetos, pois todos os raciocínios que se consigam fazer destas ideias variam conforme o momento e a situação em que se vive. Para se fundamentar tal a afirmação anterior cito Schouten (2011: 15) que investiga a questão dizendo que “fundamentalmente, o género é um sistema de significados e depende, portanto, do contexto social. ... As regras destes aspetos para homens e mulheres e, também, a importância relativa dos critérios dependem da sociedade e da época.”

Seguindo algumas investigações, no campo da psicologia e sociologia, referem que existem diferenças e semelhanças entre os sexos. No que concerne à personalidade de cada um dos sexos, onde indivíduos do sexo masculino eram vistos como independentes e competitivos, já os indivíduos do sexo feminino eram vistos como pessoas sensíveis, prestáveis e cuidadosas.

Deste modo falamos então da expressividade feminina e da instrumentalidade masculina, que mais não passam de classificações e diferenciações que se fazem dos homens e das mulheres, levando mesmo a crer que “a diferença estaria na natureza dos seres e não num processo de aprendizagem e de apropriação diferencial de normas e valores” (Cardona et al., 2011: 14). A família e a sua organização tradicional concordavam em cooperar para que as disparidades presentes ao nível de comportamentos e de personalidade, entre mulheres e homens, subsistissem de facto.

Sempre que falamos de género, falamos da orientação sexual, da identidade de género, e dos papéis de género, contudo estes aspetos estão associados aos comportamentos que homens e mulheres têm no quotidiano, pois é a ligação destes fatores que decorrem nas expectativas que a sociedade tem para cada género e que são socialmente aceites.

Segundo Beauvoir que se refere ao corpo como algo sujo e indesejado, que aprisiona a mulher nas funções biológicas, o que, implica abraçar o determinismo biológico que a mais célebre frase do livro, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, parece desmentir (Pillard, 1995, pp. 34-35).

Esta autora vai mais longe e afirma "que as relações sociais dos dois sexos, que subordinam um sexo a outro em nome da lei, são más em si mesmas e constituem um dos principais obstáculos que se opuseram ao progresso da humanidade; estou convencido de que devem ser substituídas por uma igualdade perfeita." (Beauvoir, 2016, p. 158)

A ideia de que a mulher é a sombra do homem teve a biologia como um dos pressupostos. Uma vez que esta gere os filhos e amamenta, o seu papel, sempre ficou associado e limitado a gerar vidas e a permanecer na esfera privada, enquanto o homem podia se dedicar a uma vida individual e fortalecer capacidades no mundo mais público.

Para Beauvoir “No homem não há nenhum hiato entre a vida pública e a privada: quanto mais ele afirma o seu domínio do mundo pela ação e pelo trabalho, mais se revela viril; nele, os valores humanos e os valores vitais confundem-se; ao passo que os êxitos autónomos da mulher estão em contradição com a sua feminilidade, porquanto exige-se da “verdadeira mulher” que se torne objeto, que seja o Outro” (Beauvoir, 2016, p. 308).

Os temas relacionados com o corpo tornaram-se num campo de disputa entre as relações de poder, pois não é algo irrelevante e neutro. Apesar de homens e mulheres serem dotados de corpos, apenas o homem vê o seu corpo de forma positiva, na medida que este tem total domínio sobre as suas funções corporais e liberdade nas suas escolhas. Já a mulher tem o seu corpo retratado de forma menos positiva e está submetida ao processo de preservação da espécie humana. Nas palavras da autora, o corpo é o “instrumento do nosso domínio do mundo” (Beauvoir, 2016a, p. 60) em vez de uma prisão. Esta ainda afirma que “se o corpo não é uma coisa, é uma situação: é a nossa tomada de posse do mundo e o esboço dos nossos projetos” (Beauvoir, 2016, p. 62). O corpo deve ser respeitado, podemos desta maneira compreender a situação da mulher numa sociedade marcada por regras que reduzem o corpo feminino a meros objetos quando delimita padrões de beleza e comportamento.

No que compete às crianças, estas são bastante influenciadas em termos de organização social pela categoria do género, visto que esta vai ajudá-la a perceber-se a si

mesma e aos outros. É de referir que a criança irá comportar-se desde cedo, segundo o que vê nos seus modelos de referência. Sendo importante transmitir que o género é uma das categorias de maior importância, principalmente numa fase inicial, uma vez que o sexo surge como regra primitiva na seleção do semelhante para brincar. Desta maneira, as brincadeiras mais frequentes adquiridas pelas crianças, ajudam não só para aprenderem a interagir com os outros, como também para exprimir aquilo que percebem da sociedade em relação ao que é apropriado para o seu género (Rodrigues, 2003).

A identidade de género faz parte da vida quotidiana e influencia a maneira como imaginamos o mundo que nos rodeia. De seguida, propomo-nos olhar para as representações do feminino nos manuais escolares, instrumentos de aprendizagem fundamentais no ensino da História e Geografia.

2.6. Papel das mulheres nos manuais escolares

Os manuais escolares têm uma enorme relevância na instrução dos discentes, assim como no desenvolvimento da profissão docente. Segundo Tormenta (1996: 9) “Os manuais escolares representam atualmente o meio de ensino mais utilizado no mundo. O manual assume as funções de informação, de estruturação e de organização da aprendizagem e de guia do aprendente. Concebido para o aluno, surge muitas vezes em função do próprio professor. E é a partir dos manuais que o professor planifica as suas aulas e organiza as atividades dos alunos.”

Como referem You, Lee e Graig, admitir-se que os manuais escolares são um recurso valioso para as práticas educativas, sendo um dos principais portadores das orientações curriculares prescritas, como o mais conhecido modelo do que podemos nomear como currículo.

Os materiais pedagógicos, designadamente os manuais escolares, são muito preponderantes no procedimento de socialização e de formação da identidade das crianças e jovens. O simbolismo adquirido pelos manuais, principalmente por serem adotados pelo sistema de ensino e o seu uso contínuo, fazem com que a sua influência seja eficaz sobre os alunos. Estes são os comunicadores, por vezes de valores relevantes para a formação de jovens cidadãos. Segundo Parson, citado por Costa (p.72) “são os padrões de valores

componentes nucleares dos sistemas culturais que fundamentam as orientações normativas da ação social, nomeadamente através da sua inclusão nos papéis que os atores sociais interiorizam e desempenham”.

Apesar de estar consagrada, na Lei de Bases do Sistema Educativo, a igualdade de oportunidades entre géneros, a Escola continua a passar padrões de comportamento distintos para rapazes e raparigas.

A popularidade do ensino criou a crença de que a igualdade de oportunidades entre raparigas e rapazes é uma realidade perceptível, transposta não só pela igualdade de ingresso no sistema educativo, como pelo elevado sucesso escolar das raparigas. Contudo, a escola continua a perpetuar representações desiguais entre o homem e a mulher, que se refletem negativamente nos estereótipos de género.

Esta desigualdade está muito presente, principalmente quando nos manuais da disciplina de História e Geografia de Portugal apresenta maioritariamente feitos realizados por homens, não dando ênfase a quaisquer feitos realizados pelas mulheres. Muitas vezes estes manuais passam a ideia de que a mulher esteve sempre na sombra do homem e que esta não alcançou feitos tão importantes como os representantes do sexo oposto.

Os textos abordados na disciplina de Português também ainda são na sua maioria de autores do sexo masculino, apesar de existirem obras de grande relevância escritas por mulheres.

Já nos manuais das restantes unidades curriculares a mulher ainda é pouco representada e quando acontece aparece na sua maioria na sombra do homem e associada a trabalhos domésticos e de cuidadora. Para não falarmos do papel de “donzela em apuros” que precisa de ser salva por um elemento do sexo masculino que ainda é muito característico na maioria dos manuais.

Desta forma, o papel de género ainda é muito estereotipado e há uma passagem de valores errados e machistas. Apesar da intensa luta para uma mudança mais acentuada, ainda existem muitos pontos que devem sofrer uma mudança mais característica. Mudança esta que passe valores essenciais sem referência ao género.

Referindo Conceição Pinto (p.79) mencionando a definição de Durkheim “as funções da educação são preservar a sociedade e socializar, humanizar o homem, fornecendo-lhes referências normativas e cognitivas que lhe faltam”. No que concerne esta definição podemos

afirmar que a função da educação é socializar. “Socializar é converter. Idealmente significa converter um indivíduo de ser associal, num ser social...” (Cherkaoui, p.79). A escola ajuda os indivíduos a integrarem-se em sociedade, preparando os mesmos para as dificuldades da vida. Ajuda também a compreendermos o outro e a sermos mais dinâmicos, ativos e sociais com o mundo envolvente.

A meu ver, a educação tem o objetivo de despertar e desenvolver, na criança, um certo número de estados físicos intelectuais e morais. “A educação consiste numa acção exercida pelas gerações adultas sobre as que ainda se não encontram amadurecidas para a vida social (idem, p.10; Durkheim, 1963, p.25, citado por Alves-Pinto, 1995, p. 78).”

Assim sendo, a educação e a escola têm um papel muito importante na criação de condições para a reprodução social.

Os desafios da educação passam por (re)orientar as práticas e as relações de aprendizagem, refletindo sobre a interpretação da informação que deve ser revista e pelo pensamento, existindo e exigindo uma autonomia teórica e uma liberdade da ação, “ensinar [e pesquisar] não é uma atividade como as outras, porque supõe muitas virtudes, muita generosidade e devoção, mas sobretudo muito entusiasmo e idealismo” (Bourdieu, 1985, p. 19). Existe uma complexidade da consciência das vivências que podem tornar o espaço/ tempo num lugar mais criativo, ativo e acolhedor na capacitação dos professores, do estudante e da família.

“A escola transmite saberes e valores, normas e costumes destinados ao aluno, com o intuito de formar de acordo com as exigências de um determinado tempo histórico e veiculando uma ideologia dominante” (Bourdieu,1970). A transferência de conhecimento é essencial na reprodução e produção das organizações mentais da sociedade, como as convenções sociais construídas num determinado tempo histórico.

O referente documento expõe medidas a adotar a nível nacional para ultrapassar barreiras e conseguir uma execução rápida da Plataforma de Pequim, assim é necessário “Desenvolver um currículo sensível às questões de género a partir do ensino pré-primário, escolas básicas, formação profissional e universidades, tendo em vista a consideração dos estereótipos de género como uma das causas de fundo da segregação na vida profissional” (Ibidem, p.266).

Ivone Leal, em 1979, realizou um trabalho de investigação sobre as diferentes imagens femininas nos manuais escolares, onde refere que “a imagem resultante é a da mulher-mãe: completamente entregue ao seu papel “criadora *educadora*” dos filhos para os quais vive e que sem ela, parece, não sobreviverem. A esta imagem corresponde um papel que implica o assumir de todos os trabalhos suscetíveis de assegurar o bem-estar dos filhos, e cumpre-se através da presença constante em todas as circunstâncias e momentos da vida deles” (p.61) e a “Imagem da mulher valorizada pelo trabalho não existe, a não ser para atividades que fazem parte do trabalho doméstico: a cozinheira e a lavadeira. É certo que o trabalho doméstico realizado pela mãe é equiparado a profissão, mas nem por isso valorizado economicamente ou socialmente prestigiado” (p.63).

Atualmente o papel da mulher tem sofrido uma lenta mudança, esta não se encontra só associada ao trabalho doméstico e ao cuidado dos filhos como está inserida no ensino e no mundo do trabalho. Contudo, no que concerne o papel de ambos os sexos nos manuais escolares este aparece quase inalterado. O homem está presente nos manuais de 2.º e 3.º ciclo “...na quase totalidade das imagens (em cerca de 90%) enquanto as mulheres são visíveis em menos de metade dessas mesmas imagens (41%)”, como podemos observar no gráfico seguinte.

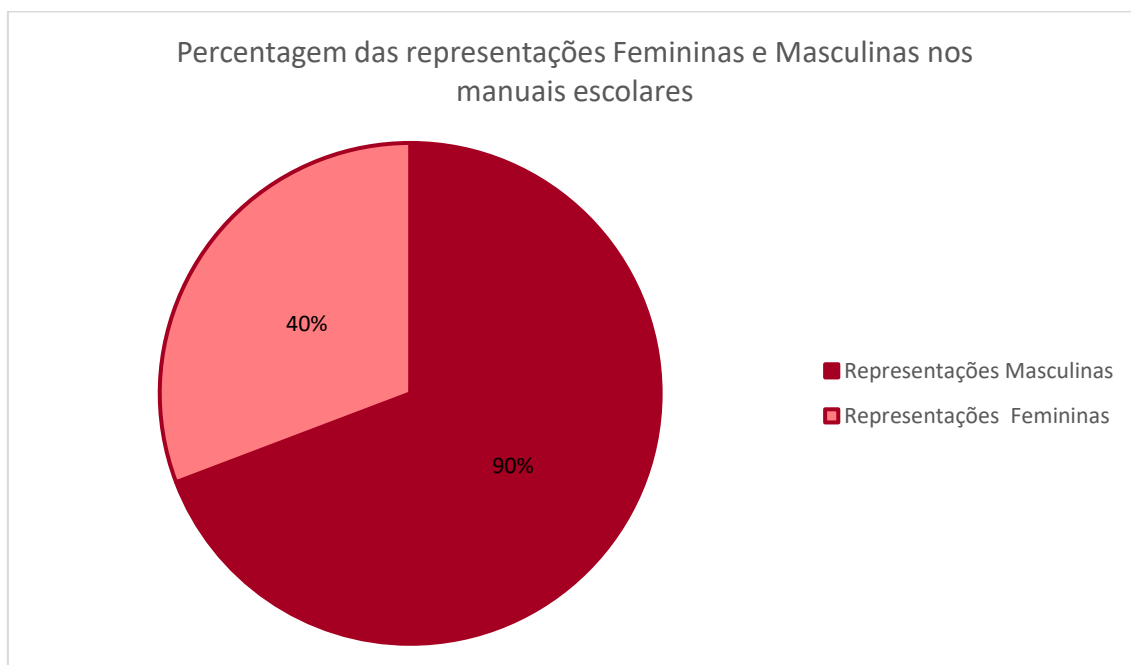


Gráfico 1 - Representação feminina e masculina nos manuais escolares (Elaboração Própria)

No que refere às representações concretas femininas nos manuais escolares do 1.º ciclo à semelhança dos manuais do 2.º e 3.º ciclo podemos observar nas tabelas a discrepância entre representações masculinas e femininas:

Masculino	%	Feminino	%	Total	%
646	63%	380	37%	1026	100%

Quadro 1: Representações femininas e masculinas nos manuais (seres humanos) (Elaboração Própria)

Fonte: Manuais 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos de escolaridade segundo o livro “A escola e a Construção da Identidade das raparigas: exemplo dos manuais Escolares”

Masculino	%	Feminino	%	Total	%
573	74%	200	26%	773	100%

Quadro 2: Representações femininas e masculinas nos manuais (animais) (Elaboração Própria)

Fonte: Manuais do 1.º ciclo de escolaridade segundo o livro “A escola e a Construção da Identidade das raparigas: exemplo dos manuais Escolares”

Estes dois quadros e o gráfico, mostram claramente que as imagens masculinas têm um papel mais significativo do que a imagem feminina. Desta maneira é possível afirmar que o masculino é a imagem com maior incidência nos manuais escolares do 1.º ciclo e 2.º ciclo.

Numa análise realizada a alguns manuais de língua portuguesa, Fonseca (1994) chegou à conclusão de que as representações femininas não estavam em pé de igualdade com as personagens masculinas, sendo estas associadas a atividades menos prestigiadas. De acordo com este estudo, “as atividades associadas às funções económicas com expressão no mercado de trabalho e ligadas a personagens femininas nos textos tem expressão quantitativa que representa 39,28% da totalidade das suas atividades, enquanto este mesmo tipo de atividades para as personagens masculinas representa 56,41%. Para além desta assimetria quanto ao sexo das personagens, verificamos que as atividades desempenhadas pelas personagens femininas requerem uma formação não contemplada pelo ensino formal” (Fonseca, p.45). Isto deve-se também ao facto de durante décadas não ser permitido a pessoas do sexo feminino aceder ao ensino, contudo com o passar dos tempos e com a conquista lenta dos direitos estas

passaram a poder ter acesso à educação. Podemos observar a evolução da formação das mulheres e homens nas tabelas seguintes (elaboração própria):

Nível de escolaridade

Anos	Sem nível de escolaridade Total	Ensino Básico			Secundário e pós-secundário Total	Superior Total
		1.º ciclo	2.º ciclo	3.º ciclo		
1998	1078,7	1424,9	618,6	549,9	454,4	305,5
2018	433,6	1046,4	412,1	816,4	989,9	1022,6

Quadro 3: Nível de escolaridade da população do sexo feminino em Portugal – Fonte: PORDATA (2020)

Nível de escolaridade

Anos	Sem nível de escolaridade Total	Ensino Básico			Secundário e pós-secundário Total	Superior Total
		1.º ciclo	2.º ciclo	3.º ciclo		
1998	534,8	1473,7	747,5	549,9	417,5	213,0
2018	162,5	919,9	521,6	816,4	944,6	632,4

Quadro 4: Nível de escolaridade da população do sexo masculino em Portugal – Fonte: PORDATA (2020)

Ao compararmos estas duas tabelas percebemos que em 1998 o ensino era destinado a indivíduos do sexo masculino, visto que o número de pessoas do sexo feminino sem nível de escolaridade era muito superior ao número de homens na mesma situação. Contudo, se olharmos para a coluna destinada ao ensino superior em ambos os anos, percebemos que o número de mulheres é superior em ambos os anos. Com o passar do tempo e com a obrigatoriedade do ensino, permitiu que homens e mulheres se aproximassem da formação e escolaridade.

Deste modo, as mulheres durante muito tempo eram representadas nos manuais com grau de escolaridade inferior e assumindo profissões que não exigiam qualquer grau académico.

Segundo o conselho da Europa é necessário “conceber especial atenção à dimensão de género no conteúdo dos programas de ensino e no desenvolvimento dos currículos em geral (...) analisar o lugar dado às mulheres nos programas de ensino e nas diferentes disciplinas, e chamar a atenção para a experiência e o contributo das mulheres para as matérias ensinadas “(Recomendação Rec (2007) 13 do Comité de ministros do Conselho da Europa).

Ao analisarmos os manuais percebemos que estes são feitos à luz dos programas estipulados para cada ano de escolaridade nas diferentes áreas curriculares, acabado por serem “um guia dos programas curriculares prescritos pelo Ministério da Educação para um funcionamento padronizado das aulas” (Farinha, 2007 cit in Lobo, 2013: 7). Contudo se o programa não aborda as questões de género, não dando visibilidade ao papel da mulher, promovendo uma perspetiva estereotipada dos papéis de género, os manuais vão refletir estes ideais.

Há diversos estudos realizados a manuais escolares onde estes transmitem valores e normas de conduta social marcados pelo género ou claramente marcados por estereótipos do género.

Numa análise realizada a alguns manuais escolares do 1.º ciclo da unidade curricular de português (2014- 2015) foi perceptível que ao folhear estes manuais as imagens acabavam por se sobressair de uma forma mais marcante e apelativa. Estas figuras que acompanhavam os textos eram predominantemente do sexo masculino. Deste modo podemos afirmar que as ilustrações desfavorecem a mulher em quantidade.

Já numa análise mais qualitativa, as imagens tendem a demonstrar o homem como um ser mais ativo, corajoso, valente e sábio e a mulher mais, ligadas aos afetos e ao cuidado com os outros. Os textos apresentados também são na sua maioria escritos por homens. Assim sendo verificamos um destaque maior do papel masculino e onde as referências femininas são quase escassas.

Ao observarmos as conceções sobre mulheres e homens, podemos entender que estas podem realizar-se a vários níveis: caracterização psicológica; representação física e associação do masculino e do feminino aos diferentes saberes, assim como às diferentes

formas de adquirir esses saberes (Nunes,2009). Com esta linha de pensamento é possível afirmar que a ambas as figuras, masculina e feminina, são atribuídos traços, relacionados com a criação estereotipada do manual escolar. No que refere a caracterização física das figuras, a mulher é associada na sua maioria a alguém “alta, magra e elegante”. No que concerne a imagem masculina não foi encontrada qualquer descrição física. Já no que refere a caracterização psicológica das figuras, estas estão envoltas num conjunto de crenças, que se destacam nas perceções individuais e coletiva. A figura masculina é associada à sua valentia, bravura e coragem. Habitualmente ocupa, na sociedade, um cargo de poder apresentando características de persistência, curiosidade e domínio.

Em contrapartida, a mulher é veiculada ao oposto da imagem masculina. Associada à fragilidade, à família, à ternura e aos sentimentos. Nunca estão associadas a cargos de poder, a seres fortes e de domínio.

Com a análise destes estudos chegamos à conclusão de que a figura masculina é constantemente associada e representada em papéis mais ativos, enquanto a figura feminina é representada em papéis mais passivos e domésticos. Estes trabalhos de investigação levam-nos a refletir, no papel decisivo do sistema educativo, na medida em que pode legislar no sentido de que os manuais escolares não utilizem uma linguagem que reflète uma realidade determinista a que rapazes e raparigas não podem fugir; que os seus textos não surjam estereotipados nem com omissões de participações de vozes femininas na construção do conhecimento e da história.

Concluimos que “as representações sociais de género presentes nos manuais escolares correspondem a todo o tipo de conteúdos que veiculam, de forma explícita ou implícita, concepções estereotipadas sobre a feminidade e a masculinidade, sobre o ser mulher e o ser homem e que se fundamentam no facto de se nascer fêmea ou macho. (Nunes, 2009:13)”. Um dos exemplos de algumas concepções estereotipadas são as tarefas domésticas, pois ainda encontramos muitas mulheres retratadas nestas atividades o que leva a ideia de que só as mulheres estão aptas para estas funções, o que não é a realidade.

Os manuais escolares são “poderosos veículos de transmissão das representações sociais dominantes, podendo contribuir para a reprodução e o reforço dos estereótipos sobre a feminilidade e a masculinidade” (Nunes, 2007, p.8), partindo do facto de que a diferenciação de géneros se sentiu “logo que a organização social implicou a especificação de tarefas. A

repetição inferiorizou a imagem da mulher e fez com que ela fosse considerada como parte da ordem natural das coisas “(Brandão, 1979, p.6). Criando-se assim uma divisão de tarefas, umas associadas ao homem e outras à mulher. Eram também separadas questões relativas à personalidade e aos valores. Foi importante, no início da história da mulher, a existência de uma invisibilidade e visibilidade desta em materiais iconográficos (Nunes, 2007).

Algumas questões realizadas a professores de algumas escolas do 1.º ciclo, segundo o livro “representações de género em manuais escolares: Língua Portuguesa e Matemática: 1.º ciclo” retiraram as seguintes conclusões: os professores consideram que devem transmitir valores, valores estes que não estão implícitos nos manuais escolares. Os valores mais representados nos manuais são histórico-culturais, respeito pelo meio ambiente e pela família.

Com o decorrer do tempo muitos autores e estudos referenciam que a maioria dos manuais escolares, transmitem e apresentam valores associados aos estereótipos de género. As mulheres foram continuamente retratadas nos manuais como dependentes dos homens, como mães, cuidadoras, donas de casa e dedicadas ao trabalho doméstico.

A escola, e de uma forma importante os manuais escolares tem um papel importante e de auxílio de uma educação mais igualitária, sendo que por vezes isso não acontece, segundo Henriques (1996) referenciada por Martelo (2004: 41) “alguns autores, verificam que, de uma forma mais ou menos inconsciente, professores/as, continuam a transmitir saberes, valores subjacentes ao género, através das inúmeras interações educativas que se realizam nas Escolas, através da linguagem”.

No que compete ao Sistema Educativo, o manual escolar é o fio condutor do património cultural, pois contribui para a adaptação dos jovens e crianças das representações femininas e masculinas, ou seja, este forma individualmente ou coletivamente a identidade de género assim como regula as interações sociais e pessoas dos envolventes. Sendo que assumem uma importância relativa socialmente, os manuais escolares mostram questões de género através de imagens, textos, entre outros, que faz parte do sistema educativo. No que refere Martelo (2004: 45) “toda esta alteração na linguagem dos manuais escolares produzia significados que não constrangeriam rapazes e raparigas, mas antes lhe permitiriam construir a sua identidade de uma forma plena e sem conflitos,

possibilitando-lhes a aquisição de estruturas psicológicas para poderem investir no seu verdadeiro projeto de vida”.

Em jeito de conclusão, é importante ter presente as questões apresentadas não só a nível dos manuais escolares, mas também no dia a dia. Como sabemos e apesar do manual escolar ser um transmissor de valores e crenças, é importante utilizá-lo e interpretá-lo. É essencial passarmos mensagens de respeito e de igualdade, é necessário também mudar a forma de pensar e agir para conseguir chegar ao maior número possível de cidadãos, permitindo que a sociedade se torne um lugar mais igualitário.

Capítulo III- Metodologia de investigação

Com este capítulo serão expostas e descritas a metodologia de investigação e todas as opções adotadas para realização deste estudo de investigação. Desta maneira será apresentada a proposta pedagógico-didática e todo o procedimento desenvolvido, bem como a análise interpretativa da investigação realizada.

3.1. Opções metodológicas

A referente investigação, sendo um processo detalhado e rigoroso deve-se deste modo ter um conhecimento adequado e minucioso que possibilite o desenvolvimento de técnicas para assim retirar informações pertinentes do processo. Só assim é viável ter contributos enriquecedores para os processos envolvidos.

“Falar da investigação num dado domínio científico é como que ver reflectido num espelho aquilo que, num dado momento, preocupa, interessa e intriga os investigadores nessa área ou domínio do conhecimento;” (Coutinho, 2006)

Já no que compete o conceito de paradigma segundo Coutinho “Falar de paradigmas é falar de referenciais para a investigação, ou seja, é equacionar os motivos (finalidades, interesses) que levam o investigador a desenvolver a sua pesquisa: Que busco quando investigo? Verdade? Conhecimento? Informação? Compreender? Explicar? Emancipar? As respostas podem ser

encontradas nos três paradigmas da investigação educativa referidos na literatura: o paradigma positivista/quantitativo, o interpretativo/qualitativo e o crítico/emancipatório.” (Coutinho, 2006)

Deste modo podemos definir paradigma como a interpretação dos valores, das finalidades e interesses que envolvem todos os elementos envolventes nesta investigação. E assim sendo o paradigma pode-se dividir em diferentes áreas de investigação, dependendo do estudo educativo que determinamos trabalhar.

De acordo com a referente linha de interpretação, é essencial definir o problema e as questões de investigação, para assim designarmos o tipo de paradigma.

“Uma investigação pode ser definida como sendo o melhor processo de chegar a soluções fiáveis para problemas, através de recolhas planeadas, sistemáticas e respectiva interpretação de dados. É uma ferramenta da máxima importância para incrementar o conhecimento e, deste modo, promover o progresso científico permitindo ao Homem um relacionamento mais eficaz com o seu ambiente, atingindo os seus fins e resolvendo os seus conflitos” (Cohen & Manion, 1980; Santos, 1999, 2002).

Este estudo foca-se sobretudo nas conceções que os discentes e os seus respetivos encarregados de educação têm sobre o papel da mulher e do homem na sociedade antes do 25 de Abril e no período democrático e de onde surgiram essas mesmas conceções. Com este estudo procuramos colocar os alunos em situações de desigualdade entre homens e mulheres, dando oportunidade para estes refletirem e criarem momentos de empatia.

Desta maneira a opção que pareceu mais adequada seguir no esboço deste estudo foi o paradigma de natureza qualitativo. De uma forma resumida, este estudo permite inúmeras realidades, tendo como objetivo compreender a realidade segundo o pensamento e visão dos intervenientes, isto é:

“O foco da investigação qualitativa é a compreensão mais profunda dos problemas, é investigar o que está” por trás” de certos comportamentos, atitudes ou convicções” (Fernandes, 1991)

3.2. Descrição do estudo

A presente investigação foi desenvolvida aquando da prática de ensino supervisionado numa turma do 2.ºCEB do 6.º ano de escolaridade. O desenvolvimento do estudo, em simultâneo com a prática supervisionada, acabou por favorecer um caminho conjunto de investigação de natureza educativa e pedagógica. Foi importante conseguir realizar esta investigação em simultâneo com as sessões da prática profissional. É importante referir também que este estudo de investigação foi de carácter participativo, tendo sido um instrumento importante e fundamental na investigação pelo facto de conseguir investigar e agir em simultâneo durante a prática de ensino supervisionado.

Este estudo foi desenvolvido em diferentes fases, sendo estas as seguintes:

Numa fase inicial foi entregue a cada aluno um questionário inicial cujo objetivo era identificar as concessões prévias dos alunos sobre a temática relacionada com os direitos das mulheres antes do 25 de Abril e na atualidade.

Numa segunda fase foram desenvolvidas algumas atividades como:

1. Visualização de alguns vídeos sobre a temática e preenchimento de algumas fichas referentes aos vídeos;
2. “Saco de Curiosidades” esta atividade tinha como finalidade os alunos tiram deste mesmo saco algumas curiosidades sobre os direitos das mulheres durante o Estado Novo e lerem para a turma e posteriormente debaterem em conjunto.

Esta atividade foi muito bem conseguida, pois o feedback dado pelos discentes foi muito positivo sobre esta atividade e de cada vez que tiravam uma curiosidade faziam questão de opinar e de querer saber e tirar mais curiosidades.

3. “Jogo Quem é Quem” - Este jogo consistiu nos alunos colocarem-se no lugar do outro, consciencializando assim os mesmos, principalmente, para que Mulheres e Homens não tinham direitos iguais durante o Estado Novo.

Inicialmente foi dado a cada aluno um papel com uma personagem e estes teriam de dar um passo em frente sempre que acreditassem que a sua personagem podia fazer as

seguintes atividades, ou permaneciam no lugar sempre que não podiam realizar as propostas que a P.E ia dizendo.

Exemplo:

“P.E: Dá um passo em frente se podes votar;
Se não podes votar permaneces no mesmo lugar.”

Depois de realizado este jogo em grande grupo, fez-se uma partilha de opiniões sobre a mesma atividade. A P.E fez algumas questões para perceber o que os discentes retiraram desta sessão.

4. Trabalho sobre Carolina Beatriz Ângelo- Este trabalho tinha o intuito de os discentes ficarem a conhecer melhor uma das personalidades femininas mais conhecida pelas suas lutas a favor dos direitos das mulheres.
5. Trabalho sobre uma personalidade feminina marcante na história dos direitos da mulher: esta tarefa tinha o intuito de dar a conhecer aos discentes várias personalidades marcantes da história de Portugal através de um trabalho de pesquisa.

Na terceira etapa foi pedido aos alunos que realizassem um desenho sobre as sessões dadas pela P.E sobre a temática da equidade de género antes do 25 de Abril de 1974 e na atualidade.

Numa quarta etapa realizou-se um questionário final aos discentes e aos encarregados de educação igual ao questionário aplicado inicialmente só foi colocada mais uma questão pertinente para a recolha de dados.

Numa última fase foram realizadas entrevistas aos alunos sobre as temáticas abordadas nas aulas dadas pela P.E.

3.3. Caraterização dos participantes

Este estudo realizou-se numa turma de 6.º ano de escolaridade com vinte alunos, inserida numa escola pública pertencente ao concelho e distrito de Viana do Castelo.

Dos 20 inquiridos, 9 (45%) são do sexo feminino e 11 (55 %) são do sexo masculino com idades compreendidas entre os 11 e os 12 anos.

Já no que consiste o agregado familiar dos participantes este era consistido por na sua maioria por pais formados nas mais diversas áreas e com idades compreendidas entre os 33 anos e os 50 anos.

3.4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Para a recolha de todas as informações necessárias para o estudo, foram utilizados três questionários um inicial e outro final aplicado aos discentes e outro questionário posterior, aplicado aos encarregados de educação, sendo estes questionários iguais. De ressaltar, apenas, que o último questionário tinha uma questão diferente. Para além destes questionários foi utilizado para a recolha de informação as sessões e todas as atividades, fichas e trabalhos realizados, assim como as entrevistas realizadas sobre as sessões.

“Uma das vantagens da investigação de natureza qualitativa relaciona-se com a possibilidade que abre de gerar boas hipóteses de investigação. Isto deriva do facto de se utilizarem técnicas tais como entrevistas detalhadas e profundas com os sujeitos sob investigação, observações minuciosas e prolongadas das suas atividades e/ ou comportamentos e análise de produtos (e.g., relatórios, testes, composições)” (Fernandes,1991, p.4)

3.5. Procedimento de análise de dados

Neste tópico são analisados os questionários, entrevistas e atividades realizadas pertinentes para o estudo. Todas as questões realizadas sobre este estudo foram respondidas pelos discentes e pelos respetivos encarregados de educação.

Os dados foram todos analisados, organizados em tabelas e discutidos pela sua pertinência e pela sua informação. Deste modo foram retiradas conclusões pertinentes para o referente estudo.

Este trabalho de investigação e o seu procedimento seguiu os objetivos estabelecidos, assim como os núcleos que estruturam o saber Histórico e Geográfico, de acordo com o currículo das competências essenciais da unidade curricular de História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico.

No quadro seguinte são apresentadas as experiências de aprendizagem expectáveis a cada área específica, tendo como base as aprendizagens do 2.º ciclo do ensino básico na área de HGP auxiliado pelo documento das Competências Essenciais.

Ferramenta de análise de dados

(O instrumento foi conceptualizado com inspiração no Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001 e Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal, 2018¹)

<i>Competências específicas</i>	<i>Descritores de aprendizagem</i>
<i>Tratamento de informação/ utilização de Fontes</i>	Utilização de técnicas de investigação: -Observar e descrever aspetos da realidade física e social; -Recolher, registar e tratar diferentes tipos de informação; -Identificar problemas; -Formular hipóteses simples;

¹ Esta ferramenta de análise é recente, apesar de alguns relatórios da PES já utilizarem, contudo esta continua em constante mudança e estudo.

Compreensão Histórica:

- *Temporalidade*
- *Espacialidade*
- *Contextualização*

-Elaborar conclusões simples;
Interpretação de informação histórica diversa e com diferentes perspetivas.

Aplicação dos conceitos de mudança/permanência na caracterização das sociedades que se constituíram no espaço português em diferentes períodos;

-Identificação e caracterização de alterações significativas da sociedade portuguesa;

Estabelecer relações passo/presente, especificando contributos para o Portugal contemporâneo, utilizando corretamente o vocabulário próprio da disciplina;

Conhece a localização relativa do território português;

Distingue características concretas de sociedades que se constituíram no espaço português em diferentes períodos e estabelece relações entre os seus diversos domínios, utilizando corretamente o vocabulário específico da disciplina.

Utilização de diferentes formas de comunicação escrita na produção de pequenas biografias, diários, narrativas e

Comunicação em História

resumos no relacionamento de aspetos da História e Geografia de Portugal, fazendo o uso correto do vocabulário específico.

Desenvolvimento da comunicação oral envolvendo os alunos na narração / descrição, pequenas apresentações orais de trabalhos e pequenos debates ao nível da turma sobre temas de História e Geografia de Portugal em que se valorize a expressão oral.

Enriquecimento da comunicação através da análise e produção de materiais iconográficos (gravuras, fotografias) e, ainda, Plantas / mapas, gráficos, tabelas, quadros, frisos cronológicos, genealogias, utilizando os códigos que lhe são específicos.

Quadro 5 - Aferição de competências de Literacia Histórica e Geográfica no 2.º Ciclo do Ensino Básico (Elaboração Própria com base nos documentos curriculares e em outros Relatórios de PES deste Curso de Mestrado)

Capítulo IV-Apresentação e discussão dos resultados

4.1. Descrição da proposta pedagógica

Neste capítulo serão apresentados e analisados os resultados desta investigação, com base nas questões de investigação e nos objetivos definidos por mim. Deste modo procederei à análise de questionários, tarefas, e entrevistas realizadas aos participantes no decorrer deste estudo.

É importante frisar que os participantes deste estudo são alunos de uma turma de 6.ºano de escolaridade de uma escola do concelho de Viana do Castelo, assim como os seus respetivos encarregados de educação.

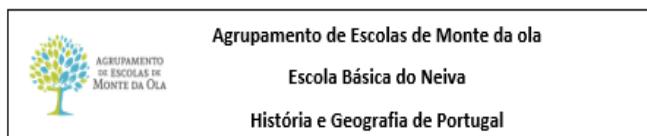
As atividades realizadas neste estudo centraram-se na troca de ideias e saberes entre os principais envolvidos, associadas à História e Geografia de Portugal, com o principal foco em promover o envolvimento e a participação de todos nas atividades propostas.

Deste modo, foram determinados os seguintes objetivos gerais para o auxílio do estudo:

- Analisar e compreender os papéis de género relativamente ao período antes do 25 de Abril de 1974 e no período democrático;
- Identificar as conceções dos alunos sobre esta temática;
- Desconstruir ideias prévias sobre papéis de género;

Atividade 1- Questionário inicial

A primeira etapa deste estudo foi a entrega de um questionário inicial sobre a temática dos papéis de género antes do 25 de Abril de 1974 e no período democrático. Com a análise deste questionário inicial, foi possível verificar as perceções que os discentes tinham sobre a temática.



Questionário

Papéis e de género em Portugal antes e depois do 25 de Abril de 1974

No âmbito do Mestrado de 1.º ciclo e 2.º ciclo de Português e História e Geografia de Portugal, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo será realizado este questionário que visa recolher informação pertinente destinada a um estudo da PES (Prática de Ensino Supervisionadas).

As informações dadas para este questionário são confidenciais, assim sendo pode responder com toda a sinceridade possível.

Obrigada pela cooperação.

Data: ___/___/___ Nome: _____

Idade _____ anos

Sexo: F M

Grupo I

1-Achas que Mulheres e Homens ao longo da História sempre detiveram os mesmos direitos?

Sim Não

2-As mulheres tiveram de lutar mais para obter os mesmos direitos que os homens?

Sim Não

3-Assinala com um F (Falso) e V(verdadeiro) as seguintes frases.

Antes do 25 de Abril....

____. As mulheres podiam exercer qualquer profissão.

____. As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.

____. As mulheres podiam votar.

____. As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.

4- O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres?

Sim Não

Se sim qual/ quais?

5-Achas que nos dias de hoje os direitos entre Mulheres e Homens são iguais?

Sim Não

Obrigada pela Atenção! 😊

Figura 10-Questionário inicial (Elaboração Própria)

Agrupamento de Escolas de Monte da Ola
Escola Básica Foz do Neiva
História e Geografia de Portugal

Questionário
Igualdade de género em Portugal antes e depois do 25 de Abril de 1974

No âmbito do Mestrado de 1.º ciclo e 2.º ciclo de Português e História e Geografia de Portugal, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo será realizado este questionário que visa recolher informação pertinente destinada a um estudo da PES (Prática de Ensino Supervisionada).

As informações dadas para este questionário são confidenciais, assim sendo pode responder com toda a sinceridade possível.

Obrigada pela cooperação.

Data: 21/03/2022
Idade: 11 anos

Sexo: F M

Grupo I

1-Achas que Mulheres e Homens ao longo da História sempre detiveram os mesmos direitos?
Sim Não

2-As mulheres sempre tiveram de lutar mais para obter os mesmos direitos que os homens?
Sim Não

Agrupamento de Escolas de Monte da Ola
Escola Básica Foz do Neiva
História e Geografia de Portugal

Questionário
Igualdade de género em Portugal antes e depois do 25 de Abril de 1974

No âmbito do Mestrado de 1.º ciclo e 2.º ciclo de Português e História e Geografia de Portugal, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo será realizado este questionário que visa recolher informação pertinente destinada a um estudo da PES (Prática de Ensino Supervisionada).

As informações dadas para este questionário são confidenciais, assim sendo pode responder com toda a sinceridade possível.

Obrigada pela cooperação.

Data: 21/03/2022
Idade: 11 anos

Sexo: F M

Grupo I

1-Achas que Mulheres e Homens ao longo da História sempre detiveram os mesmos direitos?
Sim Não

2-As mulheres sempre tiveram de lutar mais para obter os mesmos direitos que os homens?
Sim Não

3-Assinala com um F (Falso) e V (verdadeiro) as seguintes frases.
Antes do 25 de Abril...

F As mulheres podiam exercer qualquer profissão.
F As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.
F As mulheres podiam votar.
F As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.

4- O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres?
Sim Não
Se sim qual/ quais?
O direito de votar, o direito de viajar e o direito de receber o mesmo salário que os homens

5-Achas que nos dias de hoje os direitos entre Mulheres e Homens já é igual?
Sim Não

Obrigada pela Atenção! 😊

3-Assinala com um F (Falso) e V (verdadeiro) as seguintes frases.
Antes do 25 de Abril...

F As mulheres podiam exercer qualquer profissão.
F As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.
F As mulheres podiam votar.
F As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.

4- O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres?
Sim Não
Se sim qual/ quais?
após o 25 de abril as mulheres passaram a poder votar

5-Achas que nos dias de hoje os direitos entre Mulheres e Homens já é igual?
Sim Não

Obrigada pela Atenção! 😊

Figura 11- Alguns questionários preenchidos pelos discentes. (Fotografias da Autora)

Atividade 2- Trabalho Biográfico sobre Carolina Beatriz Ângelo

Esta tarefa tinha o intuito de os discentes ficarem a conhecer melhor uma das personalidades femininas mais importantes na luta em favor dos direitos das mulheres no nosso país. Apresentamos o guião orientador que construímos:



História e Geografia de Portugal

Nome: _____

Turma: _____

Guião Orientador

1-Realiza um trabalho de pesquisa sobre Carolina Beatriz Ângelo.

Procura informações importantes como:

- Nome Completo;
- Data de nascimento e de falecimento;
- Casamento;
- Filhos;
- Formação académica;
- O que defendia;
- Pelo que ficou conhecida;
- Como foi homenageada (construção de edifícios, ruas, etc., com o seu nome);
- Curiosidades que aches pertinentes;

2- Apresenta este trabalho de pesquisa de forma original à tua turma.

- PowerPoint;
- Vídeo;
- Cartaz;
- Esquema;
- Poster;

Dicas:

Coloca algumas imagens no teu trabalho;

Procura informação em várias plataformas digitais ou livros;

Bom Trabalho!! 😊

Figura 12-Guião Orientador (Elaboração Própria)

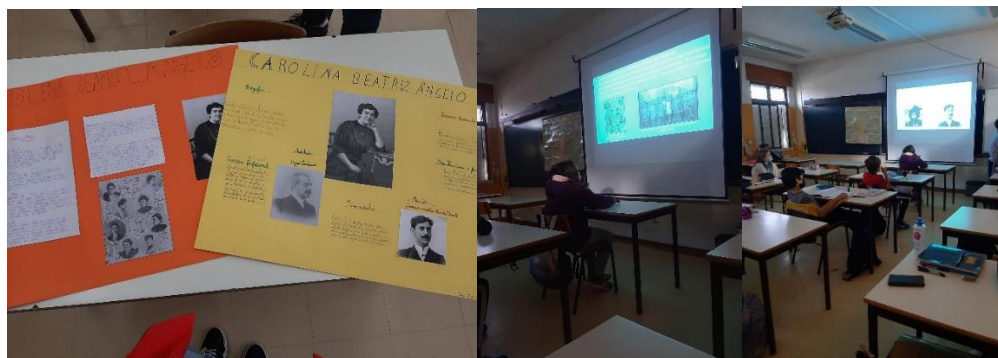


Figura 13- Imagens dos trabalhos realizados no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal. (Fotografias da autora)

Atividade 3- Jogo “Quem é Quem”

Este jogo consistiu em consciencializar os alunos através de um exercício de empatia histórica, competência fundamental de trabalho em Educação Histórica, para o facto de que Mulheres e Homens não tinham direitos iguais durante o Estado Novo.

Inicialmente foi dado a cada aluno um papel com uma personagem e estes teriam de dar um passo em frente sempre que acreditassem que a sua personagem podia fazer as seguintes atividades, ou permaneciam no lugar sempre que não podiam realizar as propostas que a Professora Estagiária (P.E) ia dizendo:

Exemplo:

“P.E: Dá um passo em frente se podes votar;
Se não podes votar permaneces no mesmo lugar.”

Após a realização deste jogo em grande grupo, realizou-se uma partilha de opiniões sobre a mesma atividade. A P.E fez algumas questões para perceber o que os discentes retiraram desta sessão:

1. *O que observaram com este jogo? Todos conseguiram chegar à linha final?*
2. *Porque é que nem todos conseguiram chegar à linha final?*
3. *Acham que todos tinham os mesmos direitos durante o Estado Novo?*
4. *Acham que havia igualdade de género?*
5. *O que pensam de homens e mulheres não terem os mesmos direitos? Acham justo?*
6. *Gostavam de ser mulheres durante o Estado Novo?*

Com este jogo foi notório o desconforto dos alunos quanto à diferença de direitos, pois já em discussão na sala de aula demonstraram esse mesmo descontentamento achando estas regras muito injustas.

“Jogo Quem é Quem”

Dá um passo em frente sempre que a resposta é afirmativa, quando for o oposto permaneces no teu lugar.

Personagens

- Professora
- Médico
- Médica
- Político contra o Estado Novo
- Militar contra o Estado Novo
- Polícia da PIDE
- Padre
- Enfermaria
- Hospedeira de Bordo
- Filho de um emigrante
- Filho de um Político a favor do governo
- Mãe Solteira
- Jornalista homem
- Agricultor
- Dona de casa
- Cabeleireira
- Barbeiro
- Costureira

- Padeira
- Mulher de um político

- Cantora

Perguntas

- 1- Tenho acesso ao ensino até ao 4ºano de escolaridade;
- 2- Tenho direito a votar;
- 3- Tenho direito a casar;
- 4- Posso me divorciar;
- 5-Tenho acesso à escolarização até ao 6.º ano;
- 6- Posso viajar para o estrangeiro sem autorização do meu marido/esposa;
- 7-Tenho acesso à escolarização até ao ensino superior;
- 8- Posso exercer as seguintes profissões: polícia e militar;

- 9- Posso trabalhar fora de casa;
- 10- O meu salário é igual aos funcionários do sexo masculinos;
- 11- Posso abrir uma conta no banco sem a autorização do meu marido/Mulher;
- 12- Posso viajar para fora do país sem autorização do meu marido/ Mulher;

- 13- Tenho acesso a cargos políticos;

Figura 14 - Jogo "Quem é Quem" (Elaboração Própria)



Figura 15 - Imagens da realização do jogo " Quem é Quem". (Fotografias da autora)

Atividade 4- “Saco das curiosidades”

Esta atividade tinha como finalidade os alunos retirarem deste mesmo saco algumas curiosidades sobre os direitos das mulheres durante o Estado Novo e lerem para a turma e, posteriormente, debaterem em conjunto. Esta atividade foi muito bem conseguida, pois o *feedback* dado pelos discentes foi muito positivo sobre esta atividade e de cada vez que tiravam uma curiosidade faziam questão de opinar e de querer saber e tirar mais curiosidades.



Figura 16- Atividade "Saco das curiosidades". (Fotografias da Autora)

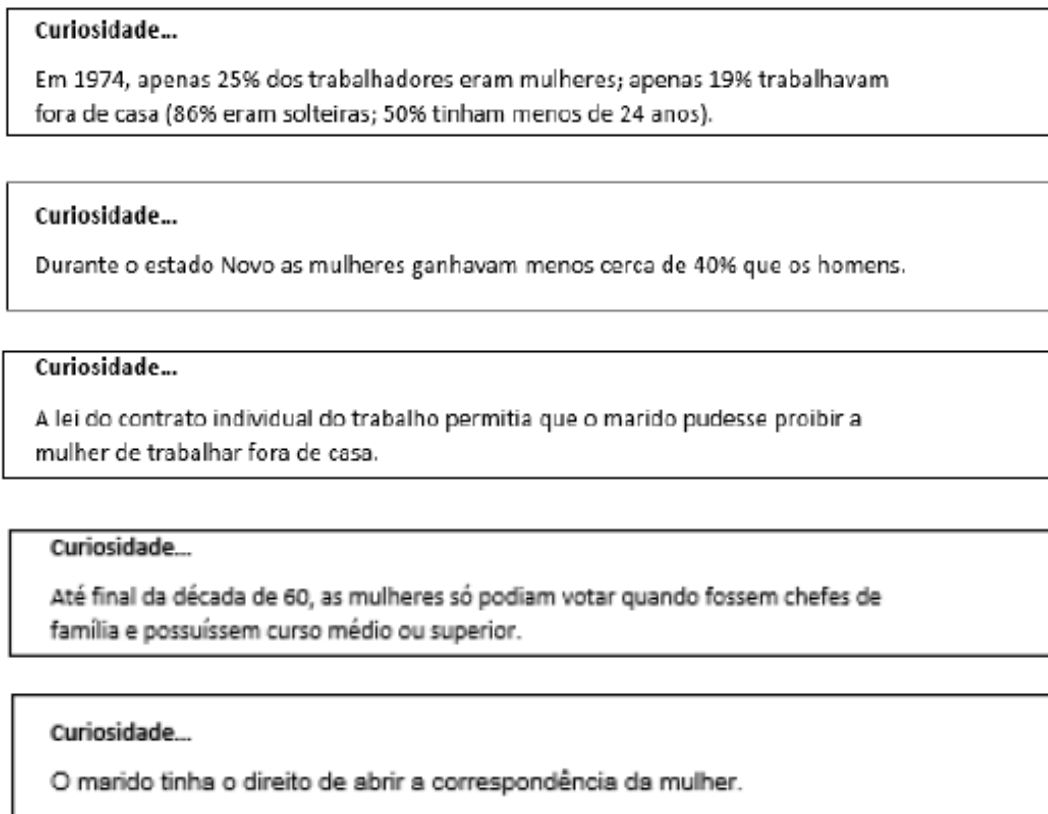



Figura 17-Atividade "Saco das curiosidades" (Elaboração Própria)

De notar que a totalidade destas informações era completamente desconhecida dos discentes. Na sua perspetiva, a caminhada pela igualdade de direitos entre mulheres e homens era bem mais “antiga” e não tão “recente” quanto o estudo acabou por demonstrar, como veremos mais detalhadamente na análise de dados destas tarefas.

Atividade 5- Trabalho biográfico sobre uma personalidade feminina importante na História de Portugal

Esta tarefa tinha o intuito de dar a conhecer aos discentes várias personalidades marcantes da História de Portugal, através de um trabalho de pesquisa livre, incentivando o tratamento de informação/utilização de fontes, mas com uma guião orientador, que de seguida se apresenta:

Guião Orientador

	Agrupamento de Escolas de Monte da Ola Escola Básica Foz do Neiva História e Geografia de Portugal
---	---

Nome: _____

Turma: _____

Guião Orientador

1-Realiza um trabalho de pesquisa sobre uma personalidade feminina marcante na História.

Procura informações importantes como:

- Nome Completo;
- Data de nascimento e de falecimento;
- Casamento;
- Filhos;
- Formação académica;
- O que defendia;
- Pelo que ficou conhecida;
- O que defendia;
- Como foi homenageada (construção de edifícios, ruas, etc., com o seu nome);
- Curiosidades que aches pertinentes;

2- Apresenta este trabalho de pesquisa de forma original.

- Cartaz;

Dicas:

Coloca algumas imagens no teu trabalho;

Procura informação em várias plataformas digitais ou livros;

Bom Trabalho!! 😊

Figura 18-Guião Orientador (Elaboração Própria)

Atividade 6 -Desenhos sobre as sessões


Esta atividade tinha o intuito dos alunos realizarem um desenho ilustrativo ou redigirem um pequeno texto relativamente às aulas anteriormente lecionadas pela professora-investigadora. Com este tipo de registo, procurou-se enriquecer a recolha de dados para o estudo e dilatar a tipologia de instrumentos à nossa disposição para uma análise mais rica.



Figura 19- Desenhos realizados pelos discentes sobre as sessões de História e Geografia de Portugal dadas pela P.E. (Fotografias da Autora)

Atividade 7- Questionário final

Este questionário era igual ao primeiro que fora aplicado e inicialmente distribuído. Apresentava, apenas, uma questão extra que não coloquei no primeiro e que era pertinente fazer nesta fase do estudo:

 <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MONTE DA OLA</p>	<p>Agrupamento de Escolas de Monte da Ola</p> <p>Escola Básica do Neiva</p> <p>História e Geografia de Portugal</p>
---	--

Questionário

Papéis e de género em Portugal antes e depois do 25 de Abril de 1974

No âmbito do Mestrado de 1.º ciclo e 2.º ciclo de Português e História e Geografia de Portugal, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo será realizado este questionário que visa recolher informação pertinente destinada a um estudo da PES (Prática de Ensino Supervisionadas).

As informações dadas para este questionário são confidenciais, assim sendo pode responder com toda a sinceridade possível.

Obrigada pela cooperação.

Data: ___/___/___ Nome: _____

Idade _____ anos

Sexo: F M

Grupo I

1-Achas que Mulheres e Homens ao longo da História sempre detiveram os mesmos direitos?

Sim Não

2-As mulheres tiveram de lutar mais para obter os mesmos direitos que os homens?

Sim Não

3-Assinala com um F (Falso) e V(verdadeiro) as seguintes frases.

Antes do 25 de Abril....

____. As mulheres podiam exercer qualquer profissão.

____. As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.

____. As mulheres podiam votar.

____. As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.

Depois do 25 de Abril....

____. As mulheres podiam exercer qualquer profissão.

____. As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.

____. As mulheres podiam votar.

____. As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.

4- O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres?

Sim Não

Se sim qual/ quais? _____

5-Achas que nos dias de hoje os direitos entre Mulheres e Homens são iguais?

Sim Não

Obrigada pela Atenção! 😊

Figura 20-Questionário final. (Elaboração própria)

Agrupamento de Escolas de Monte da Ola
Escola Básica Foz do Neiva
História e Geografia de Portugal

Questionário
Igualdade de género em Portugal antes e depois do 25 de Abril de 1974

No âmbito do Mestrado de 1.º ciclo e 2.º ciclo de Português e História e Geografia de Portugal, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo será realizado este questionário que visa recolher informação pertinente destinada a um estudo da PES (Prática de Ensino Supervisionadas).

As informações dadas para este questionário são confidenciais, assim sendo pode responder com toda a sinceridade possível.

Obrigada pela cooperação.

Data: 20/04/2023
Nome: _____
Idade: 11 anos
Sexo: F M

Grupo I

1-Achas que Mulheres e Homens ao longo da História sempre detiveram os mesmos direitos?
Sim Não

2-As mulheres tiveram de lutar mais para obter os mesmos direitos que os homens?
Sim Não

3-Assinala com um F (Falso) e V(verdadeiro) as seguintes frases.

Antes do 25 de Abril...

F As mulheres podiam exercer qualquer profissão.
F As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.
F As mulheres podiam votar.
F As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.

Depois do 25 de Abril...

V As mulheres podiam exercer qualquer profissão.
N As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.
V As mulheres podiam votar.
V As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.

4- O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres?
Sim Não
Se sim qual/ quais?
O direito ao voto

5-Achas que nos dias de hoje os direitos entre mulheres e homens são iguais?
Sim Não

Obrigada pela Atenção! 😊

Agrupamento de Escolas de Monte da Ola
Escola Básica Foz do Neiva
História e Geografia de Portugal

Questionário
Igualdade de género em Portugal antes e depois do 25 de Abril de 1974

No âmbito do Mestrado de 1.º ciclo e 2.º ciclo de Português e História e Geografia de Portugal, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo será realizado este questionário que visa recolher informação pertinente destinada a um estudo da PES (Prática de Ensino Supervisionadas).

As informações dadas para este questionário são confidenciais, assim sendo pode responder com toda a sinceridade possível.

Obrigada pela cooperação.

Data: 20/04/2023
Nome: _____
Idade: 11 anos
Sexo: F M

Grupo I

1-Achas que Mulheres e Homens ao longo da História sempre detiveram os mesmos direitos?
Sim Não

2-As mulheres tiveram de lutar mais para obter os mesmos direitos que os homens?
Sim Não

3-Assinala com um F (Falso) e V(verdadeiro) as seguintes frases.

Antes do 25 de Abril...

F As mulheres podiam exercer qualquer profissão.
F As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.
F As mulheres podiam votar.
F As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.

Depois do 25 de Abril...

V As mulheres podiam exercer qualquer profissão.
V As mulheres podiam viajar livremente sem pedir a autorização a um homem.
V As mulheres podiam votar.
F As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.

4- O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres?
Sim Não
Se sim qual/ quais?
O direito ao voto, de serem consideradas profissionais...

5-Achas que nos dias de hoje os direitos entre mulheres e homens são iguais?
Sim Não

Obrigada pela Atenção! 😊
De modo! 😊

Figura 21-Questionários finais preenchidos por alguns discentes. (Fotografias da Autora)

Atividade 8-Questionário realizado aos Encarregados de Educação

Este estudo procurou o envolvimento direto da família dos alunos que constituíram a amostra, no sentido de compreender muitas das conceções e práticas manifestadas ao longo das tarefas didáticas. Decidimos, assim, aplicar aos Encarregados de Educação o mesmo questionário dado aos discentes, como se pode ver adiante:

Agrupamento de Escolas de Monte da Oia
Escola Básica Foz do Neiva
História e Geografia de Portugal

Questionário
Igualdade de género em Portugal antes e depois do 25 de Abril de 1974

No âmbito do Mestrado de 1.º ciclo e 2.º ciclo de Português e História e Geografia de Portugal, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo será realizado este questionário que visa recolher informação pertinente destinada a um estudo da PEs (Prática de Ensino Supervisionada).

As informações dadas para este questionário são confidenciais, assim sendo pode responder com toda a sinceridade possível.

Obrigada pela cooperação.

Data: 20/9/22
Nome: [Redacted]
Idade: 40 anos
Sexo: F M

Grupo I

1-Achas que Mulheres e Homens ao longo da História sempre detiveram os mesmos direitos?
Sim Não

2-As mulheres tiveram de lutar mais para obter os mesmos direitos que os homens?
Sim Não

3-Assinala com um F (Falso) e V (Verdadeiro) as seguintes frases.

Antes do 25 de Abril...

As mulheres podiam exercer qualquer profissão.
 As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.
 As mulheres podiam votar.
 As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.

Depois do 25 de Abril...

As mulheres podiam exercer qualquer profissão.
 As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.
 As mulheres podiam votar.
 As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.

4-O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres?
Sim Não
Se sim qual/ quais?
Direito voto, direito de casar e trabalhar.

5-Achas que nos dias de hoje os direitos entre mulheres e homens são iguais?
Sim Não

Obrigada pela Atenção! 😊

Agrupamento de Escolas de Monte da Oia
Escola Básica Foz do Neiva
História e Geografia de Portugal

Questionário
Igualdade de género em Portugal antes e depois do 25 de Abril de 1974

No âmbito do Mestrado do 1.º ciclo e 2.º ciclo de Português e História e Geografia de Portugal, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo será realizado este questionário que visa recolher informação pertinente destinada a um estudo da PES (Prática de Ensino Supervisionada).

As informações dadas para este questionário são confidenciais, assim sendo pode responder com toda a sinceridade possível.

Obrigada pela cooperação.

Data: 20/04/2022
Nome: _____
Idade: 51 anos
Sexo: F M

Grupo 1

1-Achas que Mulheres e Homens ao longo da História sempre detiveram os mesmos direitos?
Sim Não

2-As mulheres tiveram de lutar mais para obter os mesmos direitos que os homens?
Sim Não

3-Assinala com um T (Falso) e V(verdadeiro) as seguintes frases.

Antes do 25 de Abril...

As mulheres podiam exercer qualquer profissão.
 As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.
 As mulheres podiam votar.
 As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.

Depois do 25 de Abril...

As mulheres podiam exercer qualquer profissão.
 As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.
 As mulheres podiam votar.
 As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.

4- O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres?
Sim Não

Se sim qual/ quais?
direito ao voto, possibilidades comerciais profissionais, igualdade entre homens e mulheres em todos os domínios

5-Achas que nos dias de hoje os direitos entre mulheres e homens são iguais?
Sim Não

Obrigada pela Atenção! 😊

Figura 22-Questionários preenchidos por alguns Encarregados de Educação. (Fotografias da Autora)

Atividade 9- Entrevistas realizadas aos discentes

No âmbito da investigação da PES foram realizadas algumas entrevistas aos discentes sobre as sessões dadas pela PE e que se apresentam em seguida:

- 1- O que aprenderam de novo com estas sessões dadas pela P.E sobre a equidade de género antes do 25 de Abril de 1974?
- 2- Sabias das diferenças de Direitos entre Homens e Mulheres antes do 25 de Abril de 1974?
- 3- Quando descobriste que homens e mulheres nem sempre tinham os mesmos direitos?
- 4- Qual foi a restrição de direitos que mais te chamou a atenção?
- 5- Qual a tua opinião sobre a equidade de género antes do 25 de Abril?

6- *E depois do 25 de Abril ainda achas que há desigualdade de direitos entre homens e mulheres?*

7- *E como olhas para os direitos das mulheres e dos homens no nosso mundo atual?*

4.2. Análise e interpretação da proposta pedagógica

Este capítulo destina-se à apresentação e análise dos resultados obtidos em contexto educativo, tendo como base a questão de investigação e os objetivos definidos. Desta forma, foram analisados os questionários, entrevistas, assim como trabalhos e tarefas realizadas pelos alunos nas sessões de implementação do estudo.

Atividade 1- Questionário inicial

Foi através do tratamento de informação, mais concretamente a utilização de técnicas de investigação, nomeadamente, o recolher, o registar e o tratar diferentes tipos de informação, que se realizou um questionário inicial em que a discente obteve algumas informações pertinentes acerca das conceções prévias dos alunos. Contudo, foram selecionados apenas 7 questionários dos 20 recolhidos, uma vez que as respostas se assemelhavam entre si.

Desta forma, este questionário contou com as seguintes questões:

1. Achas que mulheres e homens ao longo da história sempre detiveram os mesmos direitos?
2. As mulheres sempre tiveram de lutar mais para obter os mesmos direitos que homens?
3. Assinala com um F (Falso) e V (Verdadeiro) as seguintes frases.

Antes do 25 de Abril

___As mulheres podiam exercer qualquer profissão.

___As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.

___As mulheres podiam votar.

___As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.

4. O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres? Se sim qual/ quais?

5. Achas que nos dias de hoje os direitos entre mulheres e homens já é igual?

Com este questionário era pretendido realizar uma análise qualitativa e interpretativa do conteúdo das ideias tácitas dos alunos, onde os dados recolhidos foram organizados sob a forma de tabela, como se pode observar:

A primeira questão “Achas que mulheres e homens ao longo da história sempre detiveram os mesmos direitos?” possibilitou à investigadora entender as perceções dos alunos sobre a temática dos papéis de género. A esta questão os discentes responderam todos negativamente, mostrando perceber a evolução que ocorreu ao longo do tempo.

Já no que compete à segunda questão “As mulheres sempre tiveram de lutar mais para obter os mesmos direitos que os homens?” tivemos respostas negativas e afirmativas, sendo que as respostas afirmativas foram superiores. Foi notória uma diferença clara de respostas dos alunos em relação à primeira questão, uma vez que nem todos os discentes sabiam da luta das mulheres pelos mesmos direitos que os homens.

Questões	Sim	Não
<i>1-Achas que Mulheres e Homens ao longo da História sempre detiveram os mesmos direitos?</i>	0	7
<i>2-As mulheres sempre tiveram de lutar mais para obter os mesmos direitos que os homens?</i>	6	1
<i>4-O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres? *</i>	6	1
<i>5-Achas que nos dias de hoje os direitos entre Mulheres e Homens já é igual?</i>	3	4

Quadro 6: Respostas obtidas ao questionário inicial pelos discentes

No que diz respeito à terceira questão, cuja resposta implicava a opção verdadeira ou falso, é perceptível que a maioria dos inquiridos têm ideias muito positivas sobre esta

temática. As respostas mais representativas e selecionadas no que refere ao período anterior ao 25 de Abril foram na sua maioria falso e as afirmações eram as seguintes:

“As mulheres podiam exercer qualquer profissão”
 “As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem”
 “As mulheres podiam votar”
 “As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens”

3-Questões	Verdadeiro	Falso
Antes do 25 de Abril...		
<i>As mulheres podiam exercer qualquer profissão.</i>	1	6
<i>As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.</i>	0	7
<i>As mulheres podiam votar</i>	1	6
<i>As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.</i>	0	7

Quadro 7: Respostas à questão três do questionário inicial pelos discentes

No que concerne à quarta questão “O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres? Se sim qual/quais?”, a grande parte dos discentes respondeu afirmativamente e deram, na maioria, o exemplo do direito ao voto. Contudo obtivemos outras respostas como: *ser livre; direito de seguir qualquer profissão e o direito a trabalhar de forma livre.*

Por último, na questão final do questionário “Achas que nos dias de hoje os direitos entre mulheres e homens já é igual?” a maioria da turma dividiu-se entre a resposta afirmativa e a resposta negativa. Esta divisão poderá estar relacionada com as vivências familiares e sociais deste grupo de alunos, na sua maioria provenientes de contextos estruturados e com um bom acesso à informação e ao conhecimento da atualidade.

4-O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres? Quais? *	Número discentes a responder
<i>Direito ao voto</i>	3
<i>Direito a ser libres</i>	1
<i>Podiam viajar</i>	1
<i>As mulheres depois do 25 de Abril tinham direitos iguais aos dos homens</i>	1
<i>Direito a receber o mesmo salário que os homens</i>	1
<i>Não respondeu</i>	1

Quadro 8: Respostas referentes à questão número quatro pelos discentes.

Atividade 2- Trabalho Biográfico em torno de Carolina Beatriz Ângelo



Figura 23 – Ana de Castro Osório e Carolina Beatriz Ângelo no momento em que votaram. Fotografia de Joshua Benoliel. Fonte: Ilustração Portuguesa, N.º 276 (05/06/1911), p. 714.

Através da compreensão histórica, este trabalho tinha o intuito de os discentes ficarem a conhecer melhor uma das personalidades femininas mais conhecidas na afirmação dos direitos da mulher durante o início do regime republicano. Falamos de Carolina Beatriz Ângelo (na foto), médica, republicana e sufragista, que foi a primeira mulher a votar

em Portugal por ser chefe de família e ter formação superior. Foi também uma das fundadoras da *Liga Republicana das Mulheres Portuguesas*, que defendia o sufrágio feminino, o direito ao divórcio e ao voto.

Aquando da realização deste trabalho os alunos já conheciam o percurso de Carolina Beatriz Ângelo. Neste sentido, a realização do trabalho e a sua posterior apresentação tornou-se mais assertiva. Contudo, e apesar do grau de facilidade, os discentes entenderam a importância desta personalidade na História de Portugal e na História da Mulher.

Os alunos apresentaram os referentes trabalhos à turma, em cartazes ou PowerPoint. Na sua apresentação colocaram o percurso académico de Carolina Beatriz Ângelo assim como a sua luta pelos direitos das mulheres. Alguns trabalhos apresentavam também algumas curiosidades, como obras inspiradas na vida de Carolina Beatriz Ângelo e representações na cultura popular e homenagens. Outros trabalhos foram mais longos e referiam um pouco da sua carreira médica, como o tema da sua dissertação e o facto de ter sido a primeira mulher portuguesa a operar.

Atividade 3- Jogo “Quem é Quem”

Este jogo, inserido na competência da compreensão histórica, mais especificamente na temporalidade, consistiu na experiência dos alunos se colocarem no lugar do outro, através de um exercício de empatia histórica (competência fundamental da Educação Histórica de acordo com Rosalyn Ashby), consciencializando para o facto de que Homens e Mulheres não tinham direitos iguais durante o Estado Novo.

As conclusões retiradas após realizado este jogo foram muito interessantes e esclarecedoras para a investigação. O que acabamos por concluir é que muitos dos discentes não evidenciavam conhecimento sobre a falta de direitos das mulheres na época histórica retratada. O que foi comprovado pelo exercício de empatia histórica, em que o discente ao encarnar uma personagem feminina, verificou que lhe foram negados direitos,

apenas por ser mulher. O impacto evidenciado na primeira pessoa por cada discente da turma possibilitou a reflexão sobre esta temática.

Com esta atividade os alunos começaram a questionar a importância da equidade de género e refletiram sobre as restrições a que muitos dos seus familiares do sexo feminino foram sujeitos antes do 25 de Abril de 1974. Aquando desta intervenção surgiram opiniões marcantes, ditas pelos alunos:

“É muito injusto professora, eu sou uma médica, não consegui chegar ao fim do jogo e o meu colega, com a mesma profissão que eu, conseguiu chegar à linha de partida só por ser homem”

“Como é que duas pessoas com a mesma profissão, apenas com géneros diferentes, não têm os mesmos direitos? Isso é injusto, então eu estudei para quê?”

“Como é que uma cantora não podia viajar sem a autorização do marido?” “Não consigo trabalhar sem autorização de um homem.” “Injusto!”

“Professora resumindo as mulheres não tinham direito independente da profissão, idade ou classe social”

Estes testemunhos atestam bem a importância das aprendizagens e reflexões que a atividade proporcionou.

Atividade 4- “Saco das curiosidades”

A atividade que se segue, insere-se no domínio da compreensão histórica, mais especificamente na dimensão da temporalidade, onde se identificam e caracterizam mudanças e alterações significativas da sociedade portuguesa. Esta tarefa foi bem-sucedida e atingiu o objetivo pretendido pela professora estagiária. O objetivo do “Saco das curiosidades” à semelhança da atividade três, era sensibilizar os alunos para a desigualdade de género. Contudo, esta atividade tinha o intuito também de sensibilizar os alunos para a falta de condições na saúde e na educação, principalmente para as pessoas

do sexo feminino. Algumas das curiosidades estavam ligadas à maneira como as mulheres se tinham de vestir, comportar, e o que lhes era permitido fazer ou não fazer.

À medida que estas informações eram apresentadas à turma, os discentes demonstravam sentimentos de revolta e espanto, pois a realidade vivida antes do 25 de Abril de 1974 em muito pouco se assemelha aos dias de hoje, pelo facto de as mulheres atualmente serem detentoras de muitos mais direitos do que nesta época histórica. Os alunos teceram duros comentários à falta de equidade vivida na época. Isto é, grande parte dos alunos ficaram surpresos com a disparidade profissional vivenciada, uma vez que algumas profissões não eram permitidas a mulheres, e, até, em determinadas profissões como, por exemplo, Enfermagem, as mulheres estavam impedidas de casar. Num outro momento, um assunto que também foi debatido e que despertou sentimentos de injustiça foi o acesso à saúde e à educação, que era inexistente a pessoas do sexo feminino, tal como o direito ao divórcio.

Por fim, após discussão de ideias os discentes evidenciaram conclusões pertinentes, designadamente, as desigualdades vivenciadas no ceio familiar, entre homem e mulher, em particular o casamento em idade precoce, a proibição de viajar e trabalhar sem autorização do homem e a vida dedicada às lides domésticas e educação dos filhos, como única atividade permitida.

Atualmente, no que concerne às desigualdades de género os alunos perceberam que ainda há muito trabalho e que é importante darmos valor à nossa liberdade e às conquistas democráticas herdadas da Revolução do 25 de Abril de 1974.

Atividade 5- Trabalho biográfico sobre uma personalidade feminina importante na história

Com esta atividade, inserida na competência fundamental da Comunicação em História, era pretendido que os alunos explorassem outras personalidades importantes, na luta pela igualdade de género, com o intuito de dar a conhecer alguns acontecimentos e

profissões alcançadas por algumas mulheres. Com a execução desta tarefa, os alunos partilharam as suas investigações com os restantes discentes e ficaram motivados e surpresos pelas descobertas alcançadas.

Exemplo disso, foram as descobertas de duas mulheres portuguesas que tiveram um papel de destaque em profissões maioritariamente masculinas, designadamente Isabel Rilvas, primeira mulher paraquedista em Portugal, e Maria de Lourdes de Sá Teixeira, primeira mulher a conseguir o brevet de piloto civil. Após esta pesquisa, os alunos do sexo masculino ficaram surpresos e curiosos, uma vez que não conheciam o papel destas mulheres em profissões maioritariamente masculina.



Figura 24: Isabel Rilvas
(Fonte: *Blogue novoadamastor*)

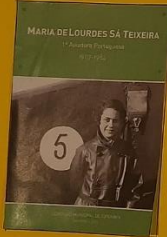


Figura 25: Maria de Lourdes
(Fonte: *Museu do Ar*)

Desta forma, este trabalho de investigação foi fulcral no sentido em que permitiu aos discentes conhecer personalidades femininas importantes na história e apesar da falta de equidade vivida durante décadas, estas conseguiram alcançar feitos de extrema relevância.



MARIA DE LURDES BRAGA DE SA TEIXEIRA

a primeira mulher a pilotar um avião em Portugal




Maria de Lourdes Braga de Sá Teixeira

- Maria de Lourdes Braga de Sá Teixeira nasceu a 19 de outubro de 1907 em Lisboa, Portugal. Teve a primeira mulher a pilotar um avião em Portugal, em 1955, com o nome de Maria de Lourdes Braga de Sá Teixeira.
- Família
 - Pertence a uma família de grande elite brasileira, filha de Afonso Augusto Pinheiro de Sá Teixeira, um grande médico. De pai e mãe teve um desejo de ser piloto, mas devido ao estado de saúde da mãe, não pôde ser piloto, pelo que decidiu estudar medicina em Portugal, com o nome de Maria de Lourdes Braga de Sá Teixeira.
- Formação académica e carreira
 - Estudou na escola de aviação civil do Aero Club de Portugal (Sintra) em 1953. Em 1955 é a segunda mulher portuguesa a obter o brevet. Em 1956 obtém o 1º grau de paraquedismo civil e no ano seguinte o 2º grau. Em 1955
- O que defende
 - A defesa da mulher e a defesa das mulheres e das mulheres em geral, especialmente a nível de medicina feminina.
- Homenageação
 - Foi homenageada com a ordem do Infante D. Henrique e Medalha de mérito aeronáutico.


Isabel Rilvas



Isabel Manuela Teixeira Bandeira de Melo

- Nascimento: 8 de Janeiro de 1935 (87 anos) Lisboa
- Cônjuge: Leonardo Mathias 7 Janeiro de 1961
- Filhos: Leonardo Mathias, Maria Cortez de Lobão, Pedro Mathias.

- Formação académica: Estudou na escola de aviação civil do Aero club de Portugal (Sintra) em 1953. Em 1955 é a segunda mulher Portuguesa a obter o brevet. Em 1956 obtém o 1º grau de paraquedismo civil e no ano seguinte o 2º grau. Em 1955



- Homenageada com a ordem do Infante D. Henrique
- Medalha de mérito aeronáutico
- Foi uma das grandes impulsionadoras para a criação da Enfermeiras Paraquedistas.

Figura 26: Trabalhos sobre uma personalidade feminina importante na história realizados pelos discentes. (Fotografias da Autora)

Atividade 6 -Desenhos sobre as sessões

Ainda dentro da competência da Comunicação em História, os alunos mostraram-se capazes de expressar as suas ideias sobre as sessões através da expressão plástica, nomeadamente o desenho.

Esta tarefa de ilustração foi importante para entender os pontos de vista dos alunos sobre as sessões realizadas durante este período da prática de ensino supervisionada. Foi perceptível, através desta atividade, que o que mais se destacou foram as sessões destinadas à desigualdade de género e ao 25 de Abril de 1974. A opinião dos alunos também foi importante, assim como o *feedback* positivo dado sobre as sessões.

Como as figuras inferiores demonstram que os discentes, na sua maioria, apresentam e evidenciam a Revolução de 25 de Abril de 1974 como um marco importante na nossa sociedade. Para além disso, alguns discentes também abordam temáticas lecionadas durante as atividades, como é o caso da figura 27, que aborda temas e personalidades marcantes na história. No que concerne aos temas, os discentes foram capazes de identificar, temáticas como a equidade de género, o Estado Novo e a Revolução de 25 de Abril de 1974, por outro lado, no que toca às personalidades, nomeiam Salazar, Salgueiro Maia e Beatriz Ângelo.

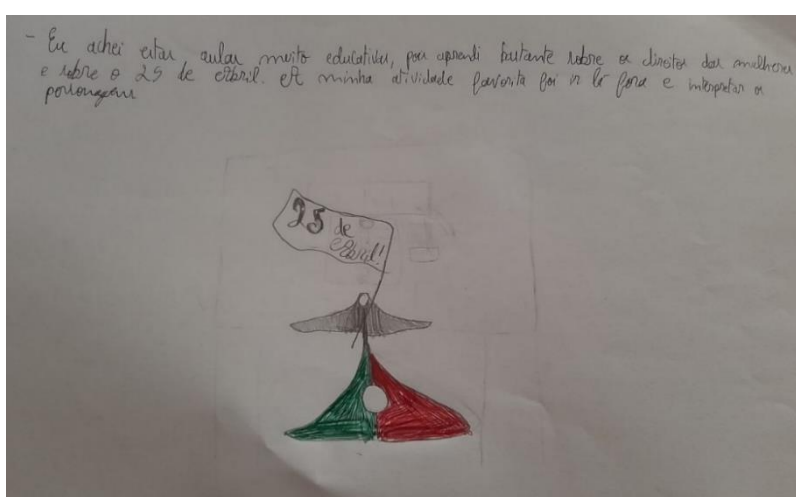


Figura 27: Texto e ilustração de um discente sobre a Revolução de 25 de Abril de 1974. (Fotografia da Autora)

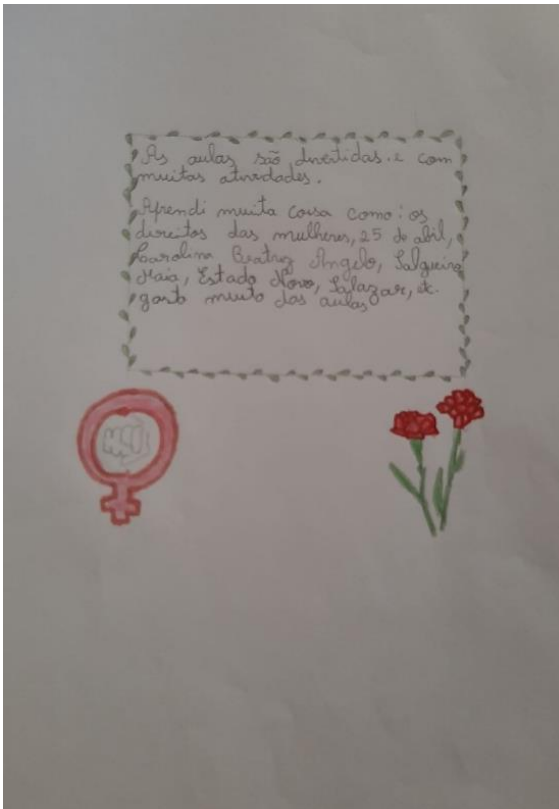


Figura 28: Texto e ilustração de um discente sobre as temáticas lecionadas. (Fotografia da Autora)

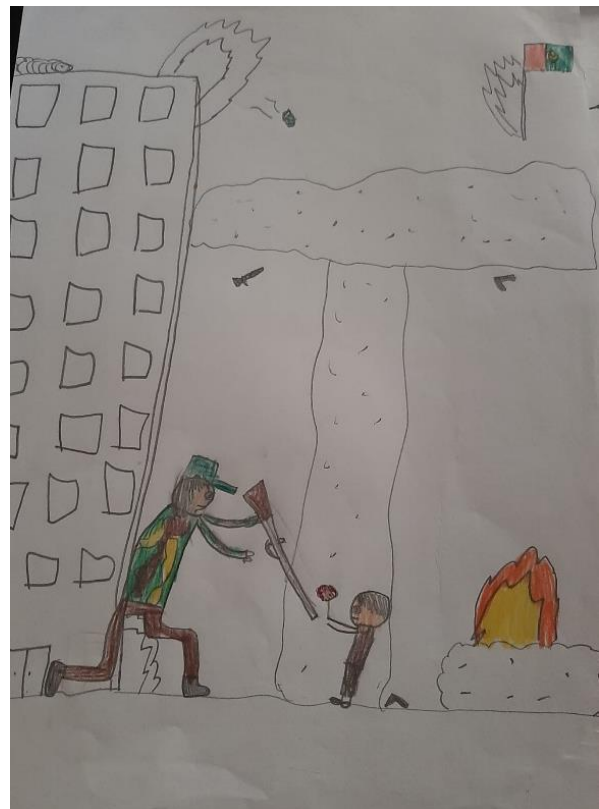


Figura 29: Ilustração de um discente sobre a Revolução de 25 de Abril de 1974. (Fotografia da Autora)

Atividade 7- Questionário final

À semelhança do questionário inicial, foi através do tratamento de informação, mais concretamente a utilização de técnicas de investigação, recolher, registar e tratar diferentes tipos de informação que foi aplicado um questionário final para compreender a evolução das opiniões dos alunos entre o momento inicial e o momento final da intervenção educativa, no que refere aos papéis de género antes do 25 de Abril e durante o período democrático.

Apesar de neste questionário ter sido adicionada uma questão extra muito pertinente, foi perceptível que a maioria da turma alterou as respostas dadas no questionário inicial.

Este questionário contou com as referentes questões:

1. Achas que mulheres e homens ao longo da história sempre detiveram os mesmos direitos?
2. As mulheres sempre tiveram de lutar mais para obter os mesmos direitos que homens?
3. Assinala com um F (Falso) e V (Verdadeiro) as seguintes frases.

Antes do 25 de Abril

___As mulheres podiam exercer qualquer profissão.

___As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.

___As mulheres podiam votar.

___As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.

Depois do 25 de Abril....

___As mulheres podiam exercer qualquer profissão.

___As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.

___As mulheres podiam votar.

___As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.

4. O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres? Se sim qual/ quais?
5. Achas que nos dias de hoje os direitos entre mulheres e homens já é igual?

No que concerne à primeira, segunda e quarta questão, é notório que os alunos entenderam que as mulheres nem sempre tiveram os mesmos direitos sociais, laborais e familiares e que lutaram mais para obter os mesmos direitos que os homens. Também compreenderam que o 25 de Abril foi um ponto positivo de viragem na mudança de alguns direitos das mulheres. Quando foi pedido para responderem quais os direitos que mudaram depois do 25 de Abril, os discentes deram as mais variadas respostas como: *o direito ao voto, ser livre, direito de seguir qualquer profissão e que podiam trabalhar de forma livre.*

Já na questão cinco “Achas que nos dias de hoje os direitos entre mulheres e homens já é igual?” alguns alunos ainda pensam que sim, mas a maioria pensa que não. Nas questões de verdadeiro e falso os discentes mantiveram alguma coerência face ao inquérito

inicial, contudo ainda foram notórias algumas dúvidas e diferenças de respostas de alguns discentes.

Questões	Sim	Não
<i>1-Achas que Mulheres e Homens ao longo da História sempre detiveram os mesmos direitos?</i>	0	7
<i>2-As mulheres sempre tiveram de lutar mais para obter os mesmos direitos que os homens?</i>	7	0
<i>4- O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres? Quais? *</i>	7	0
<i>5-Achas que nos dias de hoje os direitos entre Mulheres e Homens já é igual?</i>	2	5
<i>4- O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres? Quais? *</i>	Número de	
<i>Direito ao voto</i>	alunos	
<i>Ser livre</i>	6	
<i>Direito de seguir qualquer profissão</i>	1	
<i>Podiam trabalhar de forma livre</i>	2	
	1	

Quadro 9: Respostas ao questionário final pelos discentes

Nas questões três referentes ao período anterior ao 25 de Abril, a maioria dos discentes respondeu falso às questões: “As mulheres podiam exercer qualquer profissão”, “As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem”, “As mulheres podiam votar “,” As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens”. Com estas respostas é perceptível a diferença de resultados desde o primeiro questionário assim como a mudança de respostas depois das sessões lecionadas.

3-Questões	Verdadeiro	Falso
Antes do 25 de Abril...		
<i>As mulheres podiam exercer qualquer profissão.</i>	1	6
<i>As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.</i>	0	7
<i>As mulheres podiam votar</i>	1	6
<i>As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.</i>	0	7

Quadro 10: Resposta à questão número três “Antes do 25 de Abril” do questionário final

Nas questões referentes ao período democrático: “As mulheres podiam exercer qualquer profissão”, “As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem” e “As mulheres podiam votar”, toda a turma respondeu verdadeiro.

3- Questões	Verdadeiro	Falso
Depois do 25 de Abril...		
<i>As mulheres podiam exercer qualquer profissão.</i>	7	0
<i>As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.</i>	7	0
<i>As mulheres podiam votar</i>	7	0
<i>As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.</i>	3	4

Quadro 11: Resposta à questão número três “Depois do 25 de Abril” do questionário final

Já na última questão “As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens” a maioria dos discentes respondeu falso e os restantes responderam verdadeiro. Com estas respostas é perceptível que os alunos perceberam as mudanças nos papéis de género depois do 25 de Abril.

Comparação dos resultados dos dois questionários:

Nas tabelas apresentadas observamos que, muitos dos alunos mantiveram as suas respostas iniciais nos questionários finais. Contudo, nenhum questionário final apresentava respostas exatamente iguais aos iniciais. Desta maneira é perceptível que as sessões dadas pela professora-investigadora fizeram com que os alunos repensassem e mudassem algumas das ideias iniciais, (re)construindo noções de educação histórica para uma cidadania global e de educação para o desenvolvimento da maior importância.

A maioria dos alunos compreendeu a temática das questões de género trabalhada nas aulas, o que é verificado através do questionário final, em particular nas questões de verdadeiro e falso, referentes aos direitos das mulheres antes e depois do 25 de Abril de 1974.

A questão que apresentou mais diversidade foi a número quatro que dizia o seguinte: “O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres?”, isto é, no questionário inicial a maioria dos inquiridos, respondeu sim, no entanto apenas deram como exemplo a mudança do voto. Por outro lado, no segundo questionário as respostas alteraram-se e apesar de permanecer o direito ao voto, muitos alunos acrescentaram o direito a seguir qualquer profissão, a ser livre e a poder trabalhar de forma livre.

Contudo, quando a questão reporta aos dias de hoje a grande maioria da turma afirma existir igualdade de direitos entre homens e mulheres, o que não é suportado pela bibliografia, uma vez que a luta pelos mesmos ainda decorre nos dias de hoje.

	Questionário inicial		Questionário final	
	Sim	Não	Sim	Não
<i>“Achas que mulheres e Homens ao longo da História sempre detiveram os mesmos direitos?”</i>	0	7	0	7
<i>“As mulheres sempre tiveram de lutar mais para obter os mesmos direitos que os homens?”</i>	6	1	7	0
<i>“O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres?” *</i>	6	1	7	0
<i>“Achas que nos dias de hoje os direitos entre mulheres e Homens já é igual?”</i>	3	4	2	5

Quadro 12: Comparação de respostas entre o questionário inicial e final pelos discentes

	Questionário Inicial	Questionário Final	
<i>O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres? Quais? *</i>	Número de discentes a responder	O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres? Quais? *	Número de discentes a responder
<i>Direito ao voto</i>	3	Direito ao voto	6
<i>Direito a ser livres</i>	1	Ser livre	1
<i>Podiam viajar</i>	1	Direito de seguir qualquer profissão	2
<i>As mulheres depois do 25 de Abril tinham direitos iguais aos dos homens</i>	1	Podiam trabalhar de forma livre	1
<i>Direito a receber o mesmo salário que os homens</i>	1		
<i>Não respondeu</i>	1		

Quadro 13: Comparação das respostas dadas à questão número quatro entre o questionário inicial e o final pelos discentes. Elaboração própria

<i>Questões “Antes do 25 de Abril...”</i>	Primeiro Questionário		Segundo Questionário	
	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
<i>As mulheres podiam exercer qualquer profissão.</i>	1	6	0	7
<i>As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.</i>	0	7	0	7
<i>As mulheres podiam votar</i>	1	6	0	7
<i>As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.</i>	0	7	0	7

Quadro 14: Comparação da questão sobre o “Antes do 25 de Abril” entre o questionário inicial e o final

Atividade 8-Questionário realizado aos Encarregados de Educação

O questionário implementado aos encarregados de educação era o mesmo questionário implementado aos discentes e está inserido no tratamento de informação/utilização de fontes, com a utilização de técnicas de investigação, recolher, registar e tratar diferentes tipos de informação.

É de salientar que num total de 13 questionários dirigidos a encarregados de educação, apenas um questionário era referente a um participante do sexo masculino. Com este dado, é possível verificar, que embora a sociedade atualmente esteja a progredir e a lutar pela igualdade de género, ainda se verifica que determinados papéis como o trabalho doméstico e o cuidado aos filhos, ainda são atribuídos à mulher. Neste caso em particular, denota-se a atribuição do papel da mulher como cuidadora dos filhos.

Para além deste ponto, com este questionário, também foi possível esclarecer algumas das conceções que os alunos já tinham previamente. Isto é, a maioria das respostas dos encarregados de educação assemelhavam-se à dos respetivos discentes.

Na primeira questão “Achas que Mulheres e Homens ao longo da história sempre detiveram os mesmos direitos?” os encarregados de educação responderam todos não. Já na segunda e quarta questão “As mulheres sempre tiveram de lutar mais para obter os mesmos direitos que os homens?” e “O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres?” todos responderam positivamente.

		Sim	Não
QUESTÕES	1-Achas que Mulheres e Homens ao longo da História sempre detiveram os mesmos direitos?	0	7
	2-As mulheres sempre tiveram de lutar mais para obter os mesmos direitos que os homens?	7	0
	4-O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres? Quais? *	7	0
	5-Achas que nos dias de hoje os direitos entre Mulheres e Homens já é igual?	4	3

Quadro 15: Respostas obtidas ao questionário inicial pelos encarregados de educação

E ainda, na quarta questão também era pedido para dar exemplos de alguns direitos que mudaram na vida das mulheres com o 25 de Abril de 1974 e os encarregados de educação deram exemplos como: direito ao voto; igualdade; ter uma conta bancária sozinha, tomar contraceptivos e a possibilidade de seguir qualquer profissão. É de referir que apenas um Encarregado de Educação não respondeu à referente questão.

4-O 25 de Abril veio mudar alguns direitos das mulheres?

Número de encarregados de educação a responder

Quais? *

<i>Direito ao voto</i>	1
<i>Igualdade</i>	4
<i>Ter uma conta bancária sozinha e tomar contraceptivos</i>	1
<i>Possibilidade de seguir qualquer profissão</i>	1
<i>Não respondeu</i>	1

Quadro 16: Continuação das respostas obtidas na questão número quatro pelos encarregados de educação

No que se refere às seguintes questões, entendemos que os Encarregados de Educação têm uma ideia muito vincada sobre os direitos antes do 25 de Abril e isso é notório nas respostas dadas. Visto que na questão três referentes ao antes do 25 de Abril todos os pais responderam falso às afirmações “As mulheres podiam exercer qualquer profissão”; “As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.”, “As mulheres podiam votar.” E “As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens”.

Quer pela vivência direta, quer pela construção social da memória, os encarregados de educação manifestam conhecer e compreender a “longa marcha” dos direitos da mulher.

3- Questões

Verdadeiro

Falso

Antes do 25 de Abril...

<i>As mulheres podiam exercer qualquer profissão.</i>	0	7
<i>As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.</i>	0	7
<i>As mulheres podiam votar</i>	0	7
<i>As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.</i>	0	7

Quadro 17: Respostas obtidas á questão número três referente ao “Antes do 25 de Abril” pelos encarregados de educação

Na mesma linha de pensamento, referente ao “Depois do 25 de Abril...” na primeira afirmação: “As mulheres podiam exercer qualquer profissão” duas pessoas responderam falso e as restantes responderam verdadeiro. Já na afirmação “As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem” todos responderam verdadeiro, assim como na afirmação “As mulheres podiam votar”. Na última questão “As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens” a maioria respondeu falso e apenas duas pessoas responderam verdadeiro.

3-Questões	Verdadeiro	Falso
<i>Depois do 25 de Abril...</i>		
<i>As mulheres podiam exercer qualquer profissão.</i>	5	2
<i>As mulheres podiam viajar livremente sem pedir autorização a um homem.</i>	7	0
<i>As mulheres podiam votar</i>	7	0
<i>As mulheres recebiam o mesmo salário que os homens.</i>	2	5

Quadro 18: Respostas obtidas à questão número três referente ao “Depois do 25 de Abril” pelos encarregados de educação

Após estas respostas podemos afirmar que as perceções apresentadas pelos Encarregados de Educação influenciam as ideias prévias dos discentes, visto que muitas das respostas dadas se assemelham às respostas dos alunos. Por outro lado, também é possível observar o oposto, isto é, em alguns casos a resposta dos discentes em nada se assemelha às repostas dadas pelos próprios encarregados de educação.

Assim sendo, podemos concluir que em determinados meios familiares o tema da igualdade de género não é abordado, o que é corroborado pelas discrepâncias de resultados entre os questionários do aluno e o seu respetivo encarregado de educação. Contudo, em outros meios familiares, é perceptível a existência de debate familiar sobre este assunto, uma vez que existem semelhanças de respostas entre o aluno e o seu encarregado de educação.

Deste modo, com este estudo entendemos que o meio familiar é importante para o entendimento dos alunos sobre estas temáticas, tão relevantes no mundo contemporâneo.

Atividade 9- Entrevistas realizadas aos discentes

Nesta atividade, destinada ao tratamento de informação, mais concretamente a recolher, registar e tratar diferentes tipos de informação, foi realizada uma entrevista aos discentes. Apresentam-se as mais representativas e o perfil do aluno:

Aluno 1

Perfil do aluno:

O aluno 1 conseguiu, gradualmente, melhorar a postura em contexto de sala de aula, de aceitação perante chamadas de atenção e de relacionamento interpessoal. Verificou-se uma necessidade de criar hábitos de trabalho e métodos de estudo. Contudo é dinâmico nas sessões e tinha ideias muito vincadas sobre a igualdade de género, pois era uma temática abordada no seio familiar.

Respostas às questões:

- 1- *Que as mulheres não tinham os mesmos direitos que os homens.*
 - 2- *Mais ou menos, algumas sim e outras não.*
 - 3- *Quando a minha avó me contou e você também me explicou mais.*
 - 4- *As mulheres não poderem viajar sem autorização do homem.*
 - 5- *Que não era correto por causa que as mulheres têm de ter os mesmos direitos que os homens e não era justo.*
 - 6- *Mais ou menos, por causa que há mulheres que não tem os mesmos direitos que os homens.*
 - 7- *Agora está muito melhor, por causa que antigamente não havia metade dos direitos que agora há.*
- Mas mesmo assim em alguns trabalhos as mulheres não conseguem subir de posto e os homens sobem mais facilmente por serem homens.*

Aluno 2

Perfil do aluno:

O aluno 2 é um aluno interessado, participativo, revelando hábitos de trabalho e métodos de estudo, contudo apresentava ainda alguns comportamentos infantis. Apresenta boas capacidades na aquisição e aplicação de conhecimentos. A sua ideia sobre a temática foi mudando com as sessões, pois era um aluno que não tinha uma opinião definida sobre a igualdade de género.

Respostas às questões:

- 1- *Aprendi que antes do 25 de Abril tinha-se menos direitos do que agora se tem.*
- 2- *Sim.*
- 3- *Nas aulas e sabia antes os meus pais foram contando.*
- 4- *As mulheres não poderem sair sem a autorização dos homens.*
- 5- *Era má, porque as mulheres não tinham os mesmos direitos não podiam votar nem nada, isso era muito injusto.*
- 6- *Sim, às vezes a mulher tem menos salários que os homens.*
- 7- *Continua mau.*

Aluno 3

Perfil do aluno:

O aluno 3 é um aluno simpático, meigo e educado. Revela interesse e gosta de participar. Expressa-se de forma razoável tanto em termos orais como escritos. Prejudica-se pelo facto de, em contexto de sala de aula, ser um pouco falador. Quanto à temática da igualdade de género, o aluno já dominava alguns conceitos, pois abordava este tema com a mãe.

Respostas às questões:

- 1- *Que ninguém tinha os mesmos direitos e que agora toda gente deveria ter os mesmos direitos, sendo mulher ou homem.*
- 2- *Sim, porque a minha mãe costuma falar sobre esse assunto e já sabia algumas coisas.*
- 3- *Comecei em 2017 a minha mãe começou a falar sobre isso e agora fui desenvolvendo isso nas suas aulas.*
- 4- *Não sei.*
- 5- *Muito rude, porque acho que toda gente devia passar sobre as mesmas coisas, sobre o sofrimento das mulheres.*
- 6- *Sim, acho que nem toda gente concorda com as opiniões das mulheres mesmo no futebol pensam que são melhores que as mulheres.*
- 7- *Que o homem tem os direitos de ser o chefe e querer sempre melhor que as mulheres e pensa que tem o direito de colocá-las para baixo e eles ficarem no topo.*

Aluno 4

Perfil do aluno:

O aluno 4 é educado, meigo, empenhado e responsável. Tem um razoável domínio dos conhecimentos e sua aplicação a novos contextos. Gosta de cumprir com as tarefas propostas e apresenta com brio os seus trabalhos. Expressa-se sem dificuldade, quer na expressão oral quer escrita. Acompanha com entusiasmo as matérias em estudo. Quanto à temática da Igualdade de género não tinha grandes informações e tudo o que sabe aprendeu nas sessões dadas.

Respostas às questões:

- 1- *Aprendemos muitas coisas sobre quem estava no governo antes, como aconteceu e coisas assim.*

- 2- *Que os homens tinham mais direitos e que as mulheres não podiam fazer muitas coisas*
- 3- *Algumas.*
- 4- *Uma vez os nossos professores já tinham falado disso para aí no 1.º ciclo.*
- 5- *O homem podia viajar e a mulher não e também a mulher tinha de ficar em casa e não podia sair para trabalhar.*
- 6- *É má porque as mulheres deviam ter os mesmos direitos que os homens.*
- 7- *Sim, o salário e não sei mais.*
- 8- *Não é tão mau como antes, mas ainda tem algumas desigualdades. Os salários, pois os homens recebem mais.*

Aluno 5

Perfil do aluno:

O aluno 5 é um aluno interessado, cumpridor, trabalhador, autónomo e responsável. Acompanha de forma exemplar o ritmo da turma, apresentando métodos de trabalho e hábitos de estudo. Revela boas capacidades na aquisição e aplicação de conhecimentos. Cumpre com as tarefas propostas. No que refere a temática da igualdade de género, o aluno tinha poucas bases e aprendeu muito do que sabe nas em contexto escolar.

Respostas às questões:

- 1- *Como era antes os direitos das mulheres e depois.*
- 2- *Sabia.*
- 3- *Mais ou menos no 5.º ano. Antes sabia que as mulheres não tinham os mesmos direitos, mas não sabia muito.*
- 4- *Direito a votar.*
- 5- *Era muito mau muito injusto com as mulheres.*
- 6- *Acho que sim, os salários dos homens são mais altos.*
- 7- *O homem ainda tem mais direitos que as mulheres*

Aluno 6

Perfil do aluno:

O aluno 6 integrou-se com facilidade na turma, tendo sido bem recebido. Pois é um aluno com nacionalidade brasileira, que se mudou recentemente para Portugal. Acompanhou sem dificuldade o ritmo da turma. Apreende facilmente os conteúdos em estudo. Revela sentido de responsabilidade e interesse. Quanto à temática da Igualdade de género este já tinha algumas ideias formadas que foi adquirindo através da família e da escola.

- 1- *Aprendi que antes do 25 de Abril as coisas eram muito difíceis para as mulheres e que e elas não tinham os mesmos privilégios que os homens.*
- 2- *Sabia.*
- 3- *Aprendi no 4.º ano na aula de história.*
- 4- *Não se poder divorciar, só os homens é que podiam sair.*
- 5- *Muito injusto.*
- 6- *Até tem um pouco em alguns lugares do mundo, só que diminuiu. Homens ainda receberem mais salário que as mulheres*
- 7- *Acho injusto porque as mulheres ainda não têm os mesmos direitos que os homens, só porque os homens acham que são superiores.*

Nota: As respostas dos alunos foram transcritas exatamente como estes as apresentaram.

Ao realizar estas entrevistas obtive as mais variadas respostas. Na primeira questão “O que aprenderam de novo com estas sessões dadas pela P.E sobre a equidade de género antes do 25 de Abril de 1974?” a maioria dos alunos respondeu que aprendeu que antes do 25 de Abril havia uma diferença de direitos e que Homens e mulheres não obtinham direitos iguais.

Na seguinte questão “Sabias das diferenças de Direitos entre Homens e Mulheres antes do 25 de Abril de 1974?” a grande maioria não sabia desta diferença e os que sabiam foi dito por familiares ou aprenderam em algumas disciplinas.

A terceira questão “Quando descobriste que homens e mulheres nem sempre tinham os mesmos direitos?” à semelhança da questão anterior, a maioria dos alunos descobriu por familiares ou pela escola.

Na afirmação “Qual foi a restrição de direitos que mais te chamou a atenção?” as respostas a esta afirmação foram variadas, tivemos respostas como: “as mulheres não poderem viajar sem autorização, o homem”, “a mulher tinha de ficar em casa e não podia sair para ir trabalhar”, “direito de votar” e “Não poder se divorciar”.

“Qual a tua opinião sobre a equidade de género antes do 25 de Abril?”, na resposta a esta questão os discentes foram vagos e sucintos na resposta. Estes responderam apenas que achavam muito injusto.

Com a reposta à questão “E depois do 25 de Abril ainda achas que há desigualdade de direitos entre homens e mulheres?” os alunos responderam na sua maioria que ainda há desigualdade e deram exemplos como a desigualdade de salários. E ainda tivemos um aluno que respondeu que em outras partes do mundo ainda existe muita desigualdade.

Por último, na questão final “E como olhas para os direitos das mulheres e dos homens no nosso mundo atual?”, os alunos responderam que acham injusto e triste ainda haver desigualdade de género e outros ainda responderam que atualmente não existe qualquer desigualdade.

Capítulo V- Conclusões

Nesta secção final serão apresentadas as conclusões do presente estudo, respondendo às questões de investigação previamente definidas. Expõem-se as limitações desta investigação, bem como as considerações finais. Por último, são apresentadas sugestões de investigação futura, em jeito de reflexão sobre o trabalho de investigação presente e futuro na área do Ensino da História e Geografia de Portugal, particularmente e a experiência como professora estagiária.

5.1- Conclusões do estudo

Chegámos ao instante de refletir sobre este percurso de trabalho e analisar os dados obtidos. É inquestionável a importância de refletir e concluir a caminhada, seguindo os objetivos e as questões definidas na investigação.

Deste modo, no que se refere à primeira questão da investigação: ***Que percepções manifestam os discentes e os encarregados de educação sobre o papel da mulher e do homem na sociedade antes do 25 de Abril e no período democrático?*** Podemos afirmar que, com base nos questionários realizados aos discentes, é perceptível entender que os alunos tinham poucas informações e bases sobre este tema, previamente à implementação do projeto pedagógico-didático idealizado pela professora-investigadora, o que resultou na mudança de perspetivas com o avançar das sessões. Na sua maioria, os alunos entendiam a existência de desigualdade, contudo não sabiam em que aspetos, nem sabiam a falta de acessos à educação e à saúde por parte das pessoas do sexo feminino. Contudo, uma minoria, estava bem informada sobre esta questão, pois era algo que abordavam no seio familiar. Pode dizer-se que, globalmente, houve uma tendência para, nesta fase da investigação, equiparar os papéis de género de forma semelhante e considerar que a condição feminina atual não tinha sido tão dificultosa de alcançar quanto, na realidade histórica, foi.

Já no que compete aos encarregados de educação, na sua maioria estes apresentavam ter um bom conhecimento sobre a temática, o que se verificou com a realização do questionário. Este facto, pode-se dever à vivência, na sua maioria, de uma

parte desta época histórica (sobretudo décadas de 1970-1980) por parte dos encarregados de educação.

Na questão seguinte: ***Qual a origem dessas percepções?*** Podemos concluir que o meio familiar influencia o entendimento dos alunos sobre a temática, assim como dos encarregados de educação. Ao analisarmos os questionários concluímos que, na grande parte dos casos, o pensamento dos pais é semelhante ao dos filhos, verificando-se lógicas reprodutivas como as identificadas por Bourdieu e Passeron. A teoria da reprodução, defendida por estes autores, assenta no pressuposto de que a sociedade é sujeita a um conjunto de referências culturais por parte de grupos dominantes. Isto é:

“somente uma instituição cuja função específica fosse transmitir ao maior número possível de pessoas... as atitudes e as aptidões que fazem o homem “culto”, poderia compensar (pelo menos parcialmente) as desvantagens daqueles que não encontram em seu meio familiar a incitação à prática cultural.” (BOURDIEU, 2007a: 61)

Desta forma, é perceptível através da comparação dos questionários dos encarregados de educação com os respetivos discentes, que os conhecimentos culturais adquiridos ao longo da vida e o sucesso/insucesso escolar não se devem apenas a questões de mérito, mas também, a questões culturais familiares.

Com a terceira questão: ***Que estratégias pedagógicas podem ser utilizadas para o tratamento deste assunto?*** Podemos observar neste trabalho de investigação, várias atividades apelativas e dinâmicas para sensibilizar os discentes para as problemáticas. Deste modo destaco atividades como “o saco de curiosidades”, onde os alunos retiram pequenos papéis com curiosidades pertinentes desta época histórica. Também o jogo “Quem é quem?” onde os alunos interpretam personagens, maioritariamente femininas, e vêm os seus direitos a serem retirados ou restringidos por este motivo, levando-os a um exercício de empatia histórica, como sugerido por Ashby. E ainda, a visualização de pequenos documentários de época, proporcionaram momentos de reflexão e de partilha de ideias e saberes entre a turma para darem o seu parecer sobre a temática, além da realização de trabalhos de investigação individuais e posterior apresentação ou exposição

dos mesmos, obrigando os alunos a dialogar e confrontar pontos de vista com os colegas da turma, favorecendo a compreensão e comunicação histórica.

Deste modo é perceptível que existem muitas formas de cativar, envolver e proporcionar sólidas aprendizagens sobre este tema e sobre esta época histórica.

A última questão orientadora: ***No final do estudo que concepções apresentam os alunos sobre este tema?*** Os alunos, no final deste estudo, apresentavam concepções diferentes das diagnosticadas no questionário inicialmente desenvolvido, devido às sessões lecionadas e ao trabalho oficial desenvolvido com fontes, evidências e jogos didáticos. Estes entenderam que, na época histórica trabalhada, o período anterior ao 25 de Abril (Ditadura do Estado Novo), as mulheres não detinham a grande maioria de direitos como: direito ao voto, direito a viajar sem autorização do marido, direito a um salário igual ao do homem (salários dispares dos homens exercendo as mesmas profissões), entre outros.

Com o decorrer desta investigação, era notória a evolução das respostas dos inquiridos uma vez que começavam a estar mais alinhadas com alguns referenciais teóricos recentes do Ensino da História, como o documento *Ensino de qualidade na disciplina de história no século XXI*, do Conselho da Europa, onde se defende a “valorização da justiça, da equidade, da igualdade e do Estado de direito” (Europa, 2018). Os alunos demonstraram, globalmente, uma boa capacidade de análise, de empatia e de pensamento crítico, apesar da curta duração do projeto em virtude e da escassa carga letiva de História e Geografia de Portugal.

Por último, é possível verificar a evolução positiva dos conhecimentos dos discentes sobre esta temática. Embora, alguns participantes demonstrassem adquirir poucos conhecimentos sobre esta problemática, o que é comprovado pelo questionário inicial e pelas sessões, a evolução foi evidente com o decorrer das atividades, o que é comprovado pelo questionário final, no qual os participantes demonstram novos saberes. Ao analisarmos outros trabalhos do mesmo segmento de investigação, entendemos que as conclusões se assemelham, no que compete à progressão positiva de conhecimentos, como é evidenciado por Ribeiro, ao concluir que:

“os alunos que demonstravam poucos ou nenhuns conhecimentos (através do questionário inicial) sobre as temáticas trabalhadas conseguiram desenvolver os seus saberes e os que já tinham algumas ideias, puderam solidificar e adquirir mais fundamentos que fortaleceram as suas aprendizagens.” (Ribeiro, 2021, p.86)

Para finalizar, após a análise das questões orientadoras, podemos afirmar que esta investigação possibilitou aos alunos compreenderem e refletirem sobre esta temática e a sua importância, uma vez que esta é uma luta contínua e que devemos sempre dar importância.

5.2- Limitações do estudo

No decorrer do desenvolvimento deste trabalho de investigação, conseguimos encontrar algumas limitações características da Prática de Ensino Supervisionado. A estrutura da intervenção, que é repartida com o par de estágio pedagógico, em regime de alternância, faz com que a regência seja apenas durante quatro semanas. É de salientar que esta limitação de tempo, não ajuda a continuidade do estudo no tempo, que poderia ter mais resultados com o alargamento deste período de intervenção educativo. Contudo, o alargamento deste período significaria a exploração de outros conteúdos, pois o agrupamento e o próprio programa (*aprendizagens essenciais*) não permite aborçarmos muito tempo o mesmo conteúdo. Deste modo, seria impossível dedicarmos mais tempo à exploração do tema para o trabalho de investigação, na atual conjuntura. Sublinhamos que a generosidade da professora cooperante se revelou determinante, visto que cedeu mais algum tempo letivo que lhe estaria destinado para o projeto poder ser executado tal como planeado pela autora.

Desta maneira, esta investigação é um contributo importante para a compreensão da temática de pesquisa, mas não é, por si só, instrumento suficiente para generalizar a eficácia da sua implementação.

5.3- Considerações finais

Sabendo que uma das finalidades do ensino da História e Geografia de Portugal é desenvolver e promover “a igualdade e equidade no cumprimento das leis” (ME, Aprendizagens Essenciais, 6.º ano História e Geografia de Portugal, 2018), admite-se que este estudo foi benéfico para a formação dos alunos que integraram esta investigação, uma vez que participaram nas atividades de forma ativa e desempenharam um papel essencial para o resultado deste estudo.

Esta investigação tinha o intuito de despertar nos discentes momentos de empatia e de consciencialização pelos direitos das mulheres que, recorde-se, não possuíam os mesmos direitos que os homens ao longo da História, como sublinhamos no nosso enquadramento teórico. Esta realidade ficou particularmente evidente, através de várias tarefas, em que os discentes foram convidados a encarnar o papel de uma mulher da época histórica anterior ao 25 de Abril de 1974.

Por outro lado, possibilitou aos alunos o desenvolvimento do espírito crítico pela temática, através da perceção das diferentes condições de trabalho, condições de saúde e Direitos Humanos, desenvolvendo uma consciência humanista.

Num outro momento, um dos pontos abordados e de extrema importância foi a evolução do papel da mulher em duas épocas distintas, em particular antes do 25 de Abril e no período democrático. Com este tema, os alunos demonstraram compreender as diferenças e a evolução dos direitos das mulheres nestas duas épocas da História e compreenderem a necessidade da luta contínua pelos mesmos, porque nada está ganho e conquistado à partida.

Deste modo, enquanto futuros professores de História e Geografia de Portugal, temos o papel de ajudar os alunos a adquirir estes valores democráticos e de desenvolverem atitudes, capacidades, conhecimentos e competências no que concerne à valorização dos direitos humanos, da justiça, do respeito e da empatia, como nos sugerem os documentos curriculares e os referenciais europeus do Ensino da História e Geografia.

Numa perspetiva comparativa com outros estudos do mesmo género, podemos afirmar que os resultados obtidos são muito semelhantes entre si.

Ao analisar um estudo de investigação sobre a igualdade de género verificamos que os resultados obtidos são pertinentes e satisfatórios e, por outro lado, vão de encontro aos resultados obtidos neste estudo. Como é o caso de Tavares (2019), os participantes ao longo do processo de investigação compreenderam e refletiram sobre a temática abordada, o que foi notoriamente verificado no questionário final apresentado. Para além disso, verificou-se ao longo do estudo que os participantes se mostraram recetivos à aprendizagem, como se verificou nesta investigação.

De uma forma geral constata-se que tanto nos resultados obtidos por Tavares, como nos resultados obtidos nesta investigação, os participantes assimilaram novos pensamentos e desconstruíram conceções prévias sobre a temática. As diferenças notórias entre o questionário inicial e o questionário final são a prova de que foram adquiridas novas aprendizagens ao longo do estudo.

Em jeito de conclusão, podemos afirmar que a História e Geografia de Portugal têm um papel fundamental e forte na luta contra a desigualdade de género, e que devemos respeitar e conhecer as lutas de todos os envolvidos, para que hoje possamos viver em liberdade e usufruir de direitos fundamentais que os nossos antepassados não conseguiram usufruir.

5.4- Sugestões de investigação futura

Para uma investigação futura seria uma mais valia ampliar o número de participantes, ou seja, desenvolver as atividades propostas com outras turmas, de modo a obter mais dados, eventualmente juntando outros anos de escolaridade, assim como desenvolver mais atividades, permitindo uma abordagem mais aprofundada da temática.

Uma investigação futura pode passar também pela consciencialização dos professores das várias áreas curriculares para a possível interligação das mais diversas disciplinas com a temática, como é o caso da Igualdade de Género.

Parte III- Reflexão Global da PES

A terceira, e última parte, deste relatório inclui um momento de reflexão sobre toda a experiência da PES. Aqui serão referidos aspetos positivos e outros menos positivos que ajudaram para que este percurso académico se tenha tornado uma experiência enriquecedora e motivadora para o meu desenvolvimento pessoal e profissional

Reflexão global

Com a conclusão de uma das etapas mais marcantes da minha vida, chegou o momento de refletir sobre o percurso da Prática de Ensino Supervisionada.

Recuando um pouco no meu percurso académico, mais concretamente ao primeiro ano de licenciatura, confesso que senti algum receio e cheguei a pensar se seria mesmo capaz de alcançar esta profissão, por ser tão marcante, intensa e cheia de desafios. Contudo, com o desenvolver do curso, cada vez mais tive a certeza que o meu papel no futuro passaria por ser Professora, até porque durante este percurso conheci professores que me inspiraram a querer ser como eles. O contacto com as crianças e o facto de não haver dias iguais, nem temáticas lecionadas de igual maneira, também me despertou cada vez mais o interesse. Não esquecendo, o quão gratificante é ensinar, assim como, ver o crescimento pessoal de cada discente.

Deste modo, o meu percurso na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo foi crucial para ser uma futura docente empenhada, atenta, cuidadosa, informada e, acima de tudo, feliz. São estes valores que quero levar para o resto da minha vida enquanto futura docente.

Refletindo sobre a minha trajetória na Licenciatura em Educação Básica, valorizo e reconheço todas as experiências vivenciadas, práticas, teóricas e didáticas que desenvolvi no decorrer destes três anos. O facto de o IPVC ser uma instituição de ensino superior de natureza politécnica, possibilita, desde cedo, o contacto com discentes em ambiente prático, como é o caso do estágio de observação do primeiro ano de licenciatura. Deste modo, temos uma perceção diferente dos contextos para os quais estamos a ser preparados para lecionar: Pré-Escolar, 1º ciclo do Ensino Básico e o 2º Ciclo do Ensino

Básico, recordando que só com o Mestrado estamos, efetivamente, profissionalizados. Esta fase também revelou ser fulcral para a continuidade na formação de docente, uma vez que nos dá uma perceção sobre a realidade.

Por outro lado, o surgimento da pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2, em 2020, coincidiu com a realização do estágio do 3º ano de Licenciatura, nomeadamente, no 2ºCEB de Português e História e Geografia de Portugal, o que impossibilitou a permanência no mesmo, assim como prosseguir para o estágio em contexto de Pré-Escolar.

Apesar deste contratempo e ao longo das intervenções realizadas nos diferentes anos de Iniciação à Prática Profissional (IPP), retiro daqui histórias marcantes e inspiradoras que cruzaram o meu percurso e que me fizeram olhar para a vida de uma maneira diferente.

Quando terminei esta etapa da licenciatura, percebi sempre que o meu futuro passaria pelo mestrado de 1.º CEB e 2ºCEB de Português e História e Geografia de Portugal, uma vez que sempre gostei muito desta área curricular. Um outro motivo, que me permitiu olhar para este domínio de forma distinta, foi o facto de ser lecionada por um docente que transmitia entusiasmo e paixão por aquilo que fazia em todas as aulas. Por isso, deixo desde já um agradecimento ao Professor Doutor Gonçalo Marques.

Assim, ao ingressar no mestrado, realizei o estágio inicial no contexto do 1ºCEB. No início da intervenção fiquei um pouco assustada, pois o 1.º ciclo engloba todas as principais áreas disciplinares, o que acaba por exigir muito de nós. Contudo os professores envolvidos neste estágio sempre nos ajudaram e tornaram este estágio mais “leve”, divertido e cheio de aprendizagens. Todo o corpo docente foi incrível e o ambiente vivido nesta escola era muito acolhedor. Quanto aos alunos estávamos inseridos numa turma com dois anos de escolaridade em simultâneo, o que acabou por dificultar o nosso trabalho em determinadas situações. Visto que as temáticas na sua maioria eram muito dispares, assim como os saberes dos alunos. Revelou ser um total desafio conseguir conciliar estes dois anos, contudo com ajuda da cooperante este trabalho tornou-se mais fácil e cheio de aprendizagens. Em alguns casos conseguimos dar temáticas aos dois anos de escolaridade, muitas destas a pedido da professora da turma. No que compete à realização das atividades

sobre as temáticas, tivemos total liberdade para as realizar dentro do planeamento fornecido pela docente.

Por outro lado, no contexto do 2.º CEB, o estágio revelou ser diferente do primeiro, uma vez que havia um certo distanciamento por não passarmos tanto tempo na escola em comparação com o anterior. Deste modo, o tempo de integração foi maior para mim e para o meu par de estágio. Contudo, e apesar desta dificuldade sentida fomos muito bem recebidos e integrados pela comunidade educativa, assim como funcionários e discentes.

Em comparação com o primeiro estágio a turma era maior, o que dificultava a atenção dos discentes por existirem mais fatores de distração. Contudo, eram dinâmicos, participativos e apresentavam conhecimentos prévios sobre as temáticas abordadas, o que facilitava a introdução aos temas e o desenvolver dos mesmos. No que compete, aos professores cooperantes embora nos tenham recebido dentro do esperado, ambos apresentaram estratégias diferentes para a introdução das temáticas. Enquanto o docente de Português optou pelo seguimento do manual com total liberdade sobre as atividades, a professora de História e Geografia de Portugal preferiu fornecer um planeamento das temáticas para as respetivas aulas a lecionar, não colocando obstáculos à realização de diferentes atividades desde que inseridas na temática proposta.

Neste estágio descobri a paixão pelo Português. Um dos fatores que beneficiou esta opinião também se deveu à turma, por serem dinâmicos, participativos e interessados nas temáticas lecionadas. Por outro lado, a possibilidade de realizarmos as atividades que tínhamos planeado e incentivarem-nos à imaginação, revelou ser um aspeto benéfico para a nossa formação.

No que compete ao meu par de estágio, saliento o trabalho em equipa e a boa dinâmica de trabalho, que permitiu o alcançar dos objetivos propostos.

Concluída esta reflexão final da Prática de Ensino Supervisionada, e analisando este percurso, considero que, no seu todo, existiram momentos de aprendizagem e momentos para refletir, que contribuíram para o crescimento pessoal e profissional.

Deste modo considero que a minha prestação na PES foi positiva, da qual levo na muitas aprendizagens, competências e ferramentas, que estão ligadas a esta profissão.

Para finalizar considero que este percurso foi muito compensador. Enquanto professora estagiária vivenciei momentos que ficarão na memória e que recordarei com muito carinho. Não esquecendo, o contacto com profissionais excelentes que me ajudaram e tornaram este percurso formativo inesquecível.

Em jeito de conclusão, sempre quis ser professora, só que (ainda) não sabia. Assim, tentarei sempre orgulhar esta profissão dando o melhor de mim e seguindo o exemplo de todos os profissionais que passaram pela minha vida e que me motivaram e me despertaram a ser o que sou hoje.

Referencias bibliográficas

Abrantes, P. (n.d.). *Análise Social*, vol. XLVI (199), 2011, 261-281. Revisitando a teoria da reprodução: debate teórico e aplicações ao caso português**.

Alves, L. A. (2001). O Estado da História - o Ensino. *Revista da Faculdade de Letras*, 30.

Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 3º ano, 1º ciclo do ensino básico português. (2018). Direção-Geral da Educação. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_3a_ff.pdf

Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 4º ano, 1º ciclo do ensino básico português. (2018). Direção-Geral da Educação. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_4a_ff.pdf

Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 3º ano, 1º ciclo do ensino básico matemática. (2018). Direção-Geral da Educação. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/ae_mat_3.o_ano.pdf

Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 4º ano, 1º ciclo do ensino básico matemática. (2018). Direção-Geral da Educação https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos_Curriculares/Aprendizagens_Essenciais/Consulta_Publica/1_ciclo/4_matematica_cp.pdf

Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 3º ano, 1º ciclo do ensino básico estudo do meio (2018). Direção-Geral da Educação. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/3_estudo_do_meio.pdf

Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 4º ano, 1º ciclo do ensino básico estudo do meio (2018). Direção-Geral da Educação http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/4_estudo_do_meio.pdf

Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 4º ano, 1º ciclo do ensino básico educação artística (2018). Direção-Geral da Educação.

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/1c_artes_visuais.pdf

Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 6º ano, 2º ciclo do ensino básico português. (2018). Direção-Geral da Educação

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/6_portugues.pdf

Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 6º ano, 2º ciclo do ensino básico história e geografia de Portugal. (2018). Direção-Geral da Educação

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/6_historia_e_geografia_de_portugal.pdf

Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos: 6º ano, 2º ciclo do ensino básica educação para a cidadania (2021). Direção-Geral da Educação 120

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/cidadania_e_desenvolvimento.pdf

Aries, P., & Duby, G. (1991). História da Vida privada. Edições Afrontamento.

Barca, I. (2000). *O Pensamento Histórico dos Jovens*. Braga: CEEP, Universidade do Minho.

Barca, I. (2004). Aula Oficina: do projeto à Avaliação. In BARCA, Isabel, org.- Para uma Educação Histórica com Qualidade: Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica, Braga: CIEEd/Universidade do Minho; Instituto de Educação e Psicologia/ Universidade do Minho ,p.131-144.

Barca, I. (2012). *Ideias Chave para a Educação Histórica: uma busca de (inter) identidades*. 37- 51. História Revista. <https://doi.org/10.5216/hr.v17i1.21683>

Barreno, M.I.Costa,M.V.Horta, M.T. (2010). *Novas Cartas Portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote

Beauvoir, S. (1954). *Os Mandarins*. Rio De Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Beauvoir, Simone de (s.d). *o segundo sexo*. Amadora, Livraria Bertrand,2.ªed.

- Bittencourt, C. VII M. F. (2018). Ensino de História: fundamentos e métodos [versão eletrónica]. https://books.google.pt/books?hl=ptPT&lr=&id=N3dZDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=DISCIPLINA+DE+HISTORIA+E+O+desenvolvimento+humano&ots=Ew0xY60rvk&sig=Pmc27JSiiGXQATgOblZxApBqtE&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false
- Bodgan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora.
- BOURDIEU, P. (2005), Esboço para uma Auto-Análise, Lisboa, Edições 70.
- BOURDIEU, P., e PASSERON, J.-C. (1964), Les héritiers: les étudiants et la culture, Paris, Minuit.
- BOURDIEU, P., e PASSERON, J.-C. (1990 [1970]), A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino, Lisboa, Vega.
- Brandão ,Eugénio (1979), Estereótipos em manuais Escolares, Comissão da Condição Feminina, Lisboa.
- Buescu, H. C., Morais, J., Rocha, M. R., & Magalhães, V. F. (2015). Programa e metas curriculares de português do ensino básico. Ministério da Educação e da Ciência. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcpeb_julho_2015.pdf
- Carlos, B. N. (2019). *A educação para a (des)Igualdade de Género: O papel da educação na (re)produção dos estereótipos de género*. (Dissertação de mestrado em Estudos sobre as Mulheres na Sociedade e na Cultura, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, universidade Nova de Lisboa). Lisboa.
- Chagas, J., & Meireles, C. (2010). Quando as feministas influenciaram o poder. Publico.
- Coimbra, U. d. (2019-2023). Plano para a igualdade, equidade e diversidade - 2019-2023. Comissão, E. (2007).
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (2017). Igualdade de Género em Portugal. https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2017/07/AF_CIG_FactSheet.pdf
- Constituição Decreto Lei n.º 22241 (1933). Diário do Governo N.º 43/1933, 1.º Suplemento, Série I de 1933-02-22. [HTTPS://WWW.PARLAMENTO.PT/PARLAMENTO/DOCUMENTS/CRP-1933.PDF](https://www.parlamento.pt/Parlamento/Documents/CRP-1933.PDF)

- Cooper, H. (2002). *History in the early years*. Taylor & Francis.
- Cooper, Hilary; CHAPMAN, Arthur (2009)-Constructing history 11-19. London: SAGE.
- Coutinho, C. (2006). Aspectos Metodológicos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal (1985-2000).
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1317831213W7wZI5xo9BI51OS2.pdf>
- Coutinho, C. (2011). Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas. Em C. Coutinho, Paradigmas, Metodologias e Métodos de Investigação. Edições Almedina.
- Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Básicas (2001). Direção-Geral da Educação.
<https://alvarovelho.net/attachments/article/39/LivroCompetenciasEssenciais.pdf>
- Duby, G., & Perrot, M. (1991). História das Mulheres- O século XIX. Edições Afrontamento.
- Duby, G., & Perrot, M. (1991). História das Mulheres- O século XX. Edições Afrontamento.
- Fernandes, D. (1991). Notas sobre os paradigmas da investigação em Educação.
- Henriques, Fernanda (1996), "Em busca de uma Pedagogia da igualdade". Revista Inovação, n.º9, pp.127-137.
- Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei.º46/86 (1986). Diário da República n.º 237/1986,
- Leite, C. (2021) A censura e a importância da(s) liberdade(s): entre a História e a Cidadania Global (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Viana do Castelo). Repositório científico IPVC. <http://hdl.handle.net/20.500.11960/2536>
- Lobo, A. R. S. (2013). Avaliação de Manuais Escolares de Português. Mestrado em Didática do Português. Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior de Educação de Coimbra, Coimbra.
- Martelo, Maria de Jesus Agapito (2004), A escola e a Construção da identidade das raparigas. O exemplo dos manuais escolares, CIDM, Lisboa.
- Moreira, Marco A. (2006). A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula. Brasília: Editora da UnB.
- Moreira, P. A. S, Dias, P., Vaz, F. M., & Vaz, J. M. (2013). Predictors of academic performance and school engagement: Integrating persistence, motivation and study skills perspectives

- using person-centered and variable-centered approaches. *Learning and Individual Differences*, 24(2), 117-125. <http://dx.doi.org/10.1016/j.lindif.2012.10.016>
- Pena, C.(2008). *A revolução das Feministas Portuguesas 1972-1975*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta]. Repositório Aberto da Universidade Aberta. <HTTP://HDL.HANDLE.NET/10400.2/1220>
- Ribeiro, C. P., Vieira, H., Barca, I., Alves, L. A., Pinto, M. H., & Gago, M. (2017). *Epistemologias e Ensino da História (XVI Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica)*. Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».
- Ribeiro, L. (2021). *Do Estado Novo à Democracia: Educação Histórica e Cidadania Global*. (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Viana do Castelo). Repositório científico IPVC. <http://hdl.handle.net/20.500.11960/2615>
- Rüsen, J. (1992). *El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico: una hipótesis ortogénica relativa a la conciencia moral*. *Jornal Propuesta Educativa* Série I de 1986-10-14. <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/lei/1986-34444975>
- Tavares, J. A. (2019). *A Igualdade de Género na promoção de um mundo mais justo: o contributo da História e geografia de Portugal na Cidadania Global*. (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Viana do Castelo). Repositório científico IPVC. <http://hdl.handle.net/20.500.11960/2193>
- Universidade de Coimbra. (2019-2023). *Plano para a Igualdade, Equidade e Diversidade*. https://www.uc.pt/sustentabilidade/igualdade/PIEDUC2019_2023_web.pdf Wall, K., Cunha, V., Atalaia, S., Rodrigues, L., Coreia, R., Coreia, S. V., & Rosa, R. (s.d.). *Livro Branco- Homens e igualdade de Género em Portugal*.

ANEXOS

Escola EB 2,3 da Foz do Neiva					
Plano de Aula – 1.ª Aula de Regência					
Mestrando: Liliana Filipa Couto Fernandes		Ano/Turma: 6.ªA		Dia da semana: Segunda-feira	Data: 21 de março
Área disciplinar: História e Geografia de Portugal Aula nº 44 Tempo: 8.30/9.20 (segunda-feira)		Sumário: Preenchimento de um questionário relacionado com Igualdade de género antes e depois do 25 de abril de 1974; Análise de jornais e audição de músicas sobre a temática do Golpe Militar de 1974; Visualização de um vídeo sobre o 25 de Abril; Visualização do percurso dos militares portugueses até ao Golpe Militar (“Linhas da liberdade”); Leitura de algumas curiosidades sobre o Estado Novo. (Saco das Curiosidades);			
Conteúdos por domínio	Aprendizagens a desenvolver	Desenvolvimento pedagógico e didático da aula	Tempo	Recursos/ Espaços Físicos	Avaliação
PORTUGAL DO SÉCULO XX	O 25 de Abril e a construção da democracia até à atualidade	História e Geografia de Portugal 8:30h às 9:20 <i>Esta sessão tem o objetivo de dar a conhecer aos discentes o Golpe Militar de 25 de Abril de 1974, através de jornais, músicas, vídeos e de partilha de saberes e curiosidades.</i>			

	<p>-Reconhecer os motivos que conduziram à revolução do 25 de Abril, bem como algumas das mudanças operadas;</p> <p>-Caracterizar o essencial do processo de democratização entre 1975 e 1982;</p>	<p>A aula inicia com o preenchimento no caderno diário do sumário da aula.</p> <p>Após a realização do sumário os alunos passam ao preenchimento de um questionário sobre a Igualdade de género durante o Estado Novo. (Anexo1)</p> <p>Depois desta primeira parte, na sala estarão expostos recortes de jornal com notícias referentes ao Golpe Militar de 1974 e serão reproduzidas músicas referentes a esta época histórica. (Anexo2)</p> <p>Desta maneira, a P.E pedirá aos alunos que leiam as notícias expostas e prestem muita atenção à letra das músicas que vão ouvindo.</p> <p>Num segundo momento a P.E questionará sobre o que acabaram de ver, ler e ouvir.</p> <p>Com esta atividade pretendo que os alunos contatem artigos de diferentes jornais (fontes primárias) assim como músicas desta época Histórica. Com este contato é pretendido explorar a temática do golpe Militar de 25 de Abril de 1974.</p> <p><u>Perguntas Orientadoras:</u></p>	<p>10 minutos</p> <p>15 minutos</p>	<p>Questionário</p> <p>-Recortes de jornal;</p> <p>- Músicas do 25 de Abril de 1974;</p> <p>-</p>	<p>-Observação direta;</p> <p>- O aluno preenche o questionário dado;</p> <p>- O aluno identifica o tema da aula com base nas imagens que visualiza e das músicas que ouve;</p> <p>- O aluno já conhece um pouco a temática;</p>
--	--	--	-------------------------------------	---	--

		<p>1. Após lerem os jornais expostos e ouvirem as músicas, qual pensam que vai ser a temática a tratar nesta aula?</p> <p>2.O que leram nos jornais expostos?</p> <p>3. O que ditou este Golpe Militar? Quais as razões?</p> <p>4.O que era o MFA (Movimento das Forças Armadas)?</p> <p>5.O que sabem sobre o 25 de Abril de 1974? O que já ouviram falar?</p> <p>6.O que pretendiam as pessoas que mudasse no país?</p> <p>7.As músicas que ouviram, conheciam?</p> <p>8. Que mensagem transmitem estas músicas?</p> <p>Depois desta introdução e desta troca de ideias e conhecimentos sobre a temática a P.E passa à visualização de um vídeo alusivo ao tema, “O 25 de Abril num minuto” da RTP Ensina. (Anexo3)</p> <p>Aquando do vídeo a P.E questionará os discentes sobre o que visualizaram.</p> <p>Este vídeo tem o intuito de levar os alunos a pensarem sobre como era o quotidiano durante o Estado Novo, que por vezes não era fácil, de uma forma mais informal. Contudo, passando pelos pontos chave desta época histórica. Este vídeo aborda a censura, a tortura e prisão</p>	<p>15 minutos</p> <p>15 minutos</p>	<p>- Vídeo</p>	<p>- O aluno responde às questões da docente,</p> <p>- O aluno questiona a docente sempre que tem dificuldades;</p> <p>- O aluno apresenta empatia pela temática;</p> <p>-O aluno consegue identificar os principais</p>
--	--	--	-------------------------------------	----------------	--

	<p>pela PIDE, a colonização, a ascensão ao cargo de chefe do governo de Marcelo Caetano até ao momento do Golpe Militar de 25 de Abril de 1974.</p> <p><u>Perguntas Orientadoras:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1.O que mudou com a nova constituição? 2.O que é uma Ditadura? 3. Quais eram as colónias de Portugal? 4.O que era a “Primavera Marcelista”? 5.Alguém sabe a história por de trás dos cravos vermelhos? Ou seja, o porquê de ter sido este o símbolo do Golpe Militar do 25 de Abril de 1974? <p>Após a visualização do vídeo e do diálogo com a turma sobre a temática, a P.E analisará com os alunos o percurso dos militares portugueses desde o dia 23 de abril até aos dias seguintes do Golpe Militar de 1974. Esta análise será feita através da página online do jornal público que se intitula “As Linhas da Liberdade”, de José Alves (infografia) e Dinis Correia (Web Design). (Anexo 4)</p> <p>Esta tarefa “Linhas da Liberdade” insere-se na temática do Golpe Militar de 25 de Abril de 1974, e desta maneira leva os alunos a uma exploração mais direta dos</p>	15 minutos	<p>- “As linhas da Liberdade”;</p> <p>- Saco das curiosidades ;</p>	<p>acontecimentos do 25 de Abril;</p> <p>- O aluno consegue entender a importância do Golpe Militar e 1974;</p> <p>-O aluno identifica as razões que levaram ao 25 de Abril de 1974;</p> <p>- O aluno analisa o percurso e estratégias das tropas militares</p>
--	---	------------	---	---

		<p>acontecimentos vividos. Assim como leva os alunos a saberem que este golpe não começou apenas no dia 25 de Abril, mas sim muito antes, assim como não acabou nesse mesmo dia.</p> <p>Através desta sequência os alunos também terão contacto com os planos dos militares assim como as notícias de rádio que eram passadas.</p> <p>Todas as sessões irão terminar com uma atividade o “Saco de curiosidades” onde, à vez, 2/ 3 alunos tiram deste mesmo saco algumas curiosidades sobre o Estado Novo e leem para a turma, para posteriormente debaterem em conjunto. (Anexo 5)</p> <p>Esta última dinâmica consiste em dar a conhecer aos alunos a privação dos direitos, principalmente dos direitos das mulheres. Onde estas eram inferiorizadas em relação ao sexo oposto.</p> <p><i>Com esta sessão pretendo que os discentes fiquem a conhecer a realidade que era vivida durante o Estado Novo e revivam um pouco o 25 de Abril de 1974, assim como as razões que levaram a esta revolução.</i></p>			<p>portuguesas até ao Golpe Militar;</p> <p>-O aluno entende a importância do Golpe Militar de 1974;</p> <p>- O discente consegue delinear diferenças entre a época Histórica trabalhada e a época vivida;</p> <p>-O aluno descobre algumas curiosidades</p>
--	--	---	--	--	--

					sobre esta época Histórica; -O aluno reflète sobre as aprendizagens adquiridas;
--	--	--	--	--	--

Escola EB 2,3 da Foz do Neiva					
Plano de Aula – 2.ª Aula de Regência					
Mestrando: Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico		Ano/Turma: 6.ªA	Dia da semana: Quarta-feira	Data: 23 de março	
Área disciplinar: História e Geografia de Portugal Aula nº 45 Tempo: 12.20/13.10 (Quarta-feira)		Sumário: O Golpe Militar de 25 de Abril de 1974 Realização de um jogo online sobre a temática; Realização de um jogo “Quem é Quem” sobre a igualdade de género durante o Estado Novo; Saco das curiosidades;			
Conteúdos por domínio	Aprendizagens a desenvolver	Desenvolvimento pedagógico e didático da aula	Tempo	Recursos/ Espaços Físicos	Avaliação
PORTUGAL DO SÉCULO XX	O 25 de Abril e a construção da democracia até à atualidade	História e Geografia de Portugal 12:20 às 13:10 <i>Esta sessão tem o intuito de perceber o que os alunos entendem sobre a igualdade de género antes do 25 de Abril. Para isso será realizado um pequeno jogo “ Quem é Quem” onde os alunos terão de se colocar no lugar do outro.</i>			

<p>-Reconhecer os motivos que conduziram a revolução do 25 de Abril, bem como algumas das mudanças operadas;</p> <p>-Caracterizar o essencial do processo de democratização entre 1975 e 1982;</p>	<p>A aula inicia com o preenchimento no caderno diário do sumário da aula.</p> <p>Posteriormente, a P.E questionará os alunos sobre o que aprenderam na última sessão e sobre o que ainda se recordam.</p> <p><u>Perguntas Orientadoras:</u></p> <p>1.Qual foi a temática abordada na última aula?</p> <p>2.Que recursos utilizamos?</p> <p>3.O que diziam os jornais que analisámos?</p> <p>4.Quais foram as músicas que ouvimos e o que simbolizavam?</p> <p>5.O que tratava o vídeo que assistimos?</p> <p>6.E o que observaram no percurso dos militares desde o dia 25 de Abril até ao dia 27 de abril?</p> <p>Depois desta revisão sobre o que foi aprendido na última sessão, a P.E projetará um jogo online de perguntas sobre a temática, para os alunos responderem em grande grupo. (Anexo 6)</p> <p>Esta primeira atividade consiste em recordar o que foi aprendido, mais concretamente perceber se os alunos ainda se lembram do Golpe Militar de 25 de Abril de</p>	<p>10 minutos</p>	<p>10 minutos</p>	<p>-Jogo online;</p>	<p>-Observação direta;</p> <p>- O aluno entende a importância do Golpe Militar de 25 de Abril de 1974;</p> <p>- O aluno reflete sobre as aprendizagens;</p> <p>- O aluno desenvolve o seu pensamento crítico;</p> <p>- O aluno sabe as razões que</p>
--	--	-------------------	-------------------	----------------------	---

		<p>1974. Perceber se os discentes dominam as ideias gerais sobre esta época histórica, como as notícias da época, as músicas da Revolução e os acontecimentos posteriores a este Golpe.</p> <p>Numa segunda fase da aula a P.E passará para a realização de um jogo lúdico (“Quem é Quem”) relacionado com a temática da igualdade de género durante o Estado Novo. Este jogo consiste em os alunos colocarem-se no lugar do outro, consciencializando assim os mesmos principalmente para o facto de que mulheres e homens não tinham direitos iguais durante o Estado Novo. (Anexo 7)</p> <p>Deste modo, a P.E passará a explicar as regras deste jogo “Quem é Quem”.</p> <p>Que são:</p> <p>Inicialmente será dado a cada aluno um papel com uma personagem e este terá de dar um passo em frente sempre que ache que a sua personagem pode fazer as seguintes atividades, ou permanece no lugar sempre que não pode realizar as propostas que a P.E dirá.</p> <p>Exemplo:</p>	20 minutos	- Recortes;	<p>levaram à revolução de 1974;</p> <p>-O aluno entende que antes do 25 de Abril existia muita desigualdade de género;</p> <p>-O aluno entende consegue colocar-se no lugar do outro através do jogo</p>
--	--	---	------------	-------------	--

		<p>“P.E: Dá um passo em frente se podes votar; Se não podes votar permaneces no mesmo lugar.”</p> <p>Concluído o jogo a sessão terminará com a reflexão em grande grupo sobre a mesma atividade. A P.E fará algumas questões para perceber o que os discentes retiram desta sessão.</p> <p><u>Perguntas Orientadoras:</u></p> <p>1.O que observaram com este jogo? Todos conseguiram chegar à linha final?</p> <p>2.Porque é que nem todos conseguiram chegar à linha final?</p> <p>3.Acham que todos tinham os mesmos direitos durante o Estado Novo?</p> <p>4. Acham que havia igualdade de género?</p> <p>5. O que pensam de homens e mulheres não terem os mesmos direitos? Acham justo?</p> <p>6. Gostavam de ser mulheres durante o Estado Novo?</p> <p>Nesta parte da aula os alunos iriam trocar ideias e saberes até chegarmos a algumas conclusões finais. Estes também serão incentivados a darem a sua opinião sobre este tema.</p>	10 minutos	-Guião Orientador;	<p>“Quem é Quem”;</p> <p>- O aluno participa ativamente no jogo proposto;</p> <p>- O aluno consegue retirar algumas conclusões depois da realização do jogo proposto;</p> <p>- O aluno responde às questões feitas;</p>
--	--	---	------------	--------------------	---

		<p>Com este Jogo lúdico é esperado que os alunos tenham empatia pelos colegas que não conseguem chegar ao fim da linha. Ou seja, este jogo acaba por sensibilizar para a igualdade de direitos entre homens e mulheres antes e durante o Estado Novo e não só, sensibilizar os discentes para este tema que ainda é muito discutido atualmente apesar das mudanças ainda há desigualdade.</p> <p>Para consolidar o que aprenderam, a P.E pedirá aos alunos que, a pares, realizem um trabalho de pesquisa sobre a grande defensora da Igualdade de Género durante o Estado Novo, Carolina Beatriz Ângelo e que na próxima sessão apresentem este à turma. Neste trabalho será dada a liberdade total à turma para apresentarem o mesmo como entenderem (pode ser através de PowerPoint, cartazes, vídeos, etc.). A P.E também dará um guião orientador para os alunos se guiarem na realização desta tarefa. (Anexo 8)</p> <p>Este trabalho de pesquisa tem como objetivo os alunos conhecerem melhor esta personalidade histórica que lutou pelos direitos das mulheres durante o Estado</p>		<p>- Saco das Curiosidades;</p>	<p>- O aluno entende que a realidade que vivemos hoje é diferente da realidade do Estado Novo;</p> <p>-O aluno descobre algumas curiosidades sobre esta época histórica;</p> <p>- O aluno tem empatia pela temática da desigualdade de género;</p>
--	--	---	--	---------------------------------	--

		<p>Novo. Desta maneira é um contacto mais direto que o aluno tem com esta problemática.</p> <p>A sessão terminará com a atividade do saco das curiosidades, onde alguns alunos irão retirar de um saco alguns recortes com curiosidades sobre o Estado Novo. (Anexo 5)</p> <p>Esta última dinâmica consiste em dar a conhecer aos alunos a privação dos direitos, principalmente dos direitos das mulheres. Onde estas eram inferiorizadas em relação ao sexo oposto.</p> <p><i>Com esta aula é pretendido que os alunos entendam que a igualdade de género não existia durante o Estado Novo e que fiquem também a conhecer algumas curiosidades sobre esta época histórica.</i></p>			<p>- O aluno tem compreensão histórica;</p>
--	--	---	--	--	---

Escola EB 2,3 da Foz do Neiva					
Plano de Aula – 3.ª Aula de Regência					
Mestrando: Liliana Filipa Couto Fernandes		Ano/Turma: 6.ªA		Dia da semana: Segunda-feira	Data: 28 de março
Área disciplinar: História e Geografia de Portugal Aula nº 46 Tempo: 8.30/9.20 (segunda-feira)		Sumário: As consequências do 25 de Abril A construção do Regime Democrático			
Conteúdos por domínio	Aprendizagens a desenvolver	Desenvolvimento pedagógico e didático da aula	Tempo	Recursos/ Espaços Físicos	Avaliação
PORTUGAL DO SÉCULO XX	O 25 de Abril e a construção da democracia até à atualidade. -Reconhecer os motivos que conduziram à revolução do 25 de Abril, bem como algumas das mudanças operadas;	História e Geografia de Portugal 8:30h às 9:20 <i>Esta sessão tem o objetivo de abordar com os discentes “As consequências do 25 de Abril de 1974” e a “Construção do Regime Democrático” através da visualização de um vídeo e de algumas imagens, assim como, com atividades interativas no programa “Mentimeter”, onde terão de dar o seu parecer sobre a temática.</i>			-Observação direta;

	<p>-Caracterizar o essencial do processo de democratização entre 1975 e 1982;</p> <p>-Identificar/aplicar os conceitos: democracia, e direito de voto.</p>	<p>A aula inicia com o preenchimento no caderno diário do sumário da aula.</p> <p>Após a realização do sumário, a P.E questionará os discentes sobre a temática a trabalhar nesta sessão “As consequências do 25 de Abril de 1974”. (Anexo1)</p> <p><u>Perguntas Orientadoras:</u></p> <p>1.O que acham deste título? Acham que houve consequências associadas ao 25 de Abril? Que consequências são essas?</p> <p>2. O que era o MFA?</p> <p>3.Acham que o MFA tinha um programa para depois do 25 de Abril de 1974?</p> <p>4. Qual seria esse programa?</p> <p>Após esta partilha os alunos terão de aceder à plataforma digital, “Mentimeter” e colocar uma sugestão para a questão “Quais as ideias gerais do Programa do MFA?”.</p> <p>Depois desta atividade, faremos uma pequena troca de ideias sobre as sugestões dos discentes.</p> <p><u>Perguntas Orientadoras:</u></p>	10 minutos	- Mentimeter;	<p>- O aluno identifica algumas consequências do 25 de Abril de 1974;</p> <p>-O aluno sabe responder às questões;</p> <p>- O aluno consegue identificar o que era essencial mudar depois do Estado Novo;</p> <p>- O aluno entende as ideias do MFA;</p>
--	--	---	------------	---------------	---

		<p>1.O que acham destas ideias apresentadas? Acham que faltam mais ideias?</p> <p>2.Concordam com todas as ideias apresentadas?</p> <p>Esta atividade tem o intuito de levar os alunos a pensarem no que era necessário mudar no país depois do Estado Novo. Ou seja, repensem nas medidas e propaganda do Estado Novo e refletirem no que era essencial mudar para assim, sermos um país livre.</p> <p>A seguir, será realizada a atividade seguinte, que consiste em os alunos associarem algumas palavras/ frases a imagens. Na sala estarão escondidas algumas palavras e frases relacionadas com a temática. Os alunos terão de encontrar estas frases e palavras para depois associar as mesmas a imagens que vão estar expostas na sala.</p> <p>(Anexo2)</p> <p>Depois de associarem as palavras/ frases, com ajuda da turma toda iremos em grande grupo discutir quem são estas personalidades e a importância que detiveram na história de Portugal. Assim como será debatido as medidas do MFA.</p> <p><u>Perguntas Orientadoras:</u></p>	10 minutos	<ul style="list-style-type: none"> - Imagens; - Recortes de frases e nomes; 	<ul style="list-style-type: none"> - O aluno aplica novos conceitos relacionados com a temática; - O aluno entende a importância das personalidades históricas apresentadas; - O aluno identifica as medidas do MFA; -O aluno sabe identificar a
--	--	---	------------	---	--

		<p>1. Conhecem estas personalidades históricas? De onde?</p> <p>2. Sabem a importância destes homens na história do 25 de Abril de 1974?</p> <p>3. Sabem que cargos exerciam?</p> <p>4. Qual foi a importância destes para a revolução do 25 de Abril?</p> <p>5. O que podem dizer sobre o programa do MFA?</p> <p>6. Acham que este programa faz sentido? Mudavam algum ponto? Ou acrescentavam mais algum ponto?</p> <p>Com esta tarefa é pretendido que os alunos através da descoberta cheguem a alguns pontos essenciais sobre a temática. De maneira que, conheçam algumas figuras emblemáticas do 25 de Abril assim como, a importância que detiveram. Algo que também é abordado e discutido com os discentes é o programa do MFA, para perceber o que estes pensam sobre este programa.</p> <p>Após esta partilha será mostrado aos discentes um vídeo sobre a história do dia 1 de Maio, Dia do Trabalhador.</p> <p>(Anexo3)</p> <p><u>Perguntas Orientadoras:</u></p>		<p>-Vídeo;</p>	<p>data histórica a trabalhar;</p> <p>- O aluno tem sensibilidade histórica;</p> <p>- O aluno dá o seu parecer sobre a temática;</p> <p>- O aluno aprende mais sobre o Dia do Trabalhador;</p>
--	--	--	--	----------------	--

		<p>1.Sabiam da origem do dia 1 de Maio/ Dia do Trabalhador?</p> <p>2. O que acharam deste vídeo?</p> <p>3. O que aprenderam de novo?</p> <p>4. Acham importante a celebração desta data? Porquê?</p> <p>Este vídeo tem o intuito de dar a conhecer aos alunos a história da celebração do Dia do Trabalhador e a sua importância.</p> <p>Depois desta dinâmica, a P.E pedirá aos alunos que em grupo realizem pequenos cartazes para se manifestarem, assim como aconteceu no dia 1 de Maio de 1974, onde as pessoas se manifestaram-para terem melhores condições de trabalho. (Anexo4)</p> <p><u>Questões orientadoras do trabalho:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Problema que quero apresentar; 2. Solução para esse problema; 3. Como vou chamar a atenção para o meu problema? <p>Depois de todos participarem a P. E iniciará um diálogo com os discentes sobre o 1.º de Maio e a luta dos trabalhadores para melhores condições.</p>	10 minutos	-Imagens alusivas ao dia 1 de Maio;	<p>- O aluno responde às questões;</p> <p>- O aluno entende a importância do 1 de Maio;</p> <p>- O aluno entende a origem do Dia do Trabalhador;</p> <p>- O aluno desenvolve uma boa dinâmica de grupo;</p>
--	--	--	------------	-------------------------------------	---

		<p><u>Questões orientadoras:</u></p> <p>1.Como se sentiram ao terem de pensar nas condições de trabalho e no que queriam melhorar?</p> <p>2.Quando ingressarem no mundo do trabalho sabem que vão ter direitos e deveres?</p> <p>3.Vão estar atentos para verem se esses direitos são cumpridos?</p> <p>4.Não se podem esquecer que também têm deveres, e também os devem cumprir.</p> <p>Esta tarefa tem o intuito de criar um exercício de empatia nos alunos, pela situação vivida no dia 1 de Maio de 1974. Levando estes a pensarem sobre os direitos e deveres assim como, as condições de trabalho.</p> <p>Para iniciar mais um dos temas da aula, a P.E pedirá aos discentes que acedam à plataforma "Mentimeter" onde estes terão de responder à questão "Diz um direito que foi alterado com o 25 de Abril de 1974".</p> <p>Após as respostas a P.E juntamente com os alunos irá proceder a um diálogo sobre esta temática. (Anexo5)</p> <p><u>Questões orientadoras:</u></p> <p>1.Concordam com todas as sugestões dadas?</p>	10 minutos	- Mentimeter:	<p>- O aluno consegue trabalhar em grupo;</p> <p>- O aluno é criativo;</p> <p>-O aluno domina a temática;</p> <p>- O aluno entende que têm direitos e deveres;</p> <p>- O aluno defende o seu ponto de vista;</p>
--	--	--	------------	------------------	---

	<p>2.Alguém gostava de acrescentar mais algum direito? 3.Acham que existem mais direitos que não colocaram aqui?</p> <p>Com esta partilha é pretendido que os alunos relembrem a privação de direitos que era uma característica do Estado Novo e que pensem em direitos que achem essenciais e fundamentais existir depois do 25 de Abril de 1974.</p> <p>Numa parte mais final da aula iremos passar à visualização de um vídeo sobre as primeiras eleições depois do 25 de Abril de 1974.Desta maneira, os alunos irão ter testemunhos na primeira pessoa sobre estas eleições. Durante este vídeo e para prender a atenção dos discentes será dada uma ficha para estes irem completando ao mesmo tempo que ouvem e observam o vídeo. (Anexo 6)</p> <p>Depois da visualização a P.E passará para a correção da ficha e desta maneira irá questionando os alunos sobre o que acabaram de ver e ouvir.</p> <p><u>Perguntas Orientadoras:</u></p> <p>1.Acham que esta eleição teve muita aderência?</p>	10 minutos		<p>- O aluno tem empatia;</p> <p>- O aluno tem alguns conhecimentos prévios sobre a temática;</p> <p>-O aluno cria estratégias para a realização do trabalho;</p> <p>- O aluno identifica um direito que foi alterado com o 25 de Abril de 1974;</p>
		10 minutos	-Vídeo;	

		<p>2.Eram eleições para que cargo?</p> <p>3.As pessoas sabiam em quem votar?</p> <p>4.O que podem observar com este vídeo?</p> <p>Para concluir a sessão a P.E mostrará aos alunos alguns cartazes e propaganda de incentivo ao voto. Com estes exemplos será proposto aos discentes que realizem também um cartaz de incentivo ao voto. Com esta proposta é pretendido que os alunos deem asas à imaginação e criatividade. Este trabalho será apresentado à turma, posteriormente. (anexo7)</p> <p>Com esta última tarefa é pretendido que os alunos pensem sobre os direitos e deveres fundamentais, mais concretamente sobre o direito de voto e a sua importância para a população e para o país.</p> <p>No fim da sessão a P. E pedirá como trabalho de casa que os alunos façam um trabalho de pesquisa em grupos de 4 elementos sobre as colónias portuguesas. Será dado a cada grupo uma colónia para pesquisarem. Este trabalho será orientado através de um guião. (Anexo8)</p> <p><i>Com esta sessão pretendo que os discentes conheçam o programa do MFA, algumas personalidades históricas</i></p>	10 minutos	- Exemplos de cartazes;	<p>- O aluno entende as mudanças de direitos que existiu depois do 25 de Abril de 1974;</p> <p>-O aluno entende a importância de votar;</p> <p>- O aluno entende a importância das eleições;</p>
--	--	--	------------	-------------------------	--

		<i>importantes da época histórica trabalhada e que tenham momentos de empatia pelos acontecimentos históricos trabalhados.</i>			<ul style="list-style-type: none">- O aluno é criativo para a realização do cartaz; - O aluno domina a temática; - O aluno tem empatia pela época histórica trabalhada;
--	--	--	--	--	---